EX-LIBRIS
Annibal Fernandes Thomaz
NOBILITAS MEA NOMEN
PASTOR

OBRAS POETICAS DE VALADARES.

Naõ cance o cégo Amor de me guiar
Á parte, donde naõ saiba tornar-me;
Nem deixe o Mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me naõ deixar.

CAMÕES SON. LXXI.

OBRAS POETICAS

DE

JOAQUIM FORTUNATO DE VALADARES GAMBOA.

Segunda Ediçaõ correcta, e emendada.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1791.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em papel a trezentos réis : Meza 11 de Abril de 1791.

Com tres Rubricas.

PROLOGO.

SE o temor da mordacidade enfraquecesse a resoluçaõ para as composições, naõ veriamos com utilidade pública as innumeraveis Obras, que em todas as sciencias florecem, immortalisando os nomes de seus Authores: porque he tal a malevolencia de muitos homens, que nem ainda do bom se animaõ a dizer bem. Conheço que as minhas Poesias naõ devem ter lugar entre aquellas, que por sublimes o merecem distincto; mas naõ as quero julgar taõ insípidas, que naõ possaõ tambem ter seu lugar.

Bem sei que a veneravel censura dos Sabios podia obrigar a tremer de susto a minha resoluçaõ; mas estes constituidos na certeza de que eu sem mais instrucçaõ, que hum natural affecto á

Poe-

Poesia, me arrebatei a fazer as presentes composições, por hum só verso que lhes seja agradavel, disfarçaráõ benignos os defeitos dos outros todos; mal polidas producções da natureza sem arte.

Das engraçadas boccas de alguns conhecidos he que me parece estou ouvindo a mais picante maledicencia; mas como tenho melhor conhecimento do caracter dos seus animos, do que elles o tem da condiçaõ de semelhantes Obras, seja-me permittido sómente o dizer, que naõ devo darlhes satisfações: mas sempre he desgraça que hum homem, que naõ sabe escrever huma carta em prosa, se queira metter a censor de versos.

Do louvor dos amigos bem podéra vãgloriar-me; mas como a paixaõ, que os domina lhes formará dos

meus

meus desconcertos consonancia , só lhes agradeço o affecto , ainda que me naõ estimule o seu applauso a menor vaidade. Eu confesso a teria de agradar a todos ; mas se esta felicidade ainda por ninguem foi conſeguida , e o descontentar a todos seria maior desgraça , contentar-me-hei se na acceitaçaõ de alguns merecer o agrado ; que isto he natureza.

SONETO

I.

QUEM o meu canto ouvir desafinado
  Naõ fuja de repente aborrecido;
Applique por hum pouco o terno ouvido,
  Talvez de compaixaõ fique magoado:

Naõ me ouvirá em metro sublimado
  Cantar de Heróe algum esclarecido:
  Cantar com outro estilo mais subido
  Pertence a engenho só mais levantado.

Em verso mal composto, e sem medida,
  Agora cantarei tristes enredos
  De meu terrivel mal com voz sentida.

Attenda quem me ouvir, veja os segredos;
  Que já com terna voz sem força erguida
  De dôr fiz estalar duros rochedos.

SONETO

II.

SE eu tivera noticia de huma gruta
No seio da montanha mais sombria,
E que humano vivente naõ sabia
Deste inculto lugar, caverna bruta;

Nella fora metter-me, e sem disputa
Por já mais nunca vêr o claro dia,
Sómente algumas noites sahiria
Colher para o sustento agreste fruta:

Alli sombras pisando, entaõ quizéra
Naõ saber cá do Povo, e lá profundo,
Que no Povo de mim ninguem soubéra:

Porém he o meu mal taõ furibundo,
Que em lugar taõ funesto inda temêra
Que o Fado me arrancasse á luz do Mundo.

SONETO

III.

DEBAIXO desta faia recostado,
Já que ameno este sitio me convida,
Quero vêr se socega hum pouco a lida,
Em que sempre labora o meu cuidado;

Mas alli por de traz deste silvado
Das abelhas se escuta huma zonida!
Já seu leve sossurro á triste vida
O repouso me deixa destroçado:

He fatal aprênsaõ, a que me entrego;
Que o mais debil motivo logo basta
Para me perturbar todo o socego.

Mortal melancolia he que me gasta:
Que importa o sitio grato, a que me chego,
Se este mal já de mim nunca se affasta?

SONETO

IV.

VAGANDO a vil tristeza descorria
Por todo o vasto Mundo, e naõ achava
Para se aposentar, como intentava,
Hum funebre lugar sem alegria:

Cavernosos rochedos descobria,
Profundissimas grutas encontrava;
Mas todo o esteril sitio despresava;
Porque inda mais funesto o pretendia.

Nasci eu, empecilho da ventura,
Que por desordem vil da natureza
Nunca vi da alegria a formosura:

Voando sobre mim logo a tristeza,
Só no meu peito achou morada escura,
Qual nunca póde achar na redondeza.

Nes-

SONETO

V.

NESTE valle, onde vivo rodeado
Dos tormentos, que me urde a sórte dura,
Ás vezes choro a minha desventura,
Outras mais me acomodo ás leis do Fado:

Desta vida campestre já me agrado,
Desagradavel já se me affigura;
Sem que faça huma fixa conjectura,
Com que possa viver mais descançado:

Levanto vãs idéas, persuadido
De ter melhor caminho a vida aberto;
Mas logo esse caminho acho impedido.

Mil discursos revolvo, e só acérto,
Quando por discorrer já confundido
De meu mal só contemplo o desconcerto.

SONETO

VI.

Se a choupana, onde durmo se queimára,
Se a minha sementeira se perdèra,
Se de ronha o rebanho me morrêra,
E de raiva o meu caõ se espedaçára!

Pouco importa que a sórte excogitára
Estas perdas, se assim me acontecèra;
Que os cuidados, que trago já naõ era
Caõ, choupana, rebanho, nem seára.

Por Matilde me abrasa fogo àrdente,
He Matilde sómente o meu cuidado:
Por Matilde suspiro impaciente:

Se alcançasse em Matilde hum leve agrado,
Deixára pòr servilla eternamente
Rafeiro, semeadura, choça, e gado.

SONETO

VII.

SE eu soubéra cantar em doce lira,
Ou esse Pastor loiro me ensinára ;
A suavidade entaõ com que cantára
Em louvor de Matilde só se ouvíra :

Seu divino semblante definira,
E com voz sonorosa eu obrigára,
Que a Fama em toda a parte publicára
A belleza por quem Amor suspira.

Mas huma aspera flauta só ferindo,
A penas de meus males a vehemencia
Com som rouco mal posso ir descobrindo.

Oh ! mal haja esta minha negligencia !
Pois naõ posso cantar de hum gesto lindo :
Mal haja desse Apollo a influencia !

SONETO

VIII.

Eu ando vagamundo; páro, e corro,
Meu discurso delira, e nunca pára:
Oh! se a bella Matilde imaginára,
Que endoudeço por ella sem soccorro!

Eu se desta Serrana, por quem morro
Toda a vida os agrados alcançára,
Só entaõ como vago naõ vagára;
Naõ discorrêra assim como discorro.

De seus braços senhor já sem receio,
Oh que amantes carinhos lhe diria!
Oh que branda prisaõ, que doce enleio!

Socegada esta louca fantasia,
Arrancados entaõ dentro do seio,
Oh! que meigos suspiros, que daria!

Pe-

SONETO

IX.

PELAS margens do Téjo descuidado
Frondoso caminhava hum certo dia,
Quando a bella Feliza ao longe via,
Por quem sente de amor algum cuidado.

Apressa-se o Pastor; mas socegado
Á Pastora chegando, lhe dizia
Sua amante paixaõ, sem mais valia,
Que hum modo frouxamente namorado.

Escutou-lhe Feliza o rendimento,
E chêa de carinho, e de ternura
Lhe promette de amor o tratamento:

Só eu, que abalar fiz esta espessura,
Expressando a Lorinda o meu tormento,
Nunca pude em Lorinda achar brandura.

SONETO

X.

LIZE, Lize, onde vás? Attende, attende;
Naõ fujas de hum Pastor, que te venéra;
Naõ fujas; Lize, Lize, espera, espera,
Vê que amar-te meu peito naõ te offende.

Por amor obrigada entende, entende,
Que huma féra se rende a outra féra:
E tu, que és racional, que és d'outra esféra,
Este amor naõ te obriga? Naõ te rende?

Pois cruel, a hum Pastor, que por ti morre,
Porque fóges, ao menos dize, dize?
E depois mais ligeira corre, corre.

Porém já que naõ queres, pize, pize
Tua planta veloz; porém discorre
Que seguir-te-hei-de a gritos: Lize, Lize.

Bem

SONETO

XI.

Bem folgo, Alberto, achar-te aqui presente;
Vem comigo, Pastor, vem, vem andando,
Hum caso saberás (eu vou contando)
Que agora aconteceo, que assombra á gente.

Eu vinha com Dalizo, e de repente
O Pastor dessa encosta ao valle olhando,
Com Armindo Filena vê brincando:
Zeloso no chaõ cahe rapidamente:

Pégo nelle, chamando-o espavorido,
Mal ergueo a cabeça; e naõ podendo
Tornou a reclinar-se amortecido:

Vejo-te acaso entaõ; e vim correndo
Teu soccorro buscar, que és mais sabido:
Vamos lá, que Dalizo está morrendo.

SONETO

XII.

Por acaso se passa huma semana,
Que festas senaõ façaõ lá na Aldêa;
Mas eu, que nada alegre me recrêa,
Naõ me atrevo a sahir desta cabana:

Se acaso algum Pastor cuida me engana,
E convidar-me vem com cauta idéa,
Lhe respondo tristonho; ninguem crêa
Que eu já torne a tratar com gente humana:

E se algum por amigo magoado
Me exhorta, que o recreio me he decente,
O semblante lhe mostro mais pezado.

Elle entaõ, que me vê taõ descontente,
Se retira, sentindo o meu cuidado;
E eu fico sózinho mais contente.

Oh

SONETO

XIII.

Oh! como alegre o ar corre sereno,
Sem que denso vapor fusco o affronte!
De flôres matisado está o monte,
Deleitavel está o valle ameno:

Menêa a viraçaõ o debil feno,
E flammante o Ceo tem sua azul fronte;
Murmurando descorre aquella fonte,
Fertilizando todo este terreno:

Dous Pastores lá vem a pouco espaço
A frescura buscando desta estancia,
As avenas tocando por compasso.

Delles quero fugir com arrogancia;
Que para companhia só abraço
De meu mal a tremenda exorbitancia.

SONETO

XIV.

Como corre sereno este ribeiro!
E que alegre que vejo todo o prado!
De boninas está tudo coalhado,
Florido o valle está, florido o outeiro.

Na pontinha acolá daquelle ulmeiro
Hum passarinho canta descuidado;
Depenicando as pennas repousado,
Além outro deviso em hum salgueiro.

Tudo repouso tem, tudo alegrias!
Mas que muito se alegre quem naõ sente
Do feminino genio as tyrannias!

Mas ai! triste de quem descontente
Os enganos conhece, e aleivosias,
Crueldade, e rigores desta gente.

Em

SONETO

XV.

Em mulheres firmeza! oh! que loucura
He daquelle, que assim se persuade!
Naõ se lhe vê no peito a falsidade,
Como se vê no rosto a formosura.

Aquelle, que deseja ter ventura,
Naõ entregue a mulher a liberdade;
Porque o mal, que se esconde he realidade,
Apparente he o bem, que se affigura.

Eu fallo nestas cousas como experto;
Sem que possa tomar justa vingança
Daquellas, que me tem o peito aberto.

Ninguem crêa, como eu, na segurança
De peitos feminís; porque he bem certo,
Que quem disse mulher, disse mudança.

SONETO

XVI.

Que fazes, coraçaõ? Vou padecendo.
Quem te causa essas penas? Huma ingrata.
E conservas-lhe amor? Amor me mata.
Deixa pois de querella. Só morrendo.

Quiz-te bem algum tempo? Hia querendo.
E te trata cruel? Cruel me trata.
Pois que causa a obrigou? Naõ quiz ser grata.
E que intentas fazer? Amar soffrendo.

Olha assim que te perdes. De que sórte?
Em obrar tanto excesso. Hei de querella.
Olha em fim que te matas. Quero a mórte.

Quem a tanto te obriga? Nize bella.
Razaõ tens, coraçaõ, segue o teu nórte:
Que naõ pódes seguir melhor estrella.

SONETO

XVII.

Se como amavel he, fosse amorosa
A belleza, no Mundo só reinára,
A vontade mais livre avassallára,
Se a todos naõ tratasse rigorosa.

Eu sei huma vontade, que gostosa
Vassallagem render-vos já ousára;
Mas se tanto rigor em vós repára,
Suspende a ousadia temerosa.

Depositado em vós da natureza
Hum prodigio se vê; mas crueldades
O imperio deslustraõ da belleza.

Deixai pois do rigor actividades;
Seja a meiguice igual á gentileza,
E regei voluntarias as vontades.

SONETO

XVIII.

Eu ví huma Pastora taõ galante,
Que duvidei se Deosa ella seria:
Humano o corpo seu naõ parecia,
Era angelico em fim o seu semblante.

Eu com ella fallei, e relevante
A sua discriçaõ me confundia;
Quiz dizer-lhe que a amava, e naõ podia
Entre affectos, e pejo vacillante.

Eu affavel a ví, e meu sentido
A entender por indicios mal lhe dava,
De sórte que nem fui della entendido.

Eu via-me Pastor, Deosa a julgava;
Entaõ, como inda agora, enternecido
Mudamente no peito a idolatrava.

SONETO

XIX.

Oh! que vistoso dia hoje amanhece!
Tudo brotando está contentamento;
Do Sol o rutilante luzimento
Mais que nos outros dias resplandece:

No campo a murcha relva reverdece;
Nascem flores de novo cento a cento;
Huma sombra de leve sentimento
Neste dia feliz naõ apparece:

Até aquella vil melancolia,
Que domicilio tem dentro em meu peito,
De dentro do meu peito se desvia:

Mas he, formosa Enália, hoje este effeito;
Porque tu annos fazes neste dia,
Hum applauso geral a teu respeito.

SONETO

XX.

BASTA, Filena, já de impertinente
Repetir tanta cousa, que eu naõ négo;
Deixa-me cá viver no meu socego,
E tu vivendo vai tambem contente:

Eu outro vivo já bem differente
Do que quando de amor vivia cego;
Se te faz novidade este despego
A causa lá discorre interiormente.

Para que he renovar-me essas memorias?
Eu peço-te de amor já demasias,
Ou importaõ-me cousas transitorias?

Se verdade será quanto dizias?
Porém saõ para mim essas historias,
Como eraõ de Cassandra as profecias.

SONETO

XXI.

MALDITO seja Amor mil vezes mil,
Que enredos a milhões no Mundo faz:
E dizerem que he Deos este rapaz!
Hum cruel, sem piedade, infame, vil!

Qual o bom caçador fére subtil
O passarinho incauto, por sagaz;
Assim esse Cupido anda voraz
Ferindo os mortaes peitos com ardil.

Que desordens naõ faz o impuro Amor?
Deitando tantas gentes a perder,
Cidades assolando o seu rigor?

E dizerem que he Deos? Naõ póde ser:
Naõ he Cupido Deos, he hum traidor:
Maldito seja quem por Deos o crêr.

SONETO

XXII.

Vivo ás mãos d'huma ingrata a quem adoro
Com rigor taõ violento maltratado,
Que o triste coraçaõ despedaçado
Envolto vem nas lágrimas, que choro.

Eu morro, e nesta lida nada imploro,
Que me possa apartar de ser magoado;
Pois do mal tanto vivo arrebatado,
Que se algum bem me lembra mais peioro.

Tomára só que roto o triste peito,
Por melhor conhecer minha agonia,
Misero o coraçaõ visse desfeito.

Que alivio entaõ me désse naõ queria:
Pois desejo que só saiba o effeito,
Que em mim triste produz tal tyrannia.

Naõ

SONETO

XXIII.

NAÕ triunfaria, naõ, naõ certamente,
Com astucias o Grego navegante;
Se fosse das serêas o descante
Como he da bella Marcia voz cadente:

O mesmo, o mesmo Ulysses, que indecente
De Circe encantadora foi amante,
Se visse a gentil Marcia, mais constante
Naõ quizera de Marcia vêr-se ausente.

Enfeitiça de Marcia a formosura,
Sua voz enternece tanto, tanto,
Que mais naõ póde ser. Oh! que doçura!

Quem ouvirá de Marcia o doce canto,
Quem de Marcia verá a face pura,
Que enlevado naõ fique deste encanto?

SONETO

XXIV.

Eu naõ sei o que dentro de mim sinto!
Que paixaõ será esta, que trahidora
Para mim nem ser póde matadora,
Nem seu impeto fórte ser extinto?

Huma dôr, huma angustia, hum labyrinto
Me attormenta, me afflige, e me devóra:
Isto he mais que paixaõ, que sinto agora:
Eu naõ sei o que dentro de mim sinto.

A mim mesmo confuso me aborreço;
Aos Ceos delirante a mórte imploro;
Mas a mórte naõ vem; porque a apeteço.

Eu naõ sei o que isto he? Suspiro, e choro;
Mas só sei que de tudo o que padeço
He motivo a cruel, a quem adoro.

SONETO

XXV.

Cuidei que nunca mais de Amor tyranno
Me deixasse vencer, como algum'hora;
Mas só quanto o combate se demóra,
A firmeza conserva o peito humano.

Mal que vi de Filena o vil engano
Jurei de nunca amar outra Pastora;
Mas por vencer-me Amor valeo-se agora
Do gesto de Lorinda soberano:

Mostrou-me Amor Lorinda, e sem mais rogo
Meu protesto quebrei, e o vencimento
Ligeiro Amor se foi cantando logo:

Mas Lorinda he mulher; se o vil intento
De falsaria seguir, por desafogo
Eu prometto firmar o juramento.

SONETO

XXVI.

LÁ do sangue de Adonis salpicadas
As rósas, que entaõ brancas todas eraõ;
Do natural mudando, concebêraõ
Essa côr, com que as vemos engraçadas.

Vossas faces gentís, que taõ coradas
Sempre naturalmente florecêraõ;
Agora que a sangria a Floro déraõ
De compaixaõ as vêmos demudadas.

Alentai, alentai, Tirce formosa,
Porque a vossa tristissima agonia
Faz de Floro a molestia mais penosa.

Lá de Adonis o sangue, que vertia,
Foi tragedia cruel, foi lastimosa:
He a Floro saudavel a sangria.

So-

SONETO

XXVII.

SONORO passarinho, que cantando
Nesse álamo frondozo estás contente;
Se irracional naõ fôras certamente,
Minha magoa sentíras lamentando.

Se de amor entendêras, divisando
Este triste, que vês taõ descontente,
Suspendêras o canto, e de repente
Por naõ vêr-me te foras suspirando.

Porém ai que se foi o passarinho!
Por instincto talvez conheceria.
De meu tragico amor o descaminho.

Ai misero de mim! que elle se iria
Esquecido cantar n'outro raminho!
Eu de Tirce me lembra a companhia.

Há

SONETO

XXVIII.

Ha vida mais penosa? Toda a vida,
Depois de ter as noites mal passado,
Ir hum homem levar ao pasto o gado
Antes da luz do Sól resplandecida!

Ás déz horas, que saõ as da comida,
Huns legumes jantar, sem mais guisado,
No jugo os bois metter, e apoz do arado
Todo o dia lavrar em bruta lida?

Junto á noite, depois desta batalha,
Ir segar para os bois erva gostosa,
Humas migas cear, isto sem falha?

Entaõ ir, sem ter cama, a noite umbrosa
Na cabana dormir envolto em palha,
E isto sempre? Ha vida mais penosa?

SONETO

XXIX.

HA vida mais ditosa? Toda a vida
Sem desgostos o tempo ter passado;
Da mesma lã vestir-me do meu gado
Sem a seda invejar resplandecida?

Ás horas sempre ter prompta a comida
Que a Pastora fiel tem guisado,
O campo agricultar, regendo o arado
Colher depois o fructo desta lida?

Naõ temer os assaltos da batalha,
Nem da Corte invejar cousa gostosa;
Em socego viver sempre sem falha?

Ir com Laura os serões de noite umbrosa
Na choupana passar, feita de palha;
E isto sempre? Ha vida mais ditosa?

Tan-

SONETO

XXX.

TANTO excesso por mim, Filis, obrar!
Que historia esta será? Que hei de entender?
Sem dúvida esta Filis, a meu vér,
Inda amores naõ tem a seu pezar.

Dár-se-ha caso que queira ella mostrar,
Que me póde feliz a mim fazer?
Oh! que se eu fora todo a seu querer,
Que feliz que seria a meu gostar!

Porém nada disto he a meu sentir:
Todo seu me naõ faz; infeliz sou,
Ella Flora se exalta em seu luzir:

Pois se Deoza das flôres se exaltou,
Que muito tanta flôr mandasse vir?
Que dominava as flôres só mostrou.

Des-

SONETO

XXXI.

DESPRESANDO Fileno aborrecido
Os conselhos do velho, o bom Agrario,
Foi servir de Soldado voluntario
Ventureiro na Armada de Cupido.

As suas arduas leis seguio rendido,
Sem nota militando temerario;
Porém já mais prudente, de Amor vário
Desertou, por seguir melhor partido:

Marte busca gostoso; e quando a lida
Marcial lhe agradou, golpe violento
Sem remedio lhe fez mudar de vida.

Hoje hum cajado traz por armamento;
Por companhia o gádo, e sem medida
De pelles veste o pobre fardamento.

SONETO

XXXII.

Suspende, ó fonte, já tua corrente,
Naõ medules já mais, ó Filomena,
Nesse prado te secca, relva amena,
E tu, Febo, te esconde no Occidente;

Vós, Pastores, fugi, fugi da gente,
O rabil despresai, deixai a avena:
Vós, Serranas, tambem cheias de pena
Desgadelhai-vos todas de repente.

Ovelhas, naõ pasteis; fugi do abrigo;
Tu, Zefiro, recolhe o doce alento;
Nynfas todas, chorai, chorai comigo;

Mostre tudo signaes de sentimento:
Se a causa naõ sabeis, eu vo-la digo:
Foi trahidora Natercia; ai que tormento!

Ama-

SONETO

XXXIII.

AMADO, ámado bem, Tirce querida,
Quando vêr-vos cheguei táõ molestada,
Minha alma de tal dôr foi penetrada,
Que por alivio dar-vos déra a vida:

Lisonja naõ julgueis encarecida
Este amor, esta pena exagerada;
Porque vér em tormento a prenda amada
He de hum amante a magoa mais sentida.

Tem vosso mal, ó Tirce, produzido
Hum effeito em minha alma taõ violento,
Que o coraçaõ de dôr sinto partido;

Mas se o meu extremoso sentimento
De bem a vosso mal naõ tem servido;
Inda he mais que tormento, o meu torméto.

SONETO

XXXIV.

SE Venus vosso garbo reflectíra,
O garbo só de vós, Laura, aprendêra;
A dourada maçã, Páris, vos déra,
Se naquelle banquete lá vos víra;

Se comvosco Minerva competíra,
A vossa discriçaõ a convencêra;
E se acaso quem sois Juno attendêra,
A mesma Deosa Juno vos servíra:

Sois gentil, sois discreta, e sois Senhora;
Mas sois de condiçaõ mais féra, e rára
Ainda, do que a Deosa caçadora:

Do Olympo a vos amar Jove baixára;
Porém vossa altivez mais que trahidora
A Jupiter supremo abandonára.

Quem

SONETO

XXXV.

Quem me disséra a mim, quando luzido
Hum batalhaõ na Corte se formava,
Signal dando os clarins, que eu nelle entrava
Com honra militar reconhecido;

Logo de hum vaõ desejo persuadido,
Que o augmento mais breve me ditava;
A distante Provincia me passava,
Aonde militei sempre attendido:

Quem me disséra entaõ, que brevemente
Do paternal abrigo despojado
Neste estado me víra decadente?

Eu podéra dizello, se observado
Tivéra dessa róda incontinente
O retrógrado móto accelerado.

SONETO

XXXVI.

NAõ sei se aquella estrella, que domina
Em mim triste infeliz, he a culpada,
De que a ordem das cousas baralhada
Se vire contra mim sempre mofina:

Tudo infelicidades! Será sina,
Com que infausta me segue a sórte irada?
Creatura naõ ha taõ desgraçada:
O duro Fado assim o determina:

Mas em que agouros creio? Certamente
De estrella, sina, sórte, ou triste Fado
Delirante me queixo, obro imprudente.

Incognito juizo sublimado
He que assim me destina providente;
Naõ saõ agouros, naõ, será peccado.

O

SONETO

XXXVII.

O TEMPO já chegou de eu conhecer
De teu fingido amor a ingratidaõ;
Mas ha muito me disse o coraçaõ
Isto mesmo, que agora chego a vêr:

Formosa o justo Ceo te quiz fazer,
Porém por natureza; com razaõ,
Se aleivosa naõ fosses, nisso entaõ
Deixarias de obrar como mulher.

Eu te amei com extremo, e este amor
Hum martirio em meu peito fez abrir,
Que agora o fez crescer teu desamor:

Elle naõ deixará de me affligir;
Mas por mais naõ dar força ao teu rigor
De teus olhos, cruel, quero fugir.

SONETO

XXXVIII.

A PASTORA, que eu amo, he a mais bella,
Que as ribeiras do Tejo tem pisado;
Quando a vejo, suspendo-me enlevado,
Se a naõ vejo, suspiro entaõ por ella:

Quando os olhos levanta, e com cautela
Os volve para mim, cheia de agrado,
Tantas cousas lhe digo namorado,
Que ás vezes de amor chego a enternecella.

Deste affago sómente satisfeito,
Entaõ sinto cá n'alma huma ternura,
Que me aballa por dentro todo o peito:

Porém, como já sei quanto se apura
O Fado contra mim, logo suspeito
Que durar-me naõ póde esta ventura.

Ven-

SONETO

XXXIX.

VENDO Amor que Fileno rebatia
Os agudos farpões, que lhe atirava,
E que as grossas cadêas destroçava,
Com as quaes sobjugallo pretendia,

Sem saber neste caso o que faria
O vingativo Deos, laços lhe armava;
Mas elle que os enganos penetrava
Nas astutas siládas naõ cahia:

Sendo assim o Deos cégo descomposto,
Desatou a chorar de enraivecido;
Porém Fileno a rir do seu desgosto:

Eis que mais fórte ardil lembra a Cupido:
Mostrou-lhe de Beliza o gentil rosto;
Gemeo logo Fileno enternecido.

SONETO

XL.

NAÕ entendas, Albano, que em belleza
A tua Olaia excede os meus amores:
Se ella logra na fama altos primores
Maior nome lhe dá tua agudeza:

Da Pastora, que adoro, a gentilleza
Conhece, que naõ tem gráças menores;
E se nome naõ tem, he que louvores
Lhe naõ sabe cantar minha rudeza.

E vós ditosa Olaia, celebrada
Por Albano vivei, vivei contente
Sobre as asas da Fama remontada.

Mas tu, gentil Pastora (saiba a gente)
Se naõ fores na Fama eternisada,
Vivirás na minha alma eternamente.

SONETO

XLI.

Desse mal indicante hum ai ardente,
Ó Nize, vos ouví taõ magoado,
Que ás mãos da compaixaõ arrebatado
Logo o peito sentí entrecadente.

Eu quizera por vós, Nize, contente
Desse mal, que sentis ser maltrado;
Pois fora menos mal ser molestado,
Que assim de compaixaõ viver doente:

Porém como do Fado o duro intento
Contra mim tem disposto os seus furores,
Quererá que sintais, por meu tormento.

Mas, ó Fado cruel, crueis rigores,
Ou de dôr me acabai o triste alento,
Ou deixai-me o meu bem livre de dôres.

SONETO

XLII.

Eu me quizera, Anarda, persuadir,
Como affirmais, que a Fabio naõ quereis;
Mas se o contrario obrais do que dizeis,
Que verdade aqui posso eu consentir:

Elle excessos mil faz por vos servir,
Vós extremos por elle mil fazeis:
E que entaõ com enganos intenteis
Esse amor evidente desmentir!

Em fim, Anarda, vós a Fabio amais;
Elle vos ama a vós, e com rigor
Isto me affirmaõ bem certos signaes:

E se agora entendeis que sem primor
Vos quero desmentir, vos enganais;
Pois quem só vos desmente he vosso amor.

SONETO

XLIII.

ADEOS, Nize formosa, adeos amada;
Adeos, prenda gentil, Nize querida:
Oh! quaõ aspera me he, quaõ desabrida
Essa terra, que a vós he abrigada!

Já que he força eu ficar nesta jornada,
A vós sendo forçosa esta partida;
A minha alma acceitai por despedida
Doce amor, lindo bem, Nize adorada:

Lá se acaso algum dia, com ternura
Vos chegar este triste ao pensamento,
Recordada da nossa fé taõ pura;

Hum suspiro entregai entaõ ao vento;
Que se cá chegar vivo por ventura,
Entaõ respirarei hum doce alento.

SONETO

XLIV.

Eu naõ sei que Pastor he este Braz,
Que taõ fórte alegria sempre tem;
Se a huma festa vai, já de lá vem
Excogitando adonde outra se faz:

No rebanho cuidado nenhum traz;
Da cabana esquecido anda tambem;
Se elle assento naõ toma por seu bem,
Eu naõ sei que ha de ser deste rapaz.

Pois ás vezes sei eu que de sentir
Causas tinha; porém, se algum Pastor
O conduz á palestra, pőe-se a rir:

Certamente que Braz por vêr o horror
Da tristeza, que a mim faz consumir,
Nos recreios sómente pőe o amor.

SONETO

XLV.

Junto á linda Tircea namorada
Ví huma borboleta andar voando;
Até que o gentil rosto seu tocando
Cahio a mariposa agonisada:

A Pastora ficou sobresaltada,
Quando o toque sentio; mas reparando,
Com a mimosa maõ nella pegando,
Reviveo outra vez mais alentada.

Eu assim que isto ví, dando hum gemido;
Ah! Tircéa gentil! (por desafogo
Disse em fórma que fosse presentido)

Sem tocar-te me abraza amante fogo;
Naõ me alenta o teu mimo: e della ouvido
Naõ pude dizer mais, que fugio logo.

SONETO

XLVI.

Naõ sei, Frondelio amigo, certamente
Como he de Gil com Lesbia este cuidado;
Pois quem vir hum Pastor taõ descançado
Julgará que de amor paixaõ naõ sente:

Porém, se elle faz vida de contente,
Leve o jugo achará de Amor pesado;
Porque entre os guardadores bem fallado
Se murmura este amor por indecente:

O que duvido he mais dizerem, que ella
Faz contrato de amor, porque o adora
Por lhe dar lá no monte huma courella.

Se de esféra villissima ella fora,
Com dadivas mais proprio era vencella;
Mas em fim he mulher qualquer Pastora.

Sem

SONETO

XLVII.

SEM que tema perder a divindade
Mette a maõ na agua estigia o Deos Cupido;
E jura que vencer ha de attrevido
Da tyranna Violante a impiedade;

Mas eu, que por meu mal a falsidade
Tenho bem dessa ingrata conhecido;
Sei que ha de o Deos de amor ficar vencido;
Que Violante a ser meiga naõ persuade.

Oh! que ditoso eu fora, se domando,
O affouto Cupido ao mais violento
Rigor dessa cruel, me fora brando.

Mas elle naõ cumprindo o juramento,
Cem annos perde só de Deos o mando,
E sempre se eternisa o meu tormento.

Eu

SONETO

XLVIII.

Eu bem sei que sou pobre Pegureiro,
Que a guardar hum rebanho me aventuro;
Porém hum coraçaõ tenho mais puro,
Inda mais, que o do mais simples cordeiro.

Apollo, o Deos Apollo, já vaqueiro
Foi dos gados de Adméto, e conjecturo
Bem sabeis que Diana ao monte duro
Do Ceo vinha Endemiaõ buscar grosseiro:

Pois se hum Deos de Pastor occupa o trato,
Se huma Deosa a hũ Pastor amou, dizei-me
Que muito que eu Pastor me atreva grato?

Naõ vos irrite, ó Láura, que eu ateime;
Abrandai, abrandai o genio ingrato,
Nos Deoses reparai, correspondei-me.

Que

SONETO

XLIX.

QUE despenhada cahe daquella fonte
Fazendo horrivel som tanta agua impura;
Como crespa se vê toda a espessura ;
Mal se avista confuso esse Orisonte !

Este outeiro empinado aqui defronte ,
Inda faz mais opáca a brenha escura ;
He da côr dos cyprestes a verdura
Dos freixos neste valle monte a monte.

Oh ! que grata vivenda a hum desgraçado ,
Que já por melancólica vehemencia
Só no horror da tristeza encontra agrado :

Certamente que a alta Providencia
Este sitio me tinha destinado ,
Para minha perpetua residencia.

SONETO

L.

QUE importa bem nascido, e bem criado
Viver qualquer no mundo,e com riqueza,
Ter forças, brio, garbo, ou gentileza,
Amigos, ou amores alcançado?

De Amor os laços rompe opposto o Fado;
Acaba a formosura, e fortaleza;
E se a sórte a opulencia faz pobreza,
Criaçaõ, e nascer fica eclipsado.

Pois se estado qualquer o Fado, ou sórte
Destruir poderá, se assim domina,
Que seguiremos só por firme, e fórte?

A virtude sigamos; porque sina
Perseguida tanto he de adverso córte,
Quanto entaõ resplandece mais divina.

Ado-

SONETO

LI.

ADORADA Beliza; oh! quem me déra
Com vosco estar presente, e peito a peito
Fazer-vos conhecer o doce effeito,
Que a vossa formosura em mim altera!

Tanto, tanto minha alma vos venera,
Quanto vós digna sois deste respeito;
O coraçaõ de amor sinto desfeito,
Porque a vossa belleza amores géra:

Porém naõ quero, naõ, do affecto ardente,
Que me faz suspirar por vós constante,
Premio algum, que julgueis naõ ser decente.

Mas quizera, meu bem, esta alma amante,
Que de mim vos lembrasseis certamente,
Quando sózinha estais de mim distante.

SONETO

LII.

QUE mais queres de mim? Do cãpo as flôres
Colherei por te ornar ramalhetinhos;
As pelles te darei de tres arminhos,
Que á minha maõ vieraõ das melhores:

Com risco subirei, mas sem temores,
Das arvores mais altas aos raminhos;
Só para te apanhar os passarinhos
Mais bonitos de côr, e bons cantores:

Guardar-te-hei as ovelhas pelo monte,
E se algumas de ronha forem sujas,
Tambem as curarei, mal que lhe aponte:

Dar-te-hei o doce mel, e sem que o mujas,
Das cabras o bom leite hir-te-ha á fonte:
Que mais queres de mim? Hora naõ fujas.

On-

SONETO

LIII.

ONDE foste cruel; onde, aprender
Esse modo tyranno de enganar?
Se ingrata vives só de me matar,
Como póde em teu peito amor viver?

Para que, para que he falsa dizer
Que constante me sabes adorar,
Se he tudo fingimento o teu fallar,
Sem nunca hum leve agrado me fazer?

Se me queres matar, fora melhor,
Ou com ternura só meu peito abrir,
Ou de todo acabar-me com rigor:

Porém vê como me has de resistir,
Pois contra os teus enredos com amor
Te hei de sempre valente perseguir.

SONETO

LIV.

Hum novo mar podéra ser formado
Das lagrimas, que choro descontente;
A naõ as consumir o fogo ardente,
Que tem o peito meu todo abrasado:

Choro ser de Floricia despresado;
Por ella ardo em amor continuamente;
E naõ pode dos olhos a corrente,
Ter do peito o voraz fogo apagado:

Mais frio, por cruel, que a neve fria
He de Floricia o peito; esta frialdade
Junta ao meu este ardor temperaria.

Oh! que doce frescura! na verdade
Até meu triste pranto acabaria,
Se acabasse em Floricia a crueldade.

N'hum

SONETO

LV.

N'HUM labyrinto tal vim encerrar-me,
A que naõ posso achar nenhum desvio;
Naõ tenho de Ariadna aquelle fio,
De que amante quizera aproveitar-me.

Hum monstro está feroz para tragar-me,
Peior que o Minotauro, e mais bravío;
E naõ acho huma Fedra, que com brio
Contra o monstro hũ veneno queira dar-me:

Naõ tenho de Tezeo a valentia,
Com que intrépido vença o monstro fórte,
Que intenta devorar-me cada dia.

O Labyrinto Amor fez desta sórte;
He o monstro hum ciume, que á porfia
Me ha de dar certamente horrenda mórte.

SONETO

LVI.

A FLAUTA já quebrei por descontente,
O pellíco rompí desesperado,
Em pedaços tambem fiz o cajado,
E ao rafeiro dei mórte em continente;

A cabana arrazei de impaciente;
No monte expuz ás féras todo o gado,
E á campina, que tinha semeado,
O fogo lhe lancei ultimamente.

Naõ tinha nada mais, que se o tivera
Lhe buscára máo fim; taõ extremada
He a dura paixaõ, que me exespera:

Porque apenas perdi a minha amada,
Perdi todo o meu bem; que antes perdêra
Todo o Mundo a ser meu, e fora nada.

SONETO

LVII.

CONHECE-SE o bem só quando perdido,
Naõ se conhece o mal senaõ presente;
E taõ fórte he a dôr, que entaõ se sente,
Quanto grande era o bem já possuido:

Eu na posse de hum bem taõ esquecido
Do mal, em que hoje estou vivi contente,
Que agora só conheço descontente
Esse bem, que logrei desconhecido.

Taõ cheio o peito está de sentimento,
Que á vista deste mal, e bem passado,
Nem futuro já quer contentamento:

Pois se ao lôgro de hum bem destróe o Fado,
Ficando taõ cruel conhecimento,
Melhor he nunca ter bem alcançado.

SONETO

LVIII.

QUERENDO ao grande Albano dar louvores,
Que a gloria de ser grande lhe augmentassẽ,
Mil juizos formei, naõ que igualassem
Este assumpto, maior entre os maiores.

Depois disto vi artes, lí authores,
Que o discurso de novo me agitassem;
Mas por idéas mais, que me lembrassem
A todas reprovei por inferiores:

Até naõ me esqueceo, com subtileza,
Para vêr se alcançava esta victoria,
O seio revolver da natureza.

Nada achei mais, que a fama, que he notoria,
De que ao grande Albano com grandeza
Suas obras só daõ louvor, e gloria.

Oh

SONETO

LIX.

Oh quanto vale mais entre a innocencia
Dos sincéros Pastores ir passando,
Que na Corte viver sempre arrastando
O comprido grilhaõ da dependencia!

De esperanças vãs cheio, em decadencia
O triste pretendente vai gastando;
Alegre o Pastor vive apascentando
O gado, que lhe dá conveniencia:

Alguns por ambiçaõ da dignidade,
A que aspiraõ talvez, e naõ merecem,
Enganados se engolfaõ na Cidade;

Mas aquelles, que o Mundo bem conhecem,
Abandonando tudo o que he vaidade,
Do campo a doce vida reconhecem.

SONETO

LX.

APENAS rompe a Aurora no Orisonte
Esse véo azulado, por costume
Levantando-me, logo accendo o lume,
Dou ordem ao almoço, e vou á fonte,

Para a cabana volto, e antes que aponte
O Sol dourado lá naquelle cume,
As ovelhas ordenho, e sem queixume
Vou com ellas sahindo para o monte:

Alli ás vezes tóco a doce avêna;
Outras vezes cantando passo o dia,
Sim me lembra a Cidade, mas sem pena.

Lorinda lá ficou; naõ me agonia.
Aqui vivo em socego, em paz serena:
Na Cidade tudo he aleivosia.

Sa-

SONETO

LXI.

SABE ingrata Pastora que o meu gado ;
As campinas , a vinha , o olivedo
Te quizera offertar ; mas tenho medo ,
Que fique o meu tributo reprovado :

Quando vejo que tens multiplicado
Cabedal , do que eu tenho , páro quedo ;
Mas posso-te fazer sem mais enredo
Outro nobre tributo sublimado :

Hum terno coraçaõ tenho constante ,
Que acceitallo Pastora te convinha ;
Quando naõ por ser meu , por ser amante.

Hum nobre coraçaõ , ingrata minha ,
De valor muito mais significante ,
Que os campos , olivedo , gado , e vinha.

SONETO

LXII.

CONHEÇO muito bem que o entendimento
Reger deve os impulsos da vontade;
E deve destroçar com liberdade
As paixões, que nos saõ hum mal violento:

Conheço muito bem que ao meu tormento
He motivo de Isbella a falsidade;
E deixalla devêra na verdade,
Pois tenho da razaõ conhecimento.

Conheço muito bem que me despreza;
Conheço a sem-razaõ, com que a adoro;
Mas deixalla naõ posso, e naõ me peza.

Conheço muito bem, e naõ melhoro,
De meu entendimento a vil fraqueza:
Hora he fórte o enleio, em que laboro!

SONETO

LXIII.

ADORMECENDO Amor hum certo dia
Entre huns mirtos, e flôres reclinado;
Da aljava se esqueceo, que pôz ao lado
Entendendo talvez naõ dormiria:

A formosa Lorinda, que podia
A Cupido vencer desperto, e armado;
Por acaso encontrando-o neste estado
As armas lhe roubou por zombaria.

Depois acorda Amor, e as setas duras
Naõ achando, se foi cheio de horrores
Chorando para a Mãi lagrimas puras:

Ninguem tema a Cupido, ou seus furores;
De Lorinda só tema as travessuras;
Que se arma cruel Deosa dos amores.

Cui-

SONETO

LXIV.

CUIDAS talvez, Filena, que eu zeloso
Sinto que a Gil adores com ternura?
Pois enganas-te nesta conjectura;
Que disso nada, nada estou queixoso:

De Lorinda alcancei, por extremoso,
O mais constante amor, e fé mais pura;
Vê agora com esta formosura,
Se poderei já mais viver penoso?

Tu por Gil me deixaste; muito embora;
Que sem haver em mim deslealdade
De partido melhor fiquei agora.

Tu peior que Lorinda és na verdade,
Eu melhor que o teu Gil: e assim Pastora
Obrigado te estou da falsidade.

Eu

SONETO

LXV.

Eu te prometto Atincio, eu te prometto
O mais nescio do Mundo confessar-me,
Se fazer te attreveres, por picar-me,
Em déz, vinte, ou mil annos hum quarteto.

Eu bem sei dias passaõ que hum terceto
Fabricar naõ me attrevo, sem cançar-me,
Mas a poder de tempo, e applicar-me
Lá succede sahir o meu soneto.

Mas tu que engenho tens? Tu negligente
Que conceitos dirás? se inda hum pedaço
De prosa naõ compões sufficiente?

Hora o que déras tu, dize madraço,
Se em quanto vivo fosses hum sómente,
Hum só verso fizeras, como eu faço?

SONETO

LXVI.

Se á proporçaõ do amor foi sempre a pena,
Amigo Jozefino muito amado,
Bem podeis lá julgar do vosso estado
Se será minha dor grande, ou pequena:

A molestia cruel, que vos condena
A tanto padecer, tem condenado,
Que viva o peito meu penalisado
Até que a vossa dór fique serena:

Bem sei que o meu pezar mal verefico;
Pois naõ cabe a expressaõ do meu affecto
Nesta rustica voz, com que me explico:

Mas crêde, amigo meu, sempre selecto,
Que saõ mais inda as penas com que fico,
Do que saõ as das aves, que remeto.

En-

SONETO

LXVII.

Entre os rios maiores celebrado
O Tejo deve ser; e naõ sómente,
Porque de aguas abunda transparente,
Mas por mil excellencias decantado:

Procurando-lhe as vêas com cuidado
Hum sceptro fez lavrar Deniz potente
De ouro puro inda mais, que o q̃ excellente
De Ophir por Salamaõ foi procurado:

Suas aguas saõ tanto virtuosas,
Que as mais calidas Ninfas logo ficaõ,
Mal que nellas se banhaõ, vigorosas:

Quando os campos innunda, se os fabricaõ,
Frutificaõ melhor, mais proveitosas
As seáras os frutos multiplicaõ.

SONETO

LXVIII.

NA Cidade ficai alegremente,
Que eu me parto a habitar estranhos lares;
Entre horror vivirei, entre pezares,
Entre delicias vós vivei contente:

O destino me leva: oh! se clemente
O Destino mudasse, e os mesmos ares
Respirar nos deixára, sem ficares,
Ou sem eu me partir! mas naõ consente.

Naõ sinto, meu bem, tanto a pena dura
Da saudade, que he grande sentimento,
Porque outro maior mal se me affigura:

Parece-me que vejo, oh! vil tormento!
Tomando vosso amor nova figura,
Sepultado eu ficar no esquecimento.

SONETO

LXIX.

QUAL do jardim a planta, que mimosa
Do Jardineiro incauto foi pisada,
Porém naõ se murchando levantada
Em crescimento vai sempre viçosa;

Assim neste meu peito, da penosa
Crueldade por vós executada,
Naõ desfallece a fé; mas alentada
Se conserva leal, sempre extremosa.

Lá inda desse acaso ser motivo
O Jardineiro sente, discorrendo
Seu descuido podéra ser nocivo:

De maõ posta porém, vós offendendo
Compaixaõ vos naõ causa hum peito activo;
Que prosegue em amar-vos sẽpre ardendo.

SONETO

LXX.

MANDA-ME, Nize, á parte mais distante,
Ou seja bom caminho, ou mal gradado,
Porque nunca acharás a teu mandado
A minha sã vontade repugnante:

Excogita algum modo extravagante
Para experimentares meu cuidado;
Manda-me a risco expôr, que eu arriscado
Te hei de prompto servir, sempre constante:

Má hora que este corpo esmorecido
Tu vejas affrouxar, Nize, adorada;
Antes por te servir fortalecido:

Naõ dormirei mil noites, se te agrada;
Mas depois de na cama estar mettido
Naõ me mandes erguer de madrugada.

SONETO

LXXI.

Se embutir-me quereis este affilhado
Com lisonja subtil nesta gracinha;
Por livrar-vos mais vezes de Madrinha
Eu me acclamo Padrinho confirmado.

He dita ser por vós lisonjeado;
Porém o coraçaõ cá me adivinha;
Que vós parte tereis na criancinha,
Eu Padrinho serei, mas duplicado.

Por Comadre vos busca reverente
Esse, a quem por Comadre me inculcastes;
Por ventura sois sua requerente?

Mas por Padrinho de ambos me encaixastes,
Por ficares Madrinha de hum sómente:
Hora vejaõ a traça, que buscastes!

He

SONETO

LXXII.

He possivel meu bem (naõ sei se o crêa)
Que vejo em minhas mãos hũ vosso escrito?
Eu o leio huma vez, outra o repito.
E naõ o posso crêr, por mais que o lêa:

Vós na Corte, Senhora, eu cá na Aldêa
Hum rustico Pastor vivendo afflito;
E lembrar-vos eu lá! Naõ acredito
Isto mesmo, que os olhos me recrea:

Porém a letra he vossa; e a ternura
Da expressaõ carinhosa da saudade,
Da minha doce Cloris he doçura.

Já dúvida naõ tenho; isto he verdade;
Assim podéra eu já ter a ventura
De ir tornar a servir-vos na Cidade.

SONETO

LXXIII.

Tu, laivosa Lacaia presumida,
Com laivos de Senhora, he fórte asneira!
Quem te deo o carmim, com que a faceira
Rubicunda fizeste, e taõ burnida?

Naõ te fora melhor ter guarnecida
Com laivos de carvunça a bigodeira;
Do que andares assim dessa maneira,
Que decente naõ he á tua vida?

Porém eu te aconselho christãmente;
Semelhantes enfeites lança fóra,
Que licitos naõ saõ a toda a gente:

Naõ queiras de ti dar má fama agora;
Que á mulher, como tu, fica indecente
O que adorno será n'huma Senhora.

Quem

SONETO

LXXIV.

QUEM de Amphitrite o reino quer passar
Procure ter Neptuno em seu favor;
E de Eólo tambem deve em rigor
Favoravel auxilio procurar:

He Neptuno, Senhoras, Deos do mar;
He Eólo dos ventos o Senhor;
E quem vir estes Deoses com furor
Naõ fará muito bem, se se embarcar:

Porém vós ao mar fostes; porque assim
Vos dizia o Piloto, que naõ tem
Destas cousas noticia, quanto a mim.

Hora louvai a Thétis, que tambem
Seu bocado governa; pois em fim
Com hum braço vos poz em Sacavem.

Aquel-

SONETO

LXXV.

AQUELLE o rebanho he do Pastor Fido,
Que a ladeira da fonte vái trepando;
Que perdido sem dono o vejo errando,
Como o dono sem gado anda perdido:

Anda o pobre Pastor taõ affligido
Na mudança de Flora contemplando;
Que pouco a pouco assim se vai mirrando,
Thé que a morrer vir ha de consumido:

Hora eu vou o rebanho conduzir-lhe,
E logo ponderar-lhe com prudencia,
As razões, que de bem pódem servir-lhe:

Bem sei que em vaõ será; mas paciencia;
Que como amigo estou para acodir-lhe
Obrigado a fazer a diligencia.

Co-

SONETO

LXXVI.

COMO queres, Enalia, que eu te queira,
Se eu naõ governo já minha vontade?
A Lorinda entreguei a liberdade,
A troco da affeiçaõ mais verdadeira:

Julgarias tu mesma acçaõ grosseira,
Se me víras usar de falsidade
Com aquella, que me he na lealdade,
Mais firme, que huma rija pederneira.

O que posso fazer, Pastora linda,
He servir-te com prompto desempenho
No que naõ fôr offensa de Lorinda.

E crê, formosa Enalia, que este empenho
Enleado me deixa; mas ainda,
Nisto que toca a amor, algemas tenho.

Na

SONETO

LXXVII.

NA Torre do Rebanho, que distava
Mil passos de Belém para o Oriente,
Cada qual dos Pastores diligente
Sobre o seu manso gado vigiava;

Quando a hora santissima chegava,
Em que nascendo Deos humanamente;
Cercando-os de huma luz resplandecente
Gabriel o Mysterio lhe annunciava.

Partem logo os Pastores ao Divino
Presepio, com tributos, com extremos
A adorar Deos nascido a qual mais fino.

Nós, amigos Serranos, adoremos
Como esses bons Pastores ao Menino:
Os nossos corações lhe tributemos.

SONETO

LXXVIII.

QUEM diz que naõ he vil a vil pobreza,
Nunca provou de pobre o mal nocivo;
Que se pobre vivêra, como eu vivo,
Veria que naõ ha maior vileza:

Que importa de ascendentes ter nobreza,
A quem falta dos bens o bem altivo,
Se o soberbo, o polaõ, o rico, o esquivo
Sómente a outros, taes como elle préza:

A mesma plebe errada só estima,
Corteja, applaude, serve, e julga nobre
Aquelle, a que a abundancia mais se arrima:

Pois se isto cada dia se descobre:
Cantarei pelo mundo em alta rima,
Que naõ ha mais vileza, que ser pobre.

Hia

SONETO

LXXIX.

HIA o Pastor Dalizo conduzindo
Por hum valle o rebanho, que guardava;
Quando alli n'hum regato, que passava
Vê Filena a brincar, na agua bolindo:

Altera-se o Pastor já presumindo
Que os seus zelos alli desabaffava;
Mas ella, que aleivosa lhos causava,
Lá de longe o conhece, e vai fugindo:

Bráda o Pastor dizendo, espera impía.
Ella entaõ apressando os leves passos
No peito lhe introduz nova agonia.

O cajado o Pastor faz em pedaços,
Com a dôr delirante se rompia:
De hum frenezí mortal tudo ameaços.

Cui-

SONETO

LXXX.

Cuidas talvez, Pastor, que excepto Flora
Já naõ ha mais Pastoras nesta Aldêa?
Ou morreres penando te recrêa
Por essa, que te mata de trahidora?

Deixa, deixa, Pastor, essa Pastora;
Que supposto conheço naõ he fêa
He mais linda do que ella a linda Altéa;
E suspira por ti a toda a hora;

Contra as paixões de amor he com effeito
O mais fixo remedio na verdade,
Empregar a affeiçaõ n'outro sujeito

Despreza pois de Flora a falsidade:
E porque Altea viva no teu peito,
Tira as leis da razaõ, naõ da vontade.

SONETO

LXXXI.

AS aves, que voando pelos ares;
Os Cordeiros saltando pelo monte,
O liquido crystal, que sahe da fonte,
As frutas agradaveis dos pomares;

Dos contentes Pastores os folgares,
A Aurora quando rompe no Orizonte;
Tudo motivos saõ, porque defronte
De hum mortal fujaõ todos os pezares:

Dos Pastores a festa me agonia,
E igualmente da Aurora a gentileza,
Pômos, aves, cordeiros, e agua fria:

Pois tenho perversa a natureza,
Que os maiores motivos de alegria
Infundem no meu peito mais tristeza.

SONETO

LXXXII.

DIZES, Floricio meu, que Gil repára
Que eu mais versos naõ cãte ao som da lira;
Se elle o fundo das cousas reflectíra,
Certamente que assim naõ reparára?

Se Jacob a Rachel naõ esperára,
Sete annos, e outros naõ servíra;
A Golias David naõ investíra,
Se a filha de Saul naõ desejára:

He do trabalho o premio que se espera,
Para que hum homem goste do exercicio,
Quem anima, dispõe, conduz, e altéra:

Eu sem premio trabalho, meu Floricio;
Que se isto alguma cousa me rendêra
Muitos versos cantára por officio.

Te-

SONETO

LXXXIII.

TENHA maõ! uy, Senhora, vossê vem
Muito fóra dos eixos da razaõ:
Largue o ferro, menina; pois entaõ,
Que tal he o delirio que hoje tem?

Hora diga-me cá, diga meu bem,
Minha vida, amor meu, meu coraçaõ,
Se me quer só ferir com má tençaõ,
Que mais duro punhal, que o seu desdem!

Más já vejo que irada contra mim,
Sem mais causa cruel, que eu ter-lhe amor,
Quer por amor lhe ter pagar-me assim:

Pois veja se executa esse furor,
Já depois de me dar á vida fim;
Em quem ha de empregar o seu rigor?

SONETO

LXXXIV.

QUEM peitos feminís quizer tratar
Ha de fazer a cama ao padecer;
Pois constancias naõ ha de nunca vêr,
E mil enganos sempre ha de encontrar:

Bem sei correspondencias póde achar:
Porém haõ de infallivel fenecer;
Que naõ póde em mulher permanecer
Affecto, que naõ venha a caducar:

E se acaso se alguma descobrir,
Que indicios de firmeza dando for,
De algum modo vir-se-ha de a destruir?

Porque segundo alcanço do rigor
De mil casos, que sei venho inferir,
Que em mulheres durar naõ póde o amor.

SONETO

LXXXV.

Se a Fortuna cruel me perseguíra
Por vêr que eu era bom, natural fora;
Porém sendo eu taõ máo, naõ sei agora
Como assim taõ contraria a mim se vira:

Contra os bons a desgraça se conspira;
Para os máos a ventura se melhora;
E porque isto se vê a toda a hora
Ninguem julgue que fallo com mentira:

Esse adagio por mim será riscado,
Que diz naõ ha roim sem ter ventura;
Se da ventura o mal naõ vir mudado;

Mas persiga-me embora a desventura;
Porque assim ficarei esperançado
De meu genio tomar boa figura.

SONETO

LXXXVI.

HORA que faço eu só neste deserto,
Para donde me trouxe huma loucura?
Que me importa de Laura a formosura,
Se eu achei no seu peito o amor incerto?

Eu aqui neste campo descoberto,
Onde sombras naõ ha, nem cobertura!
De mim Laura esquecida, e bem segura,
De soffrer semelhante desconcerto!

Se disto compaixaõ Laura tivera,
Ou cuidado lhe désse o meu cuidado;
Meu delirio desculpa ter podéra.

Porém isto he ser louco rematado;
Oh! quem nesta razaõ mais cedo déra!
Hora quero tornar para o povoado.

Qual

SONETO

LXXXVII.

Qual relogio de Sol, que serventia
Ter naõ póde de alguma utilidade,
Quando o dia está brusco, e na verdade
Ninguem delle faz caso nesse dia:

Assim se da pobreza a maõ sombria
Faz no homem qualquer escuridade;
Em lhe faltando do ouro a claridade
He dos outros despreso, e zombaria:

Dos Planetas, mais nobre he o Sol louro;
O ouro dos metaes; e está mais fusco,
Que relogio sem Sol, homem sem ouro:

Disto exemplos alheos eu naõ busco;
Pois me vejo que estou, com vil desdouro,
Qual relogio de Sol em tempo brusco.

Dei-

SONETO

LXXXVIII.

DEIXE estar, minha Mãi, já falta pouco
Para encher o volume encadernado;
Naõ se amofine mais, basta de enfado!
Senaõ sem melhorar me fará mouco:

Bem sei que razõ tem, que eu ando louco
Ás vezes pensativo, e alucinado;
Que da inutil Poesia arrebatado
Os muitos cantos já me fazem rouco:

Porém veja o livrinho: olhe no meio
Tem seis folhas em branco, e eu queria
Só por doze Sonetos vêllo cheio:

Poemas vários tem, olhe: e naõ vía
Tambem Mótes no fim; olhe este aceio
Os doze sempre os faço, e adeos Poesia.

Mi-

SONETO

LXXXIX.

MINHA amada gentil, fazer ditosa
Pódes vir esta Aldêa descontente;
Pois no tempo, que estás daqui ausente
Nesta terra naõ ha cousa gostosa:

A fonte, que manava caudalosa
Já sem ti lacrimando está sómente;
A verdura, que estava florecente
Se vai toda murchando de saudosa:

Até quando amanhece, os resplendores
Naõ mostra a roxa Aurora taõ flamante;
Tudo saõ nesta ausencia dissabores:

Hora vê que fará hum peito amante,
Que, abrazado por ti, morre de amores,
Suspirando sem ti a cada instante.

Nem

SONETO

XC.

NEM duros esquadrões bem fornecidos,
Nem ardentes bombardas crepitantes,
Nem de Cupido as séttas penetrantes
Inermes achaõ sempre aos combatidos;

Nem da fórte razaõ os alaridos;
Nem da fortuna as forças mais possantes
Tem tanta valentia, que arrogantes,
Possaõ sempre vencer sem ser vencidos:

He a sacra Pecunia quem sómente
Sobre as cousas da terra se avalía,
Com mais rijo valor omnipotente.

Tem seu braço nervoso tal valia,
Que as armas derribar sabe potente
De Amor, Razaõ, Fortuna, e Valentia.

Res-

SONETO

XCI.

RESPIRA, coraçaõ, vive contente;
Porque o nosso destino se melhora;
Chegou de nosso bem a feliz hora:
Que nem sempre he o mal permanecente:

A Pastora gentil, que antigamente
Contra nós sempre foi cruel trahidora;
Já meiga nos estima, e diz agora,
Que de Amor nas prisões por nós consente.

Mas ai coraçaõ meu! que he ignorancia
Confiar neste mimo da ventura;
Sem haver outra fixa circunstancia:

Temamos como certa a desventura;
Porque se o mal nem sempre tem constãcia,
Voluvel he do bem sempre a figura.

SONETO

XCII.

ASSIM como na doce Primavera
Os raminhos mais seccos brotaõ flôres ;
Assim n'hum peito isento , e sem amores
A vossa formosuta amores géra.

Meu duro coraçaõ , que mais seco era ,
Do que hum trõco no Inverno sem verdores,
Já de amor floreceo entre os ardores
Que a vossa gentileza nelle altéra :

He , bella Franceliza , o vosso rosto
Mais gentil , que esse tempo todo amavel;
Vós flôres produzís de melhor gosto :

Fazei pois , lindo bem sempre amoravel ,
Que de tal Primavera com desgosto ,
Senaõ murche huma flôr taõ deleitavel.

Em

SONETO

XCIII.

Em materias de amor a tyrannia
Naõ digo que naõ he grande tormento;
Porém a hum peito nobre he mais violento
O vexame da vil descortezia:

Eu disse a Franceliza lhe queria;
Na verdade foi leve pensamento!
Encarecido o fiz, mas fingimento
A efficaz expressaõ foi da Poesia:

Se acaso com rigores respondêra;
Já que amores lhe expuz, naõ me queixára;
Antes mil tyrannias lhe soffrêra:

Porém foi descortez: se eu a adorára,
Sómente esta vileza em mim fizera,
Que em odio todo o amor logo mudára.

SONETO

XCIV.

Quem será esta Nynfa rebuçada,
Que airosa vejo além vir caminhando,
Hum explendor mais lúcido mostrando,
Que o lúcido explendor da madrugada?

Como quando entre a nuvem prateada
O Sol intenso está reverberando,
Assim por entre o embuço rutilando
Ella a minha alma tem toda abrazada;

Tambem a subtil vista já me avisa,
Que adonde póe o pé rebentaõ flores:
Certamente naõ he senaõ Beliza.

Lá descobre do rosto o resplendores!
Ditosa a terra seja, que ella pisa,
E ditoso eu tambem com taes amores.

He

SONETO

XCV.

He questaõ entre muitos debatida,
E que eu hoje a defina he vosso intento:
Se melhor será ter merecimento,
Ou ter boa fortuna nesta vida:

O merito sósinho ennobrecida
A pessoa fará no abatimento;
He acaso a fortuna; eu nisto assento,
E póde no mais vil ser produzida:

Pois se o merito em si he nobre, e dino,
E a fortuna, onde quer o acaso a géra,
Aquelle por melhor que esta defino:

Porém hoje a fortuna tanto impéra;
Que contra aquillo mesmo, a que me inclino,
Antes esta, que aquelle em mim quizera.

SONETO

XCVI.

Eu vos quero, Lorinda, tanto, tanto,
Que dizello naõ sei por mais que queira;
Pois naõ fora esta fé taõ verdadeira
Se coubesse nas vozes do meu canto:

Só sei que o meu amor he firme, quanto
A vossa formosura he lisonjeira;
E julgo tendes, bella feiticeira,
Praticado comigo algum encanto:

Da Gorgona Meduza convertia
A horrida cabeça, com effeito
Em durissima pedra a quem a via:

Mais duro que huma rócha era o meu peito;
Porém vós com melhor feitiçaria.
Mais brando que huma cêra o tendes feito.

Vós

SONETO

XCVII.

Vós homens, que zelosos, e imprudentes
Contra as justas mulheres, com baixeza,
Com razões indiscretas, com vileza
Huns verdugos lhes sois impertinentes;

Reparai, que os recreios, que decentes
Naõ manchaõ dos honrados a nobreza,
Prohibiveis naõ saõ; que á natureza
Por desaffogo saõ convenientes:

Naõ digo que deixeis hum passo aberto,
O qual no fragil sexo facilite,
A fazer dos recreios desconcerto;

Porém vede, que naõ as precipite,
Com soffrivel desculpa, o vosso aperto,
Porque a prohibiçaõ causa apetite.

SONETO

XCVIII.

NAÕ foi acaso, naõ, foi providencia,
Que Nêro nesse bronze retratado,
Imitando ao vivo no pintado
Podesse produzir nova inclemencia:

Quiz este Imperador com insolencia
Ser hum monstro de horrores declarado:
Até o claustro, adonde foi gerado
Se atreveo a cortar, sem ter clemencia:

Inda agora na lamina esculpido
Se impellio contra aquelle, que innocente,
Porque a elle chegou, sahio ferido:

Mostrou nisto o Destino providente,
Que para ser hum ímpio aborrecido,
Até a mesma sombra he insolente.

Es-

SONETO

XCIX.

Esse bronze, que estava pendurado
Com tanta segurança, quem diria
Que sobre o pobre Fabio cahiria,
Fazendo-lhe esse golpe desmarcado!

Porém o meu discurso he mal formado,
Pois quem bem discorresse o julgaria:
Bem feito o golpe foi, que elle bem via
Estar Néro no bronze retratado:

Mas o pobre talvez naõ saberia,
Que as entranhas de Néro depravado
Foraõ duro exemplar da tyrannia:

Porque a sabello, em vendo esse treslado,
Fugindo com razaõ, ser temeria
Das entranhas de Néro algum bocado.

SONETO

C.

ADEOS, Musas, adeos. Oh ! quanto, quanto
Me afflige deixar vosso tratamento !
Que he hum golpe cruel o apartamento
Entre aquelles, que se amaõ tanto, tanto:

Inspirado por vós, com doce canto
Eu de Amor já fiz grato o sentimento;
Porém outros enleios de tormento
Já sem vós só me inspiraõ triste pranto:

Quem comvosco tratar ha de contente,
Socegado viver, sem os diversos
Trabalhos, que me cercaõ rijamente:

Eu labóro com males taõ perversos,
Que deixando-vos, Musas, descontente,
Nunca mais tornarei a compôr versos.

ODES

I.

EU canto, eu canto agora,
Aquelle horrendo vicio corrigindo,
Por que no inferno fora
Sepultado Lusbel, do Ceo cahindo:
Oh! práza ao mesmo Ceo, que eu taõ bẽ cante,
Que dos peitos Christãos tal vicio espante.

Por mim, por mim se veja
Taõ bem moralisado, e reprehendido
Tal vicio, que naõ seja
Mais da soberba o vicio conhecido.
Attende, attende pois! homem errado,
Que a soberba te traz allucinado.

Qual Náo, que a todo o panno
Vai da fúria dos ventos impelida,
Sem conhecer o damno,
Esses máres surcando embravescida;
Assim soberbo tu, cheio de vento,
Largas velas ao leve pensamento.

Pre-

Presumes-te mais digno,
Do que o filho do Sol se presumia;
Naõ conhecendo indigno,
Que a jactancia os defeitos te allumia:
Teme, teme soberbo, que te ameaça
Maior que a de Faetonte outra desgraça.

Nem serás como aquelle,
Que a esse mar Icário deo o nome,
Precipitado nelle,
Pois com azas voou, que o Sol consome:
Sobre as aguas Tartareas te condemnas,
Se as azas da soberba naõ depennas.

Contra Jupiter logo,
Que os Gigantes soberbos se conspiraõ,
O seu ardente fogo
Em destroço fortissimo sentíraõ;
E tu contra o Deos nosso incomprehensivel
Te conspiras Pigmeo soberbo horrivel.

Se de genealogia
Illustre descendeste, e vens gerado;
Refrêa a fantasia,
Attende que sempre és de pó formado;
E se nobre naõ és, dize-me louco,
Porque tanto presumes, se és taõ pouco?

Se

Se fundas na riqueza
A baze da arrogancia, temerario,
Oh! deixa essa avareza,
Com que talvez te augmentas usurario:
E se rico naõ és, dize-me horrendo,
Porque em tanto te tens taõ pouco tendo?

Se acaso he a sciencia
Quem com tanta altivez te ensoberbesse?
Oh! vê que isso he demencia!
Só bem sabe, o que a si bem se conhece:
E se douto naõ és, como ignorante
Vaidoso te exaltas arrogante?

Se em fim a valentia
He da tua soberba o firmamento?
Affrouxa essa manía.
Deixa, deixa taõ debil fundamento:
E se fórte naõ és, como imprudente
Taõ ousado te elevas fórtemente?

Ou tenhas, ou naõ tenhas
Predicados quaesquer, soberbo altivo,
Vê, vê que te despenhas;
Porque nunca terás justo motivo.
He a soberba vil, por vários modos,
Torpissima raiz dos vicios todos.

Oh

Oh ! deixa hum tal peccado !
Naõ te dês da soberba ao exercicio ;
Porque nella engolfado
Unirás culpa a culpa , vicio a vicio :
A humildade abraça , e naõ te mudes ,
Que he a base de todas as virtudes.

Vem , vem santa humildade ;
Nesses vís corações raizes lança ;
Affasta a iniquidade
Longe , longe da nossa visinhança ;
Que ás vezes do soberbo as insolencias
Perturbaõ as alhêas consciencias.

ODE II.

Pois naõ póde a cruel maledicencia ,
Derribar de hum Poeta a preeminencia :
Aos satyricos vís satyrisando ,
E aos que saõ bons Poetas applaudindo ,
Irei hoje cantando
A rouca voz subindo ;
Novo canto farei , que ao som da lyra
A minha grata Musa hoje me inspira.

Dos

Dos dentes de hum dragaõ já semeados
Nascêraõ n'outro tempo homens armados,
Com tal ferocidade, que em nascendo
Entre si guerreáraõ, taõ esquivos,
Que os mais delles morrendo
Só ficaõ cinco vivos;
Com que de Europa o Irmaõ, que os semeára
De Thebas a Cidade edificára.

Mas de ditos, que espalhaõ maldizentes,
Nascem mõstros mais vís, que dos taes dentes;
Que entre si naõ batalhaõ, mas lá picaõ
Ás vezes benemeritos sujeitos;
E n'outros edificaõ,
Que saõ de ardentes peitos
Hum crespo labyrinto mais damnado,
Que o que Dedalo fez taõ intrincado.

Porém todo o varaõ prudente, sério,
Sómente deve rir do máo criterio:
Huns do bem dizem mal por ignorantes,
Vários he por inveja o mal-dizerem,
Alguns por intrigantes,
Outros só por quererem;
Pois com satyras taes de huma tal gente
Naõ se deve alterar quem he prudente

Tem

Tem os nobres Poetas sobre a pelle,
De Achilles a virtude, ou mais do que elle:
Naõ o digo por mim, que as minhas trovas
Naõ merecem louvor, naõ tem belleza;
E disto dá bem próvas
A sua singelleza;
Mas por engenhos bons, que visto tenho
Criticados por homens sem engenho.

Da satyra bom fora o exercicio
Para ser corrigido qualquer vicio;
O vicio, que por ser cousa terrivel
Banido ser devia de entre a gente;
Porém ser admissivel
A satyra imprudente,
Contra a gala melhor do entendimento
He loucura vir tal ao pensamento.

Hum fecundo Poeta delicado,
Que louvor naõ merece agigantado?
Quanto delle he indigno quem retira,
Que louvores mereça todo o engenho,
Que armonico respira,
Com grato desempenho;
Pois que illustra a naçaõ naõ tem instancia
Ter de engenhos felices abundancia.

Di-

Dizer dos versos mal, por serem versos,
He baixeza dos genios mais perversos;
Sobrenatural dom, hum dom celeste
Constitue hum Poeta homem divino,
E nunca offende a este
D'hum monstro o genio indigno;
Pois naõ póde a cruel maledicencia
Derribar de hum Poeta a preeminencia.

ODE III.

Ouví homens piedosos
A tragedia fatal, que me acontece;
Ouvi, que inda daquelles rigorosos
Compaixaõ hum miserrimo merece:
Mas ai! que eu desgraçado,
Da prospera Fortuna abandonado,
Em vez da compaixaõ, que bem mereço,
Talvez que vos rireis do meu successo.

Entre os ramos sombrios
De hum bosque emaranhado eu me assentava;
Alli dous caudalosos grandes rios
De meus olhos com lagrimas formava;

Por-

Porque alli discorrendo
Nas desditas cruéis, que succedendo
Me vaõ, sem affrouxar continuamente,
Com razaõ me affligia descontente.

Alli eu discorria
Se acaso até chegar a dura mórte,
Raivosa sobre mim sempre estaria
A desgraça mordaz da mesma sórte;
Pois desde a infeliz hora,
Que do ventre materno saltei fóra,
Sem nunca dá Fortuna vêr o rosto,
Sobre mim a desgraça se tem posto.

Ella mais me carrega,
Do que a Sezifo a pedra formidavel,
Cevando-se em mim todo mais se emprega,
Do que em Ticio, o abutre insaturavel;
Ella faz com que eu ande
Em huma viva roda, e que desande,
Com maior rapidez desordenada,
Que a roda de Ixion arrebatada.

Na memoria presentes
Alli ás vezes muitas hia vendo,
Que estavaõ sobre mim, frutas pendentes,
E logo por debaixo aguas correndo;

Mas se a chegar-lhe eu hia,
A agua se abaixava, a fruta erguia;
Abrazado ficando em fome, e sede
Da maneira, que a Tantalo succede.

Com estes pensamentos,
Em suspiros, e pranto entaõ envolto;
Que culpas commetti? Deoses cruentos,
Disse, soltando a voz ao ar revolto;
Furtei? Fui menos casto?
Dei c'o tenro filhinho aos Deoses pasto?
Fiz algum execrando maleficio,
Qual Tantalo, Ixion, Sezifo, ou Ticio?

Dahi mais affrouxando
Nesta parte a fogosa fantasia;
Entrei de novo a ir delineando,
Por que modo a Fortuna encontraria;
Quando os olhos erguendo,
Pelo monte huma Ninfa ví descendo
Taõ bella, taõ risonha, taõ formosa,
Que ainda naõ vi cousa taõ mimosa.

De sedas furta-cores
Arregaçadas roupas a adornavaõ;
Aos dourados cothurnos com primores
As perolas em fios enleavaõ;

Tam-

Tambem tinha pendente,
De finissima seda transparente,
Tufado sobre as cóstas, e revolto
Hum leve capilar ao vento solto:

Ella vinha coroada
Como em fórma globoza; fausta idêa!
E na direita maõ tinha empunhada
A rica Cornocópia de Amalthea;
Tambem lhe ví nascidas
Duas asas nos hombros encolhidas;
E sem outros melindres, ou concertos
Trazia os alvos peitos descobertos.

Fiquei da visaõ bella
Cá por dentro do peito alvoroçado;
E inferí que alegria foi de vêlla
Este impulso, que tive desusado;
Pois como eu naõ sabia
Os effeitos quaes eraõ da alegria,
Julguei que este alvoroço cá no peito
De alegria podesse ser effeito.

Já quasi ella chegava
Para o sitio, donde eu occulto a via;
Quando nella de novo reparava,
Que huma tarja do braço lhe pendia;

Pa-

Para o letreiro applico
A vista perspicaz, e certifico,
Que dizia sómente a letra amavel;
Sou a Deosa Fortuna favoravel.

Oh Ceos! dando hum suspiro
De entre os ramos saltei para abraçalla,
Taõ veloz, taõ veloz comigo atiro,
Que dos ramos hum quebra, o outro estalla;
Mas ella mal me vio
Logo as asas bateo, de mim fugio:
Sem Fortuna fiquei no antigo estado;
Hei de ser thé á mórte desgraçado.

ODE IV.

MANDA-ME Amor que cante
Em louvor de Lorinda,
A Ninfa mais discreta, pura, e linda,
Taes versos de louvor, que ao Mundo espante.
Eu já pego na lyra altisonante,
As cordas já lhe firo, e a voz erguendo
Vou a Amor, que me manda, obedecendo.

Mais

Mais que Venus formosa,
He Lorinda excellente;
Mais pura que Diana, e mais sciente
Do que a Deosa Minerva industriosa;
Tem a pulchra Lorinda primorosa
Mais nobres, mais sublimes predicados,
Que á Pandóra dos Deoses forað dados.

A Deosa da belleza,
Por Siques excedida,
De inveja pede ao filho embravescida,
Que huma setta lhe crave com destreza;
Que inclinada a quer vêr, e com baixeza;
A cujo intento a frecha arma Cupido;
Porem vendo-a affrouxou, della rendido.

Cupido agora falle
Se he Lorinda mais bella?
Porque a esta bellissima donzella
Quem exceda nað ha, nem quem iguale.
Cupido mesmo o diga, nað se calle;
Porque eu sei que este Deos a Siques linda
Despresára contente por Lorinda.

Lá foi na antiguidade
Adorada Diana;
E fosse por esquiva, ou por tyranna,
Ella foi da pureza a divindade.
Mas ah! que ella quebrando a honestidade
Do Ceo á terra vinha, e entre as rêzes
Buscava Endemiaõ por várias vezes.

Porém, Lorinda amavel,
De todos venerada,
Se sabe conservar immaculada,
Intacta, pura, honesta, e respeitavel;
Sem tyrannia usar desagradavel,
Ella sabe isentar-se por taes modos,
Que honesta adoraçaõ lhe fazem todos.

Tambem a antiga gente
Á Deosa, que nascêra
Do cérebro de Jupiter, lhe déra
Adorações por Deosa a mais sciente;
Porém isto só foi, antigamente,
Do cégo gentilismo pouco agudo
Adorações erradas, erro tudo.

O nobre entendimento
Da discreta Lorinda,
Sem defeito, mais alto sóbe ainda,
Do que alcança o mais vivo pensamento:
Ella desde o feliz seu nascimento
A mesma discriçaõ sempre conserva,
Com mais delicadeza, que Minerva.

Os Deoses com cuidado
Seus dons cada qual dava,
A Pandóra mulher, que Jóve ornava
Para de Prometheo se vêr vingado;
O mesmo Jóve os males simulado
Em hum vaso por dóte lhe cobria,
Para o esposo, a quem astuto a envia.

Mas, com feliz agouro,
Com Lorinda nascêraõ
Mais nobres predicados; naõ lhe deraõ
Os males para dóte em vaso de ouro:
Pelas mãos da Fortuna, sem desdouro,
Os abundantes bens lhe foraõ dados
Do corno de Achelóo derramados.

Oh ! quem , oh ! quem podéra
Lograr os seus amores !
Oh ! quem fora entre os finos amadores
Aquelle , a quem amante ella escolhêra !
Oh ! quem os seus affagos merecêra ,
Que fora mais ditoso , e ennobrecido ,
Que nos braços de Siques foi Cupido !

Eu mesmo , ainda que víra
Que Lorinda trouxera
De Pandóra os trabalhos ; eu quizera
Soffrer esses trabalhos , se a possuíra ;
Nunca , qual Promotheo , della fugíra ,
Como elle de Pandora , e a despresára ;
Mas qual Epimetheo meigo a abraçára.

ODE V.

Depois da infeliz hora ,
Que a Fortuna ligeira me fugia ,
Inda naõ expelli de todo fóra
As imagens da louca fantasia ;
Por illusaõ julgava
A disgraça , que assim por mim passava ,
E sobre o pensamenro
Entrei de novo a armar torres de vento.

Como havia alguns meios,
Que se acaso a desgraça os naõ cortára
Eu surgindo de miseros enlêos
A' fins mais venturosos me exaltára;
Só esta razaõ toda
Me fazia o juiso andar á róda;
Formando a conjectura
De inda poder mudar minha ventura.

Huma tarde, que eu tinha
Sahido pelo campo, e me levava
A sede a buscar huma fontesinha,
Que de hum roto penedo rebentava;
Depois de haver bebido,
Em as minhas idéas embebido,
Fazendo hum canto agreste,
Alli me assentei junto de hum cypreste.

Quando entaõ de repente
Hum venerando velho a mim chegava,
Vestido naõ com custo, mas decente
Era todo o vestido que trajava;
A grande barba espessa
Era branca, e os cabellos da cabeça;
Muito claro o semblante,
Porém de robustez era possante.

Tem

Teus vários pensamentos,
Elle logo me disse com brandura,
Taõ occultos naõ saõ, e a mim isentos,
Que delles a noçaõ me seja escura:
Nem te espantes de vêr-me
Comtigo assim fallar sem conhecer-me;
Porque teu mesmo engano
Te faz conhecer o desengano.

Bem sei que a pouca idade,
E que algumas razões, em que te fundas,
Desculpa pódem ser da variedade,
Para que como louco te confundas;
Mas o que tens passado
Te podéra já ter desenganado;
Pois bem vês que travessas
Te correm sempre as cousas ás avéssas.

Tu inda que cantasses
Em sentidas Endexas tristes magoas,
E qual Anfiaõ as pedras aballasses,
Ou como o Thracio Orfeo detendo as aguas;
Nada disto podia
De teu mal remover a tyrannia;
Quanto mais que por louco
Teu insipido canto vale pouco.

Tu

Tu naõ tens para abrigo,
Ou amigo, ou parente affeiçoado;
Que parente naõ tem, nem tem amigo
Quem vive neste Mundo desgraçado;
Pois toda a creatura
He espûria, que vive sem ventura;
Seus males a consomem,
Porque quem naõ tem homem naõ he homem.

Se a distancia mais perto
Fosse cá do cajado ao Diadema,
Aberta em teu favor viras por certo,
Aquella generosa maõ suprema:
Mas do pobre os gemidos
Nunca chegaõ dos Reis aos sãos ouvidos;
Pois taõ longe formados
Naõ pódem lá subir por defecados.

O desengano fórte
Eu sou, me disse finalmente,
Que a pobreza ha de ser tua consórte
Te vaticino: e foi-se em continente:
Entaõ qual náo veleira,
Que a Rémora a suspende na carreira;
Assim neste conflito.
Meu discurso parou, fiquei supito.

Porém como he bem certo
Succede a quem dormindo está sonhando,
Que os espiritos vagos sem concerto
De hum em outro vestigio vaõ saltando;
Assim eu louco ainda
Lembrei-me da belleza de Lorinda;
Que se ella me quizera
Eu do vil desengano escarnecêra.

Mas quando n'esta lida
De novo a fantazia se empregava,
Huma descalça moça mal roupida
Ao meu lado direito se chegava;
Os olhos azullados
Trazia lacrimosos, e encovados;
Os dentes amarellos,
Estirados, e poucos os cabellos.

Nos braços descarnados,
E nas mirradas pernas se lhe viaõ
Ruivos pellos, por cima arripiados,
Os quaes inda mais hórrida a faziaõ;
A pelle sobre o osso,
E grossas cordoveas no pescoço;
Os beiços denegridos,
Engelhados os peitos, e cahidos.

Eu de medo tremendo,
Quem és, triste mulher? lhe perguntava:
A que ella prompta disse respondendo;
Eu a Pobreza sou, que te buscava,
Por ordem do Deos Fado
Venho comtigo aqui tomar estado;
E logo rijamente
Comigo se abraçou incontinente.

Fiqnei de todo inerme,
Os sentidos perdi, perdi a falla;
Sem saber em que havia resolver-me,
Nem pude resistir, nem abraçalla:
Mas deste vil consorcio
Achar naõ posso meios de divorcio;
Depois da mórte agora
Discorro taõ sómente achar melhora.

ODE VI.

Por cousa fabulosa
Eu tenho certa cousa, que algum dia
Por verdade abraçava; porém era,
Porque do errado Mundo naõ sabia:

Eu

Eu tinha por verdade
Isto a que chamaõ candida amizade;
Porém agora sigo
Que naõ ha homem verdadeiro amigo.

Sómente o interesse
He quem lávra os fuzis, que se encadeaõ
Por modo taõ subtil como he o modo,
Com que huns homens a outros lisonjeaõ:
Só dura esta alliança
Quanto dura a fortuna sem mudança:
Havendo variedade
Quebra a cadêa, rompe-se a amizade.

Tu, douta experiencia,
És hoje a sacra Musa, que me inspira;
Pois tu sabes melhor que as outras nove
Como cá sobre a terra tudo gira:
Comtigo aconselhado
Eu farei o meu canto celebrado;
Porque comtigo o rudo
Fica sabio, sem ti naõ sabe o agudo.

Eu vejo, eu vejo aquelle,
Que grossos rendimentos manejando,
Ou que despender póde beneficios
Sobre cargos honrosos dominando;

A hum, e outro lado
Eu o vejo de amigos rodeado,
Moldando-se-lhe ao gosto;
Maxima, que a seu geito tem disposto.

Hum as acções lhe louva,
Sem que alguma ache indigna de louvar-lhe,
Outro graças lhe diz, e todos buscaõ
Exquisitas idéas de agradar-lhe:
O juizo he perfeito;
Cada palavra sua he hum conceito;
He nobre, he generoso,
Tem o rosto gentil, o corpo airoso.

Nenhum, nenhum lhe encontra
Hum minimo defeito, que reprove,
Até se vicios tem, por seus peccados,
Naõ deixa de encontrar quem lhos aprove:
Tudo he nelle bondade;
Mas tudo hypocrisia da amizade
He nestes, que acumulaõ
Maior ganancia, quanto mais o adulaõ.

E se acaso a Fortuna,
Que nunca permanece, em algum tempo
Faz que a róda voluvel lhe desande.
Ordindo-lhe algum leve contratempo;

En-

Entaõ mais lisonjeiros
Essa corja fatal de interesseiros,
Com capa de amizade
Se sévaõ nos seus bens mais á vontade.

Hum lhe aprompta dinheiro,
Outro pelo servir trabalho atura,
Tudo em fim por tal modo, que infallivel
Debaixo do favor lá vai a usura:
Mas se elle desgraçado
De todo a cahir chega em baixo estado,
Entaõ, com maõ trahidora,
Da sua sociedade o lançaõ fóra.

Bem como o que distilla
Em vidrado lambique, a fogo brando,
Da flôr mimosa o succo proveitoso,
Que vai a pouco e pouco dissipando;
E prompto á obra attende
Em quanto a flôr substancia alguma rende;
Mas naõ largando nada
Na rua a deita fóra desprezada:

Naõ obraõ de outra sórte
Os chamados amigos; nunca o lado
Desampáraõ daquelle, que desfructaõ,
E desprezaõ depois de desfructado:

Mas

Mas com sagaz intento,
Prevendo que a seu vil procedimento
Algum justo resiste,
A murmuraçaõ serve contra o triste.

Que a sua má cabeça,
Dizem elles, o poz naquelle estado,
Que a vergonha perdeo, o brio, a honra,
E que de todo está prevaricado;
Até lhe já desviaõ
Os dotes naturaes, que lhe applaudiaõ;
Como que se a pobreza
Repugnasse aos dons da natureza.

Hum compaixaõ fingindo
Da miseria, em que o vê, diz se podesse
Lhe faria algum bem, outro publica
Que hum infame soccorro naõ merece:
Mas todos geralmente
Que do trato civil he indecente,
E que indigno se porta
De que hum homẽ de bem lhe chegue á porta.

Desgraçada pobreza,
Quanto soffres em triste abatimento!
Mas ainda os perversos te preparaõ,
Com que mais te apurar o soffrimento;

Peior

Peior ainda agora,
O que, prouvêra o Ceo que assim naõ fora?
Contra o infeliz pobre
A malicia daquelles se descobre.

Porque se o decadente
Alguns licitos meios vai achando,
Com que melhorar possa de fortuna,
Nelles logo a inveja vai picando,
Com furor, que os impéle,
Mil calúmnias espalhaõ contra elle,
Maquinando-lhe enleios,
Que do bem lhe destrua os justos meios.

Já cuidaõ que os assombra
Surgir o miseravel da indigencia,
Em que jaz abatido, e mover póde
Ferinos corações a ter clemencia:
Mas huns dissimulados,
Outros mais claramente arrebatados,
Naõ ha hum, que naõ obre
Tyranno contra o pobre, porque he pobre.

Póbreza degraçada!
Outra vez, e mil vezes clamo agora:
Perversissimo Mundo! Quem vencêra
De todo desprezar-te, e feliz fora.

Na Patria da bondade
He que reina a candura da amizade,
Donde sempre em bonança
Naõ ha receio de sentir mudança.

ECLOGAS.

I.

FILENO, E AGRARIO.

Em hum valle sembrío
De funebres cyprestes rodeado,
Adonde com estrondo cahe hum rio
Lá de cima do monte despenhado;
Adonde naõ ha flóres,
Nem penetraõ do Sol os resplendores;
Hum sitio, que podia
Horrorisar a mesma hypocondria:

Alli tinha chegado
Fileno, que alegrias já despreza,
Por julgar este sitio accommodado
Para fartar-se hum homem de tristreza;
Porque, depois que amante
Da formosa Feliza está distante,
Da gente se retira,
E nos sitios mais funebres suspira.

Quando em seu seguimento
Lá de longe o Pastor Agrario vinha;
Porque a causa fatal do seu tormento
Já Tircéa gentil dito lhe tinha;
E como por fadario
Parece dar conselhos tinha Agrario,
Com gosto se apressava,
E a Fileno chegando assim fallava.

AGRARIO.

Fileno, que paixaõ, ou que desgosto
Te tem prevaricado a natureza,
Que, das gentes fugindo, por teu gosto
Nos lugares suspiras da tristeza?
Porém bem manifesta o teu delirio,
Que de amores procede o teu martyrio.

Fileno.

Se paixaõ amorosa me abrazára,
Eu quizera de mim mesmo escondella;
Dentro n'alma a soffrêra, e sepultára,
Porque alguem naõ viesse a conhecella:
O fado, as oppressões do iniquo fado
Saõ só quem me tem posto neste estado.
Tu, Agrario, naõ vês que no trafego
Desta vida do campo me definho;
E que hũ dia hum carneiro,outro hum borrego
Me vai tudo levando máo caminho:
Quantas vezes de leite o tárro cheio
Se me tem já partido pelo meio!
No tempo da lavoura por acerto
Sempre cáros os bois trago da feira;
Depois quebra o arado, e se o concérto,
Quando naõ morre hum boi, dá-lhe manqueira;
E se arado, e bois tenho juntamente
Succede o Pegureiro estar doente
Quando alguma seára faço a tempo,
Se succede estar bem principiada,
Ou nevoas haõ de vir, ou contratempo,
Que na eira dá pouco mais de nada;
No tempo da vendima enchendo a dórna,
Huma adoela estála, o mosto entorna.

Eis-

Eis-aqui, meu Agrario, o meu mal todo,
Esta a menor paixaõ, este o cuidado:
Como daqui mudar naõ acho modo,
Por isso andar me vês como pasmado;
Só da minha infeliz pouca ventura
He que nasce a paixaõ, que assim me apura.

AGRARIO.

Tu bem sabes, Pastor, e he bem sabido,
Que aos Ceos qualquer homem tentaria,
Se por ter infortunios padecido
Da vida naõ tratasse qual devia;
Porque se Jove o quer, por derradeiro
A vontade de Jove está primeiro.
Só de amor as paixões mais fórtemente
Fazendo da razaõ perder o tino,
Quando ferem huma alma intelligente
A fazem transportar com desatino:
Isto conheço bem; deixa cautélas;
E bem sei por Feliza te desvélas.
Tircéa por teu bem, teu mal sobejo
Me disse: que inda que ella o naõ dissera;
Vendo em ti os effeitos, que em ti vejo,
Que amor te maltratava conhecêra;
Ella dos teus amores me deo parte,
Pedindo-me viesse consolar-te.

FILENO.

Se Tircéa meus males expozera,
A quem ella só sabe esta alma adora,
A sua compaixaõ lhe agradecêra:
E offendeo-me em dizer-to esta Pastora;
Mas em fim ella o disse, pódes dar-me
Esse alivio, que vens communicar-me.

Mas Tircéa se engana; e enganado
Te aconselha teu genio compassivo;
Que já mais poderei ser consolado
Em quanto de Feliza ausente vivo:
Nem eu della já mais alivio espero,
E se haver outro póde, eu o naõ quero.

E conhece que o animo naõ mudo
De occultar a paixaõ, que me desvéla;
Que se Tircea em fim te disse tudo
Para ti já naõ vale esta cautéla:
Ella deixar naõ póde de sabello,
Mas deixar bem podia de dizello.

AGRARIO.

Mais deves a Tircéa que imaginas:
Mas dize-me tu mesmo os teus pezares,
Porque ella me contou cousas mais dignas
De com gloria viveres, que penares;
Sim, diz que ausente está; porém que amante
Violentada se foi, virá constante.

Ho-

Hora vê se hum milagre em ti agora
Amor obrando está ; pois sendo a ausencia,
Do vil esquecimento productora,
Tens distante hum amor com persistencia :
Que agrados te fará Feliza, quando
Faminta de te vêr a ti chegando !

Fileno.

Naõ espero, Pastor, tanta ventura,
Alivio naõ terei dessa esperança ;
Pois se espero Feliza achar segura
Será naõ em amor, sim na mudança :
E porque me naõ julgues tanta gloria,
De meus tristes amores ouve a historia.
Já o Sol desse ponto, onde lustroso
Reparte o dia ao meio, decahia,
Hum dia, que naõ sei se venturoso,
Ou se foi para mim infeliz dia ;
Quando vi de Feliza o rosto bello
Por quem morro de amores já sem vêllo.
Acaso com Tircéa na cabana
Succedeo nesse dia entaõ achar-me ;
Donde hia algumas vezes na semana
Do calor pela sésta retirar-me ;
Porém sem recear a aguda calma
Feliza veio alli ferir-me n'alma.

Taõ doce comoçaõ senti de vêlla,
Que á minha rude voz naõ se accommoda;
Desejava poder, pegando nella,
Dentro no coraçaõ mettella toda;
E esta ardente paixaõ, que em mim sentia,
Huma, e outra Pastora conhecia.

Mas entaõ com disfarce gracioso
Tircéa, para mim rindo-se disse;
Que por tempo a Feliza dar gostoso
Alguns versos dos meus, lhe repetisse:
Contente obedeci; que aquelle rogo
Me deo na obediencia desafogo.

Alguns versos mais cheios de doçura
Defronte de Feliza repetia,
Dedicando-lhe a ella com ternura
As caricias, que nelles proferia;
E vi nella, mas julgo me enganava,
Que de lhas dedicar naõ desgostava.

Mas assim como o Sol sua luz pura
Só nos póde mostrar confusamente,
Quando em opposiçaõ a nevoa escura
Nos ares condensada lhe faz frente;
Assim em confusaõ eu lhe mostrava
De amor a chamma que em meu peito estava.

Porém naõ me soffrendo o amante peito
Naõ mostrar sem rebuço a chamma ardente,
De minha comoçaõ o doce effeito,
Como pude, lhe disse brandamente;
Respondeo cousas taes, que a vil desgraça
Julguei de mim fugíra por tal graça.
Chegou a noite em fim, quando importuna
Tircéa me obrigou a retirar-me;
Outros dias porém tive a fortuna
Com Feliza tornar a encontrar-me;
Mas como com Tircéa sempre estava,
Nunca como queria lhe fallava.
Mil vezes lhe roguei que só quizesse
Ouvir com attençaõ minha agonia;
Mil vezes prometteo; porém parece
Que só para mentir-me promettia;
Até que hum dia já desesparado
Estes versos lhe disse apaixonado.

ROMANCE.

Attende, cruel Feliza,
Talvez por ultimo termo,
Deste meu peito sentido
Os mais ternos sentimentos.

Eu

Eu te quero tanto, tanto,
E tanto por ti padeço,
Quanto por bella es amavel,
E tyranna por extremo;
Porém este affecto puro
Ingrata naõ conhecendo,
Por isso tu naõ estimas
A pureza deste affecto.
Se a hum rochedo eu tivera
Tanto amor como te tenho,
Enternecido por mim
Se desfizera o rochedo.
Mas tu desagradecida
Ás caricias do meu peito,
Mostras entranhas mais duras,
Que as entranhas de hum penedo.
Dentro no peito amoroso,
Cá no lugar mais interno,
Hum fogo do amor activo
Por ti me está desfazendo.
Porém tu sempre fugindo
De te vêres de mim perto,
Por isso te naõ abrasa
O fogo, em que estou ardendo.

Eu

Eu bem sei, Pastora ingrata,
Eu bem sei, eu o confesso,
Que affectiva me tens dito,
Que estimas os meus affectos.
Tambem naõ posso negar,
Pois de tudo bem me lembro,
Que dizes me queres bem,
Muito mais que eu bem te quero.
Mas tambem já me ensináraõ
Quasi por principio certo,
Que as cousas saõ conhecidas
Sempre pelos seus effeitos.
Pois se amor lá te causasse
No peito algum movimento,
Por ti víra em meu favor
Os effeitos, que naõ vejo.
Assim venho a concluir
Destes certos fundamentos
Que o meu amor desperdiças,
E que o teu naõ será certo.
Taõ grande paixaõ me nasce
Deste vil conhecimento,
Que o coraçaõ em pedaços
Do peito arrancar desejo.

Eu

Eu te adoro ; e eu te juro
Pelo teu semblante bello ,
Que a meu extremo naõ póde
Haver outro igual extremo
Pois se eu no teu peito víra
Alguns effeitos mais ternos ,
Excessivo o meu obrára
Por ti maiores excessos.
Se eu fora senhor naõ só
De campinas , mas de Reinos ,
Perdido por ti de amores
Pouco fizera em perdellos.
Por te vêr mais amorosa
Eu daria o Mundo inteiro ,
E por ti de amor captivo
Me captivára a ti mesmo.
Porém de ti conseguindo
Nada mais que fingimentos ,
Chorarei por hum bem falso ,
Os meus males verdadeiros.
De teus olhos fugirei ,
Naõ porque naõ goste vellos ;
Porém só por gosto dar-te
Para mim gostos naõ quero.

Bem sei me ha de custar muito
Naõ vêr o bem, por quem peno;
Mas por muito que me custe
Saberei soffrer naõ vendo.
E crê, Pastora cruel,
Que entre os males mais horrendos,
Naõ ha tormento, que iguale
A meu sem igual tormento.
Mas queira amor por castigo
Desse teu rigor sevéro,
Que amante abrazar-te sintas
Pelo mais torpe vaqueiro.
E quando a elle rendida
Com amorosos requebros,
Elle só te corresponda
Com insoffriveis desprezos.
Porém que digo? Perdoa,
Perdoa que o triste enredo
Da aguda paixaõ, que soffro,
Me fez delirar grosseiro.
Queira amor que nunca os teus
Affectos mal pagos sejaõ;
E menos mal empregados,
Pois merecem nobre emprego.

Tu que o Deos de amor és digna
Seja de ti digno apreço ;
E talvez por esta causa
A mim trates com desprezo.
Mas se por algum acaso
Te prestar em algum tempo ,
Bastará para servir-te
Vir desse acaso o successo.
E farei por agradar-te ,
Feliza , tantos extremos ,
Quantos excogitar póde
O mais vivo entendimento.

AGRARIO.

Com taõ fórte expressaõ entre os Pastores
Nunca versos ouví , e eu desculpára
Que a formosa Feliza com rigores
Só por queixas te ouvir , te maltratára :
Mas em quem reina Amor que da alma nasce,
Que muito com tanta alma se queixasse !

FILENO.

Pois mal sabes o effeito , que fariaõ :
De repente a deixei , de paixaõ cégo :
Mas logo me affligí , se a offenderiaõ
As minhas expressões , ou desapego ;
Porque hum homem sempre he quãdo culpado
Da culpa accusadora amofinado.

Á

Á choupana naõ fui o dia todo
Por valles e por montes delirando ;
Do gado naõ cuidei , e deste modo
Naõ dormí toda a noite suspirando :
Tristes gemidos por Feliza dava ,
Hora bella , hora ingrata lhe chamava.

No outro dia de longe rodeando
De Feliza a cabana cuidadoso ,
Ella á pórta apparece , e acenando
Por mim chama , que a busco temeroso ,
Taõ humilde naõ vai o fiel rafeiro
Quando o chama enfadado o Pegureiro.

Cheio de sobmissaõ cheguei a ella ,
Que já vinha a buscar-me no caminho ;
Com semblante risonho , toda bella ,
Na maõ me péga , cheia de carinho :
Para a sombra da balsa me guiava ,
Que a cabana de róda lhe cercava.

Mil desculpas me deo daquellas culpas ,
A que eu ingratidões antes chamára :
Que inda que menos fossem as desculpas
Eu de boa vontade a desculpára ;
Porque a quem satisfeito se deseja
A minima desculpa lhe sobeja.

Re-

Recebí novo alento das ternuras,
Que a honesta Pastora me dizia;
Ás minhas sem-razões chamei loucura,
Mil perdões carinhoso lhe pedia:
Ella entaõ por mostrar-se a amor sujeita,
Tambem logo se deo por satisfeita.

Mas ah! meu bom Agrario! que a tyranna
Quiz a tanta ventura levantar-me,
Porém sabes porque? por deshumana
Lá de maior altura despenhar-me;
Pois ter principio bom, fim desastrado
Sempre em tudo que he meu destina o Fádo.

Disse em fim que algum tempo habitadora
Hia ser de outro monte lá distante;
Porque hia visitar outra Pastora,
A quem devia amor sempre constante:
Que deixar-me sentia violentada;
Mas que o dia seguinte era a jornada.

Oh Ceos! dos tristes olhos me faltava
O vivo lume quando tal ouvia;
Eu queria fallar, naõ acertava;
Eu queria morrer, e naõ podia;
Mas entaõ a fingida, em mim pegando,
Me foi com razões novas affagando.

Pon-

Ponderou-me os motivos que a obrigavaõ:
Que viria o mais breve que podesse;
E taes cousas me disse, que naõ davaõ
Lugar, a que razaõ eu lhe naõ désse:
Porém julgo foi esta a vez primeira,
Que Amor pela razaõ guiar-se queira.

Chegou em fim o dia, que a Pastora
A alegria levou dos nossos valles;
O dia desditoso, a infeliz hora,
Que depressa chegou para meus males:
A relva se seccou no valle, e monte,
Até se entristeceo este horisonte.

As arvores frondosas despediaõ
As boliçosas folhas dos seus ramos;
Sobre as tortas vergonteas naõ se ouviaõ
Dos lédos passarinhos os reclamos;
Só as aves nocturnas agoureiras
De meus males se ouviaõ pregoeiras.

Hora julga daqui como a saudade
Em meu peito obrará, que triste effeito?
Destroço menos faz a tempestade,
Que a ausencia de Feliza no meu peito:
Porém naõ me attrevendo a estar sem vêlla
Ao caminho me puz, fui ter com ella.

Ape-

Apenas avistei aquelles montes,
Onde está de Feliza a formosura;
Ví alegres aquelles horisontes;
Ví os campos cobertos de verdura,
Ouví logo cantar os passarinhos
Das arvores frondosas nos raminhos.

A sua habitaçaõ pela devisa,
Que sabia, busquei, e com effeito,
Por Feliza chamei, veio Feliza;
E minha alma se rio dentro no peito:
Naõ causa quando nasce o Sol tal gosto,
Como eu tive de vêr seu lindo rosto.

Naõ preciso contar-te o que eu diria
Das saudades, do amor, e das firmezas;
A que ella em recompensa, inda que fria,
Lá me disse tambem suas finezas;
Mas vendo, que nas minhas me esforçava
Me dizia que as naõ acreditava:

E que de estar por mim de amor perdida,
Por louvar-me, Tircéa era a culpada;
Dando nisto a entender, que arrependida
Estava de me ser affeiçoada;
Mas com gosto de a vêr nesse conflito
Naõ reflectí na força do seu dito.

Per-

Persuadio-me a tyranna que pedia
A razaõ, que dalli me retirasse,
Porque ella brevemente voltaria,
E que do seu amor naõ duvidasse:
Eu me lembro que quasi na partida
Estes versos lhe fiz por despedida.

SONETO.

Mette, Feliza, a maõ neste meu peito,
O triste coraçaõ me arranca fóra:
Pois ficando tu delle possuidora,
Assim me ausentarei mais satisfeito:

Depois da tua ausencia, eu lá desfeito
Por te vêr suspirava a toda a hora;
A maõ beijar-te vim, e volto agora
A sentir da saudade o duro effeito.

Eu quizera nesta alma de amor chêa
Levar-te, lindo bem, com alvoroço,
Para sempre comigo á nossa Aldêa:

Mas se tu contra amor, por vil destroço,
Sem mim queres ficar na terra alhêa,
Fique o meu coraçaõ, que mais naõ posso.

E

E logo envolto em pranto agoniado,
Me apartei da Pastora de repente;
Porque a naõ a deixar arrebatado
Naõ podéra apartar-me certamente:
No outro dia cheguei, e entre outras queixas
A Tircéa cantei estas Endexas.

ENDEXAS.

Formosa Tircéa,
Linda Pastorinha,
Mais bella que a Rosa
Das flôres Rainha.
Eu vos devo tanto,
Que nunca me attrevo
A recompensar-vos
O quanto vos devo.
Feliza me disse
Que affeiçaõ me tem,
E que vós sois causa
De me querer bem.
Porque vós dizendo
Que sincero vivo,
A querer-me veio
Por vosso motivo.

Hora véde agora
Da divida o preço,
Que o que mais estimo
Por vós o mereço.
Mas se generosa
Premio naõ esperais,
Agora dever-vos
Inda quero mais.
Naõ vos peço gados,
Nem hum só cordeiro,
Nem que maltrateis
O vosso rafeiro.
Das vossas seáras
Naõ vos peço graõ;
Sómente vos peço
Nova compaixaõ
Vós divina sois,
Sem pensões altivas,
E sempre as Deidades
Foraõ compassivas.
Quero que escrevais
A Feliza bella,
O que ausente vêdes
Padeço por ella.

Porque assim que foi
A distantes láres,
Coberto fiquei
De tristes pezares.

Deixei da lavoura
O pobre exercicio;
Suspirar por ella
He só meu officio.

Naõ canto mais versos,
Que tristes endeixas,
Que saõ versos proprios
De lamentar queixas.

Quando de saudoso
Fui beijar-lhe a maõ,
Deixar-lhe queria
O meu coraçaõ.

Naõ quiz acceitallo,
E naõ sei porque;
Vim desconfiado
Que me naõ tem fé.

Talvez s'outro amante
O seu lhe offertára,
Ella carinhosa
Logo o acceitára.

Mas se vós rogar-lhe
Podesseis alli,
O meu recebêra
Quando lho rendí.
Mas ella mistura
Na affeiçaõ rigor;
Porque essa affeiçaõ
Naõ he inda amor.
Por isso vos peço
Que já lhe escrevais,
Que por ella sinto
Tormentos mortaes.
Que a outro naõ queira
Rogai com agrado;
Porque se tal vejo
Morro exasperado.
Tambem lá me disse
Que as minhas finezas
Naõ acreditava:
Vêde que tristezas.
Dizei-lhe, dizei-lhe
Como já fizestes,
Que o mesmo sou sempre
Que vós lhe dissestes.

Dizei-lhe que aqui
Venho cada dia,
Venerar os sitios,
Onde sempre a via.
Mas como a naõ vejo
Com afflicta magoa,
Os saudosos olhos
Se me arrazaõ d'agua.
Dizei-lhe que quando
Seus escritos vejo,
Que letra por letra
Com agrado beijo.
E se por acaso
Vejo outras Pastoras,
Que os olhos no chaõ
Ponho sem demoras.
Dizei-lhe que creia
A minha fineza,
Que saõ meus affectos
Cheios de pureza.
Pedí-lhe que nunca
Vil esquecimento
Possa mais com ella,
Do que o meu tormento.

Nem que lá no peito
Dê a seu rigor
Maior agasalho,
Do que a meu amor.
E dizei que a vida
De amalla conforto;
Por isso as saudades
Me naõ tem já morto:
Mas em fim que venha,
Que naõ seja ingrata,
Senaõ que a demora
De todo me mata.
Porém tudo, tudo
Dizei-lhe em segredo;
Porque de invejosos
Tenho muito medo.
E ao Deos vendado;
Por tantos favores,
Rogarei por vós
Com ternos clamores.
Pedir-lhe-hei que nunca,
De amores ausente,
Sintais dentro n'alma
O que esta alma sente.

Que as vossas finezas
Sempre sejaõ cridas,
E que nunca sejaõ
Mal correspondidas.
Porque assim vivendo
Sem desconfianças,
Nunca vos enganem
Falsas esperanças.
A Cupido rogo
Com empenho assim,
Rogai a Filiza
Tambem vós por mim.
Venerar-vos-hei
Por minha Madrinha,
Formosa Tircéa,
Linda Pastorinha.

Hora eu sei que Tircéa com cuidado
A Feliza fez disto sabedora;
Mas tres vezes a Lua tem mingoado,
F crescido outras tres, e ella em demora;
Isto me apouquenta, isto me agonia,
Isto me faz mortal melancolia.

Porém o mais naõ he que me faz louco
O ferir-me a saudade o amante peito ;
He que o poder do tempo a pouco e pouco
Esquecella de mim já terá feito ;
He temer que a mim falsa , lá distante ,
Entregue o doce peito a outro amante.

AGRARIO.

Reconhece , Pastor , que huma alma cheia
Da paixaõ dominante , que amofina ,
Contemplando na causa , que a enleia ,
O caminho do acerto naõ atina :
Hora discorre bem , discorre , adverte ,
Virás comtigo mesmo a convencer-te.
Naõ vive no teu peito amor constante ?
Aquelle amor , que assim te martiriza ?
Pois acaso estás tu menos distante ,
Do que distante está de ti Feliza ?
O tempo que lá corre , onde ella mora ,
Aqui corre de menos algum'hora ?
Pois se o tempo , e distancia naõ tem arte
De arrancar esse amor cá do teu peito ,
Como pódes julgar da sua parte
Nascer da mesma causa opposto effeito ?
Se hum pasto a duas rezes dado fosse ,
Seria a huma azedo , a outra doce ?

Eu

FILENO.

Eu tenho neste peito huma alma fórte
Contra o poder do tempo, e da distancia;
Firme sempre serei da mesma sórte,
Que he mãi a fortaleza da constancia;
Das mulheres he fraca a natureza,
E he filha a inconstancia da fraqueza.
Naõ tens que te cançar comigo agora;
Que eu protésto daqui já naõ mudar-me,
Deixa, deixa-me só, vai, vai-te embora,
Senaõ gostas de mais amofinar-me;
Naõ me tires o tempo, que appeteço
Para contemplaçaõ do que padeço.
Vai dizer a Tircéa me fallaste,
E que eu sempre fiquei no mesmo enredo;
Porque vendo que fructo naõ tiraste,
Talvez que aprenda a ter melhor segredo:
E embora a meu amor chamem delirio,
Que eu morrer quero ás mãos do meu martirio.
E quando com horror por estes prados
Minha trágica mórte fôr notoria,
Para exemplo de moços namorados
De meus tristes amores conta a historia:
Dize a causa da mórte deshumana;
Mas naõ digas o nome da tyranna.

EGLO-

ECLOGA II.

FILENO.

FILENO Pastor, que era
Affavel, meigo, e brando;
Huma doce manhã da Primavera
O lanudo rebanho pastorando;
Em louvor de Lorinda,
Serrana loura, e linda,
Pelo campo, a que a Aurora borrifava,
Estes versos contente recitava.

Que assim, que assim vem cheia
De graça a bella Aurora!
A parda escuridaõ medonha, e feia
Da tristissima noite foge agora;
Os leves passarinhos
Já cantaõ nos raminhos;
Da malhada sahindo lisonjeiros
Vaõ balando as ovelhas, e os cordeiros.

Co-

Como estaõ orvalhados
Os campos florecentes !
Como alegres se avistaõ matisados
De finissimas côres excellentes !
As boninas mimosas
Se mosttaõ mais viçosas ;
Até as mesmas rusticas hervinhas
Arrogantes levantaõ as folhinhas.

Porém naõ he taõ linda
A luz mais rutilante ,
Como o sereno rosto de Lorinda ,
Da formosa Lorinda taõ brilhante :
As flôres delicadas
Naõ saõ taõ engraçadas ,
Como Lorinda ; que he com mil primores
Mais pura que as estrellas , mais que as flôres.

Nem causa a luz do dia
A toda a creatura
Alegria geral , como a alegria ,
Que concebe quem vê tal formosura ;
Os Serranos se alegraõ
Assim que a vêlla chegaõ ;
Quando á campina vem , mal que apparece ,
A mesma rélva secca reverdece.

Hum

Hum penedo, que estava,
No pé de hum monte quedo,
Porque acaso Lorinda alli chegava
Tres saltos eu vi dar ao tal penedo;
E já por várias vezes
Eu vi a muitas rezes
Com a rélva na bocca, e mal que a viraõ,
Os bocados da bocca lhes cahíraõ.

Naõ póde haver belleza
Em creatura humana,
Como a incomparavel gentileza
Daquella formosissima Serrana;
Nem pódem por Pastores
Cantar-se os seus louvores;
Muito menos por mim, que sou mais rudo,
Que de hum tosco sobreiro o tronco mudo.

Napéas amoraveis,
Por bosques differentes,
Por valles e por montes, incançaveis
Concertai-lhe cantigas mais decentes;
Vós, Faunos, lá das cóvas
Cantai-lhe alegres trovas;
E vós, Ninfas do rio, sobre a linfa
Louvores entoai a esta Ninfa.

As nove Irmãs Camênas,
Vós Sacro Pastor louro,
Com as vossas divinas cantilenas
He que podeis louvalla sem desdouro;
E nós pobres Serranos,
Porque somos humanos;
Desta angelica Ninfa naõ cantemos,
Porém só mudamente a admiremos.

ECLOGA III.

FILENO, E ALCINO.

SE em verso humilde, e baixo ser cantado,
Naõ deslustra hum Heróe alto, e subido;
Cantarei de Malheiros sublimado.
De Malheiros, varaõ ennobrecido
Por sangue, por acções, e por engenho,
Que o completaõ Heróe esclarecido.
Bem sei que só de Apollo o sacro empenho
Sua lyra affinando poderia
De Malheiros cantar com desempenho.
Pois da sua immortal genealogia
Vir tecendo huma longa, e alta historia,
Na minha agreste flauta eu naõ podia.

Nem

Nem pretendo cantando ter a gloria
De patente fazer sua grandeza,
Porque a sua grandeza he bem notoria.
Applaudir só desejo a subtileza,
Com que agora mostrou neste festejo
Seu engenho a maior delicadeza.
Que Pastor haverá do nosso Tejo,
Que o Author daquella Opera famosa
Naõ deseje louvar, como eu desejo?
Com a maõ despendendo generosa,
Generoso o engenho descobrindo,
Illustrando a funçaõ, a faz lutrosa.
Oh! quem fazer podéra sobre o Pindo,
Com invéja de Apollo, em alto canto
De Malheiros o nome ir retinindo!
Mas se eu chego a lucrar o prazer tanto
Que Malheiros attenda estes louvores,
Apollo ficará cheio de espanto.
Nem supplico da Muza outros favores,
Basta só que elle escute, e eu lhe repita
O que ouvi praticar a dous Pastores.
Da cabana sahindo, adonde habita,
Hontem já pela tarde o bom Fileno,
Quando do Sol o ardor se debilita;

Mo-

Movia entaõ Favonio o ar sereno,
E o Pastor pensativo caminhava,
Por hum valle florido, e todo ameno;
E junto d'huma fonte, que ficava
No declive do outeiro, contemplando
Nas grandezas, que vira, se assentava.
D'outra parte do monte apascentando
Vinha Alcino o seu gado; várias trovas
Em louvor de Malheiros concertando.
Porém, como naõ tinha cabaes novas
Do lustroso brinquedo, naõ podia
Do seu canto bem dar notaveis próvas;
E porque só Fileno á fonte via,
Para vêr se lhe dava mais certeza,
A Fileno chegando assim dizia.

ALCINO.

Deos te guarde, Pastor: se com miudeza
A noticia me déres, que apeteço,
Nunca falsa te seja a tua Andreza.

FILENO.

Pois se a tua Amariles tanto apreço,
Como eu faço, fizer de obedecer-te,
Verás nella de amor hum grande excesso.

ALCINO.

Eu te creio, Pastor; e assim dizer-te
Meu desejo começo, confiado
Nesse agrado, que chego a merecer-te.
Na grande Santarem, he bem fallado,
Que hum brinco taõ notavel se fizera,
Qual nunca entre os Pastores foi usado.
Que o Illustre Malheiros dispozera
Esta nobre funçaõ taõ nobremente,
Como outro homem algum nunca fizera.
E pois tu já lidaste com mais gente
Antes de Pastor ser, bem que a pobreza
Neste estado te poz taõ decadente;
Tu por vêres já cousas de grandeza
Tudo sabes notar; de ti desejo
Estas cousas saber com mais clareza.

FILENO.

Eu tive, Alcino, o gosto mais sobejo;
Porque pude tambem lá ter entrada
A vêr esse noblissimo festejo.
E pois gostas saber como ordenada
Por aquelle Varaõ esclarecido
Essa fasta se fez taõ affamada;
Quanto tenho do caso comprêndido,
Confórme o rude modo de explicar-me,
Alegre te direi: toma sentido.

AL-

ALCINO.

Naõ tens, amigo, naõ, que encomendar-me
A attençaõ, com que devo estar attento,
Para melhor de ouvir-te consolar-me.

FILENO.

Na antiga, e nobre Roma, que portento
Foi do Mundo, segundo me contáraõ,
Quando vi lá do brinco o lusimento,
Houve hum Imperador, que o sublimáraõ
Tanto suas acções, que dignamente
A delicia do Mundo lhe chamáraõ.
Affavel, liberal, sábio, prudente,
Clementissimo, todo grato,
Generoso, benevolo, eloquente.
Este he o grande Tito, que relato,
Do qual fez nobremente a natureza
A Malheiros noblissimo retrato.
Deste Principe grande, com grandeza
Toma o nosso Malheiros a clemencia
Para a Opera sua por empreza.
Deve ser de hum Heróe alta excellencia;
Nas acções, que emprender, sempre previsto,
Magnifico mostrar magnificencia.

As idéas dispõe, e depois disto
Em verso foi compondo, bem rimado,
Huma Opera a melhor, que se tem visto.
Intenta logo expôlla ao tablado;
E as figuras em ella introduzidas,
Figurou por huns rusticos do prado.
De humas rudes Serranas mal polidas,
E huns agrestes Pastores, que ensaiando
Figurou as figuras mais luzidas.
Como da molle cera, ou barro brando
De hum artifice a maõ habilidosa
Quaesquer fórmas, que idéa, vai formando;
Assim com subtileza artificiosa,
Por Malheiros qualquer cousa ideada
Nunca achou para obrar difficultosa.
Para as Arias, com que mais illustrada
A sua Opera fez, tambem composta
Foi a solfa por elle, e concertada.
Por elle com industria sendo exposta
Aos inertes Pastores, já cantavaõ
Como antes naõ faziaõ por aposta.
A chusma de instrumentos, que tocavaõ,
Bem diversos das flautas dos Pastores,
Por Malheiros regidos encantavaõ.

Da Corte mandou vir os tangedores,
Que em louvor de Malheiros sublimado
Agora devem só cantar louvores.
Já do nobre Theatro, que exornado
Com ricos bastidores, naõ se falla;
Basta adonde, e por quem ser concertado.
Do seu mesmo Palacio em huma sála
Threatro, camarotes, e Platéa
Ao primor, com que os fez, nenhum se iguala.
Viste tu quando sahes da nossa Aldea
O campo matisado de mil flôres,
Com que a vista dos homens se recrêa?
Pois melhor os Artistas, e pinturas,
Que da Corte algum vir tambem mandára,
O prospecto fizeraõ dos melhores.
Porém tudo que a maõ delles obrára,
Com engenho melhor, com melhor arte
De Malheiros a voz lhe destinára.
A sala quasi ao meio se reparte,
E de huma se orna o bom Tablado;
Platéa, e camarotes de outra parte.
Apenas isto tudo preparado,
Como deixo em resumo repetido,
Se executa esse brinco taõ fallado.

Eu lá fui na Platéa introduzido;
Eu a ventura tive, e tive o gosto
De áquelle acto assistir esclarecido.
Vi o nobre Theatro bem composto,
Onde os bons bastidores se mudavaõ,
Confórme para a scena era disposto.
Ouvi os instrumentos, que acordavaõ,
E vi representar cada figura,
A quem ricos vestidos adornavaõ.
E vi nos camarotes, que a pintura
Fazia bem vistosos com as cores,
A Ninfas de extremada formosura.
Eu vi cá na Platéa alguns Pastores
Pasmados; porque viaõ a belleza,
Com que representavaõ taes Actores.
Eu vi os homens alli, a que a nobreza
Distingue de nós outros Pegureiros,
Atonitos de vêr tanta grandeza.
Porém vi, e notei, que de Malheiros
Fallavaõ em louvor por toda a parte
Formosuras, Pastores, Cavalheiros.

ALCINO.

Suspenso estou, Fileno, de escutar-te;
Supposto algumas cousas mal comprehendo,
Que tenho de tornar a perguntar-te.

Mas agora, primeiro só pretendo
Me expliques de Malheiros a figura;
Que notavel será, segundo entendo.

FILENO.

Naõ he alta, nem baixa a estatura,
Cabello, e barba preta; he alvo o rosto;
Os olhos com viveza, e côr escura.
Veneravel aspecto, e bem composto
De membros, todo bem proporcionado;
Naõ he gordo, nem magro, he bem disposto.
He gentil, e de prendas adornado;
De sórte, que qual outro Deos Cupido
Parece pelas Graças foi creado.

ALCINO.

De cada vez estou mais suspendido:
Mas repára, eu naõ vejo o meu rebanho;
Talvez em algum paõ ande mettido.

FILENO.

Pois vamos procurallo; eu te acompanho;
Porque justo naõ he sem dono paste,
Seja em relva, ou em paõ de dono estranho:

E

E como isto he já noite, á manhã baste;
Que para te explicar quanto quizeres
Mais tempo de conversa entaõ se gaste.

ALCINO.

Acertos haõ de ser quanto disseres:
Pois pelo rasto o gado já busquemos,
E á manhã, mal que tudo me exposeres,
Em louvor de Malheiros cantaremos.

ECLOGA IV.

ANFRIZO, E FRONDELIO.

TRISTE o Pastor Anfrizo se abrasava,
Porque a loura Silvana, a quem amava;
A quem mais do que a si mesmo queria
O tratava com grande tyrannia:
Declarou-lhe o Pastor seu fogo amante,
Ella mostras lhe deo de ser constante:
Porém sem causa mais, que ser-lhe ingrata;
De repente mudavel o maltrata,
Mostrando claramente, que se inclina
Ao vaqueiro mais torpe da campina:
Este mal, o Pastor se bem o sente,

Pa-

Para alivio naõ ter o esconde á gente ;
E por isso de todos fugitivo
Suspira, e naõ declara o mal esquivo ;
Outras vezes de magoa arrebatado
Sem palavra dizer fica pasmado ;
Mas Frondelio, que amigo era de Anfrizo ;
Frondelio Pastor velho, e de juizo,
Conhecendo do moço no semblante
Que nascia o seu mal de causa amante,
Determina comsigo procurallo
Em parte, onde podesse confortallo ;
E huma tarde, que á borda o vio do rio
Encostado ao cypreste mais sombrio,
Estava o triste entaõ mudo, e suspenso
Á força do terrivel mal intenso :
Pouco, e pouco o bom velho intelligente
Propinquando-se a elle mansamente,
Por hum braço lhe pega, balançando
Ao extatico moço, assim fallando.

FRONDELIO.

Em que cuidas, Pastor, que te amofina,
Quem te causa tamanha desventura ?
Communica-me o mal, que te arruina,
Que talvez que te abrande essa loucura :
Tudo póde fiar-se de hum amigo
Se verdadeiro for, como eu comtigo.

An-

ANFRIZO.

Ai amigo Frondelio! essa amizade
Que sempre te devi bem a conheço;
Mas se obrigado sou fallar verdade,
De agora aqui te vêr cá me aborreço;
Porque hum triste, hum afflicto, hũ desgraçado
Naõ quer mais companhia, que o cuidado.

FRONDELIO.

Oh! louca mocidade! como he certo
O que em ti hoje mostra a experiencia,
Que no peito mais terno, e pouco experto
Pégao fogo de amor com mais ardencia;
Devendo-lhe fugir com liberdade
A leveza da mesma mocidade.

Eu leio no teu pállido semblante,
Que he de amor a paixaõ, que te traz vário,
De teu gado esquecido, que anda errante:
E tu louco pensando solitario,
Sem vêres que a tristeza mais insiste
Do muito imaginar na causa triste.

De hum Pastor, que procura alegre vêr-te
Naõ te aborreça, naõ, a companhia;
Que motivo naõ he de aborrecer-te
Querer te naõ despenhe essa agonia;
Porque hum homem de magoa arrebatado
À mórte louco vai precipitado.

Di-

Dize, dize, Pastor, que te amofina
Quem te causa tamanha desventura?
Communica-me o mal, que te arruina,
Que talvez que te abrande essa loucura;
Eu farei por tornar-te á antiga graça
Tudo quanto possivel for que faça.

ANFRIZO.

Eu te exponho Frondelio as minhas queixas,
A que naõ poderás alivio dar-me;
Porém só para vêr se só me deixas
De profunda tristeza consolar-me;
Pois naõ quero outro algum contentamento,
Que fartar de tristeza o pensamento.

FRONDELIO.

Oh! louca mocidade! como he certo
O que em ti hoje mostra a experiencia;
Que no peito mais terno, e pouco experto
Péga o fogo de amor com mais ardencia:
Dize, dize, rapaz, o teu mal grande,
Póde ser finalmente que to abrande.

ANFRIZO.

Bem sabes, meu Frondelio, que algum dia,
Oh! dulcissimo tempo, oh! doce idade!
Como sem as pensões de amor vivia,
Me gosava da doce liberdade:
De meu gado cuidava com presteza;
Naõ sabia que cousa era tristeza. Quan-

Quando a luta jogava, eu abraçando
Ao contrario no chaõ logo lançava;
Quando a barra expelia, forcejando,
Muito da risca além sempre a deitava;
Na carreira veloz, sempre ligeiro,
Em chegar á baliza fui primeiro.

Se acaso algum seráõ hia aos folgares,
A qualquer dos Pastores dava espanto;
Tocava a doce avena sem desares,
A todos excedia em baile, e canto:
As Pastoras o digaõ, que as mais dellas
De flóres me teciaõ as capellas.

FRONDELIO.

Eu tambem o direi; porque bem via,
Quando nessas palestras me ajuntava,
Que nenhum dos Pastores te excedia,
De que dentro no peito me alegrava;
Tambem via nos olhos das Serranas
Hum modo de te olhar, nada tyrannas.

ANFRIZO.

Naõ duvido assim fosse; porém juro
Que eu a cousas de amor naõ attendia;
Porque só estimava o gosto puro
De liberto nutrir-me de alegria;
Mas oh! quanto mudado hoje só vejo
De tristezas faminto o meu desejo!

O canto em triste chôro convertido,
A ligeireza, e força defecada,
Da liberdade o gosto já perdido,
A natureza em fim desconcertada;
Todo, todo diverso de algum dia
Me poz do triste amor a tyrannia.

Essa filha de Gil, essa Pastora
Mais bella, que tem vindo á nossa Aldêa;
He aquella cruel, he a trahidora,
Por quem me move Amor guerra taõ feia:
Eu a ví, eu a ví sem recear-me
Demorei nella a vista, e foi matar-me.

Como de huma faisca despresada,
Que aquecendo a materia combustivel,
A pouco espaço em chamma levantada,
Hum incendio se atêa irremessivel;
Assim de huma affeiçaõ, que mal se sente
Péga o fogo de Amor em chamma ardente.

De outra sórte naõ foi quando eu olhava
Para a linda Silvana, e della via
A ternura, com que se demorava,
Quando os olhos a mim tambem volvia:
Pouco e pouco aquecendo assim meu peito
Fez o fogo de Amor ardente effeito.

Se

Se o seu gado levava para o monte,
Para o monte guiando hia o meu gado;
Quando passar a via para a fonte,
Á fonte beber vinha disfarçado;
Em fim, o meu cuidado era só todo
De encontrar-me com ella buscar modo.

Alguns dias andei irresoluto
Sem fallar-lhe em amor, cheio de pejo;
Até que a declarar-me resoluto
Huma tarde lhe expuz o meu desejo:
Andava pelo prado a colher flóres,
Quando a ella cheguei morto de amores.

Deos te guarde, Silvana. Se mereço,
Eu lhe disse com modo carinhoso,
Que a dita me concedas, que apeteço,
O Serrano serei mais venturoso.
Escutou sem desdem minha proposta,
E me deo com affago esta reposta.

Que pódes tu querer que eu te permitta,
Que naõ alcance o teu merecimento?
Se de mim nascer póde a tua dita,
Eu a tenho no teu contentamento;
Em ti minha vontade tenho posto,
Como tua dispõe della a teu gosto.

Qual

Qual huma sementeira já nascida,
Por falta de humidade pouco cresce,
Mas se hum chuveiro vem, humedecida
De repente se augmenta, e reverdesce;
Tal daquella razaõ fiquei de modo,
Que naõ cabia amor dentro em mim todo.

Bellissima Pastora, eu lhe tornava,
Naõ quero nada mais, saber queria
Se esta chamma de amor, que me abrazava
A teu nevado peito abrazaria:
Saber se a mim te inclinas com ternura,
Que naõ quero do mundo outra ventura.

Respondeo-me risonha esta trahidora;
Que logo a vez primeira, que me víra,
De amor a aguda sétta passadora
O coraçaõ amante lhe feríra;
Que morria por mim, que me adorava,
E com mil juramentos o affirmava.

Mas ah! que hoje me diz o meu tormento,
Hoje só me faz crêr meu mal tyranno,
Que em materias de amor hum juramento
Naõ merece mais fé, do que hum engano;
E creio das mulheres certamente,
Que aquella que mais jura, essa mais mente.

To-

Toda a tarde com ditos amorosos
Praticámos alli, de amor effeito;
Entrancei-lhe os cabellos primorosos,
De flôres lhe adornei o falso peito;
Dei-lhe hum beijo na face, e de improviso
Vergonhosa ella entaõ deo hum sorriso.

A tarde se acabou, mas alguns mezes
Entre nós este amor naõ se acabava;
Eu buscava a Silvana algumas vezes,
Outras vezes a mim ella buscava:
Até que antes de hum anno ser passado
Em Silvana o amor ví acabado.

Qual a rôla, que ausente do consórte
Pela confusa balsa anda gemendo
Em maior confusaõ, da mesma sorte
Por Silvana eu gemia padecendo,
Sem poder hum encontro achar com ella,
Para só de perjura reprehendella.

Affirmáraõ-me que ella bem queria
A Montano Vaqueiro torpe, e enorme;
Mas eu capacitar-me naõ podia
De huma cousa á razaõ taõ desconfórme;
Pois della conhecia a formosura,
E do feio Pastor a má figura

Por

Por fallar-lhe eu andava vigilante ;
Porém sempre a cruel se me escondia ;
Inda quando me via lá distante
Para maior distancia me fugia ;
Até que hum dia achei que esta tyranna ,
Sem ninguem se detinha na cabana.

Entrei-lhe pela pórta de repente ,
Sem que entaõ de fugir tempo tivéra ;
Perguntei-lhe a razaõ , por que inclemente
Para assim me deixar se resolvêra ;
Chamei-lhe desleal , desamoravel ,
Inconstante , mulher , falsa , mudavel.

Em quanto lhe fallei esteve muda
Assentada fiando junto ao fogo ;
E sem olhos erguer muito sisuda
Assim me respondeo com desaffogo ;
Querer-te eu a ti mal , isto era injusto ,
Do proximo o amor sempre foi justo.

Mais entaõ quiz dizer-lhe ; porém vinha
Chegando quasi á porta Daliana ;
E como para mais tempo naõ tinha
Assustado cheguei á vil Silvana ;
E com tremula voz balbuciente
Me lembro , que lhe disse finalmente.

Ahi

Ahi vem Daliana ; adeos trahidora ,
Inimiga da minha sociedade ;
Deixa beijar-te a maõ ; deixa , que agora
Na face já naõ torno a liberdade :
Beijei-lhe a branca maõ , cheio de mágoa ,
E meus olhos tambem se enchêraõ de agua.

Naõ me disse palavra , e eu sahindo
Pela porta , a que a outra já chegava ,
Maior pezo no peito fui sentindo ,
E hum suor todo frio me banhava ;
Mas naõ parou aqui o meu tormento ;
Que guardado me estava o mais violento.

Por tornalla a encontrar no dia todo
Naõ me escapava alguma diligencia :
Até que hum a encontrei , mas foi de modo
Que a dizello me falta a paciencia :
Eu a ví , eu a ví d'huma abrigada
Com Montano em affagos abraçada.

Como já quando vem o raio adusto
Da regiaõ celeste despedido ,
Que dando no pinheiro mais robusto ,
Com destroço por terra o põe cahido ;
Assim prostrado logo c'hum desmaio
Desta vista me poz o triste raio.

So-

Sobre a terra escabrosa amortecido
No lethargo fiquei tempo bastante ;
Até que, recobrando algum sentido,
Já naõ ví a trahidora , nem o amante :
Disto nasce o meu mal, que naõ tem cura,
Meu pezar, minha dôr, minha loucura.

FRONDELIO.

O coraçaõ me move a sentimento
A tragedia fatal que repetiste ;
O vexame cruel do teu tormento
Compaixaõ me produz no peito triste ;
Porém póde o teu mal fazer mudança,
Se riscares a causa da lembrança.

Torna, torna, Pastor, torna aos folgares
Como d'antes alli tocando a avena ;
Dança, jòga, conversa, e dos lugares
De alegria naõ fujas ; que isso he pena :
Em rebanho ajuntar vai o teu gado,
Que anda todo na serra desgarrado.

Dá-lhe o pásto de dia, que aproveite,
De noite na malháda o põe seguro ;
Ordenha-lhe a seu tempo o branco leite,
De que o tarro encherás, eu to asseguro ;
Depois faze o bom queijo saboroso,
O fresco requeijaõ, que he bem gostoso.

Emprega nesta lida o teu cuidado,
Desterra da memoria tal Pastora;
Que viveres por ella magoado
Bem vês que o naõ merece huma trahidora:
Por teu bem a verdade te aconselho,
Porque sou teu amigo, e sou já velho.

ANFRIZO.

Essa tua razaõ lugar teria,
Se a paixaõ naõ vencesse a natureza;
Mas he maior que as causas da alegria
O motivo da minha vil tristeza;
Quereres que me esqueça o meu ciume,
He querer seja frio o quente lume.

FRONDELIO.

Eu entendo, Pastor, que esse motivo
De chegares em braços de outro a vêlla,
Em lugar de causar-te hum mal taõ vivo
Obrigar-te devia a aborrecella;
Se isto bem ponderasses na memoria
Tua magoa seria transitoria.

ANFRIZO.

Naõ tens que te cançar, bom velho amigo,
Que abraçar já naõ posso algum conselho;
Deixa, deixa-me só, porque inimigo
De mim mesmo, a morrer já me aparelho:

A tua compaixaõ só de outra sórte,
Servir-me poderá depois da mórte.
Quando meu corpo achares estirado,
Deste alento vital destituido;
Que em lugar ha de ser lá retirado,
Donde em vida me vá da dôr ferido;
Para o sitio, que achares mais patente
Te rogo que o conduzas paciente.
Que sepultado seja alli espero
O meu frio cadaver macilento;
O modo te direi, por que assim quero
Possa a todos servir de documento:
A cóva me abrirás por caridade,
E depois lança o corpo com piedade.
Coberto que já fôr de terra dura,
Busca entaõ huma pedra denegrida,
Que logo firmarás na sepultura
Em fórma, que se veja ao alto erguida;
Na frente lhe abrirás por derradeiro
Com letras côr de fogo este letreiro.
Aqui jaz o Pastor mais desditoso,
Que peitos de mulher alimentáraõ;
Anfrizo se chamou: por extremoso
Rigores de Silvana o acabáraõ:
De amor o grande pezo em vida teve,
No sepulcro lhe seja a terra leve.

EGLO-

ECLOGA V.

DALIZO, E FILENA.

Era o tempo, no qual mais rutilante
Raios vibra de Febo a flamma ardente;
Quando esperar que mais o ardor quebrante
Abrigo vai buscar todo o vivente;
Qualquer féra dos montes habitante,
Á frescura do bosque vai contente;
O gado as sombras busca, e os passarinhos
Vaõ buscando o amparo dos seus ninhos.
Neste tempo, que tudo repousava,
Só Dalizo descanço naõ sentia;
O som alegre já naõ entoava,
Como d'antes, na flauta, que tangia;
Em busca de Filena o arrastava
Huma falsa noticia, que sabia;
Mas quando em busca della vai penando;
Ella o vinha tambem já procurando.

Encontra-se hum com outro, e de repente
O Pastor, perturbado de zeloso,
Já queixar-se naõ sabe do que sente,
Já sentido nem sabe estar queixoso;
A Pastora, em quem vive amor ardente,
Devisando-lhe o gésto pesaroso,
Encendida em amor, de pena estálla,
Já lhe péga na maõ, já lhe assim falla.

FILENA.

Que novo estylo he este desusado?
Que nova suspensaõ agora he esta?
Naõ saõ estas as horas, que o cuidado
Te levava a buscar-me na floresta?
Agora, que descança á sombra o gado,
Os Pastores tambem dormem a sésta,
Naõ me buscavas sempre terno amante?
Naõ me achavas na fé sempre constante?

Pois como, vindo agora a procurar-te,
Naõ soffrendo demora o meu cuidado,
Taõ confuso te encontro, que encontrar-te
Desta sórte me tem confusaõ dado?
Chegou algum Pastor a injuriar-te,
Ou furtáraõ-te acaso algum do gado?
O motivo me explica dessa pena,
Que a quanto te magôa me condemna?

DA-

DALIZO.

Ah Filena! ah cruel! falsa, aleivosa;
E como vens trahidora simulada,
Destas penas mostrando-te penosa,
Como se tu naõ foras a culpada?
Naõ foi para mim, naõ, injuriosa
De outro Pastor a furia arrebatada,
Pois na carreira a todos excedendo,
Na luta, e barra os fui tambem vencendo.

De todos alcancei sempre a victoria;
Mas a maior victoria, que alcançava,
Era nisto lucrar aquella gloria,
Com que ao teu genio assim lisonjeava:
Mas ai! que se recórdo na memoria
Finezas, que por ti amante obrava,
Naõ sei como inda vivo em tal estado,
Vendo-me hoje taõ mal galardoado.

Perguntas-me se o gado me furtáraõ?
Ha loucura maior? Dize, tyranna,
Que importava que o gado me roubáraõ,
A seres tu constante, meiga, humana?
Ah cruel! que estas penas ordenáraõ
As tuas inconstancias; pois oufana
A outro Pastor sei que firme adoras,
Por ignorancia vil entre as Pastoras.

Algum dia affirmavas tu: Primeiro
Produzirá o campo, e o bosque estrellas;
No Ceo flôres verás por derradeiro,
Brancas, roxas, azuis, mais amarellas;
Verás aves no mar, rio, e ribeiro;
Verás peixes voando em lugar dellas;
Mas naõ verás em meu constante peito
Contra a fé, que te juro, algum defeito.

Pois os pexinhos na agua ainda se agitaõ;
As aves no ar tem seu movimento;
As boninas no campo ainda habitaõ;
As estrellas no Ceo tem seu assento;
Mas em teu falso peito se exercitaõ,
Oh que a pezar do meu contentamento!
Falsa fé, falso amor, falsa fineza,
Contra amor, contra mim, contra a firmeza.

FILENA.

Eu assento, Dalizo, que perdeste
A antiga discriçaõ: tu com loucura,
Quando o meu puro amor só mereceste,
Fazes delle essa infame conjectura:
Verás luzir primeiro a sombra agreste,
Verás o Sol brilhante sombra escura;
Mas desta pura fé a claridade,
Já mais padecerá escuridade.

Se

Se nesse juramento de algum dia
Escrupulisas possa ser perjura,
Mil vezes jurarei, se entaõ fazia
De minha fé constante huma só jura:
Desterra já de ti tal fantazia,
Que offende no meu peito a fê mais pura;
Quando sabes, que já na melhor parte,
De minha alma cheguei a collocar-te.

DALIZO.

Já me disseraõ tudo claramente,
Inda naõ haverá nem duas horas;
Que outro Pastor por ti se abraza ardente,
E com ardente amor tambem o adoras:
Apenas isto sube, de repente
Assaltado de penas taõ trahidoras,
A cabana deixei, deixei o gado,
A buscar-te me trouxe este cuidado.

Naõ porque de outro bem tenha esperança
A procurar-te vim, nem por queixar-me;
Porque vendo taõ livre essa mudança
De que podia a queixa aproveitar-me?
Mas como quasi tenho a segurança,
Que estas penas a vida haõ de acabar-me;
Como a morrer me vejo desta sórte,
Noticia te quiz dar da minha mórte.

Fi-

Filena.

As innocentes mãos, quando assim morrás
Sincera lavarei, por naõ ter parte
Na desgraça fatal, naõ, naõ discorras
Acreditando enganos de tal arte.
E porque a doce vida já soccorras
Quero Dalizo agora assegurar-te,
Que se o meu puro amor naõ acreditas
Mais que a tua esta vida precipitas.

Dalizo.

Perder pouco me déra a vida grata
Se arriscando-a por ti perdêra a vida:
Sinto mais que matando-me de ingrata
Por escandalo vivas conhecida:
Essa fé, que me affirmas, quando máta
Mais te aviva, e descobre fementida;
Em fim por certo sei o como és firme:
Precisaõ ninguem tinha de mentir-me.

Eu bem vejo terá maior rebanho
Do que o meu, o Pastor de ti querido;
Mas ao constante meu amor tamanho
Nem tua ingratidaõ tem excedido;
Será muito aninhado em seu amanho,
Seu genio, seu primor muito crescido;
Porém naõ poderás contra mim triste,
Negar quanto por ti obrar me viste.

Quan-

Quantas vezes, se acaso te fugia
Alguma das ovelhas do teu bando,
Eu só por te servir logo corria
Procuralla, o meu gado só deixando.
E se em quanto a buscalla cá se me hia
O meu rebanho todo desgarrando,
Por vêres que servir-te desejava
Este mesmo desmancho me agradava.

Que gostoso tambem te offerecia
Da fruta que encontrava mais gostosa?
E se acaso no laço me cahia
Naõ te dava a perdiz deliciosa?
Quantas vezes, por dar-te só colhia
Aquella flôr do prado mais vistosa?
Quantas vezes se á fonte te encontrava
O cantaro á cabana te levava?

Quantas vezes por ti..... Porém que digo?
Em que delira agora o meu cuidado?
Se na mórte he que espero achar abrigo,
Que esperallo de ti he escusado:
Eu bem sei que em queixar-me naõ te obrigo,
E julgo que isto que eu tenho contado,
Desafogo foi só da minha pena,
E naõ por me queixar de ti, Filena.

Fi-

FILENA.

Eu causa te naõ dei para queixar-te,
Nem já mais a darei ao meu Dalizo,
Naõ vés que para n'alma aposentar-te
Dedicar-te a minha alma foi preciso?
Quem já mais poderá della apartar-te,
Deturpando de amor o trato liso?
Olha que tudo quanto te disseraõ
Invéja a nosso amor foi que tiveraõ.

Tu naõ vês que ha Pastores taõ manhosos,
Que invejando o querer de outros Pastores
Hum enredo maquinaõ cautelosos
Por quererem talvez os seus amores?
Esses ditos, que sabes enganosos,
Acredita que saõ perturbadores,
Ou de cáuto Pastor, que a mim adora,
Ou Pastora sagaz, que te namora.

Mas naõ verá nenhum desses trahidores
Lograda tal industria deshumana;
Agora alcançarás de meus primores
Se desleal te fui, se sou tyranna;
Satisfações naõ quero dar melhores
Que aquellas, que verás lá na cabana:
Anda comigo, vem, deixa essa pena,
Que satisfeito só te quer Filena.

DA-

DALIZO.

Eu me dou já, Pastora, satisfeito,
Inda que naõ sei bem se te acredite;
Porém como de amor vivo sujeito,
Quer amor que de ti me capacite.
Eu te sigo fiel, e por effeito
Que já mais teu rigor me precipite,
Esta maõ só me aperta, em confiança
Da firmeza, da fé, da segurança.

FILENA.

Mas espera; que além desta campina
Hum Pastor para aqui lá vem de rosto;
Que sempre a opposiçaõ de huma mofina
Fatal estorvo encontra ao maior gosto:
He Silvandro: se a sórte assim destina,
Forçoso he separar-nos deste posto;
Mas antes que de todo acabe a sésta
Com fadiga te espero na floresta.

DALIZO.

Pois faze tu que vás seguindo o gado
Para a ponta acolá deste ribeiro;
Porque a Silvandro agora disfarçado
À sombra guiarei de hum fresco ulmeiro;
E logo lá no sitio costumado,
Ficando elle do somno prisioneiro,

A procutat-te irei; com Deos vai indo.
Elle comtigo vá: disse ella rindo.
  Apartados assim os dous Pastores
Cada qual nas vontades conformados:
Protestando ambos vaõ firmes amores,
Nos protestos hum de outro confiados:
Mas ah, Dalizo incauto! Se os rigores
No feminil naõ foraõ costumados;
Confianças melhor ter poderias,
Mas olha que te enganas, se confias.
  Confiado vivia o triste Albano,
Pastor nestes contornos habitante,
Na perjura Damiana, que em seu damno
Já falsa lhe affirmára o ser constante.
Lamenta-se o Pastor do trato insano
Aos impulsos da magoa exorbitante;
Cujos écos por Mattos repetidos
Ferem os corações, quando os ouvidos.
  Á penha mais robusta comovia
Quando os queixumes d'alma desencerra;
Mas Damiana, que ingrata a fé mentia
Dura ficava mais que a dura serra:
Diz-lhe em fim que a Fileno só queria;
Vaga Albano com dôr a alhea terra:
Tome exemplo, pois, todo o affeiçoado;
Que nunca ha em amor seguro estado.

ECLO-

ECLOGA VI.

FLORIANO.

O PASTOR Floriano impaciente,
Porque a bella Matilde, a quem amava,
Agora por cruel se lhe occultava,
A busca diligente;
Sem descanço, sem tino, modo, ou termo,
Por vales, montes, povoado, e ermo.

Chegando junto ao Tejo, donde fora
O sitio, em que primeiro lhe fallára,
Conhecendo o lugar, suspenso pára,
Suspira, geme, e chora;
E por força da magoa, que o naõ deixa,
Com ternissima voz assim se queixa.

Aqui donde a agoa fez esta quebrada,
Lapando pouco, e pouco a ribanceira;
Aqui foi, aqui foi a vez primeira,
Que ví a minha amada;
Tanto de amor fiquei por ella preso,
Quanto agora lamento o seu despreso.

Qual

Qual o simples cordeiro, que balando
Pelo matto, da Mai anda perdido,
Assim ando tambem espavorido
Por ella suspirando;
Mas por mais que suspiro, e que lamento
Nunca tem meus suspiros valimento.

Sem ter outro cuidado, eu algum dia
Cuidadoso guardava o meu rebanho;
Naõ tinha maior gosto, nem tamanho,
Se gordo o gado via;
Porém depois que vi Matilde bella,
Naõ tive mais cuidados, do que nella.

Em quanto desta ingrata fui querido
Nada mais que servilla me lembrava;
Mas agora que ví que me deixava
Cuidado mais crescido;
Cuidados com amor, e sem amores
Mais cuidados cruéis, mais cruéis dôres.

Ah! tyranna Matilde! Se eu podéra
A tua sem-razaõ vencer agora;
Neste mal, que padeço hum bem me fora
O maior que tivera;
Mas por mais que me canço, e que trabalho,
Nada alcanço de ti, já nada valho.

Porque foges de mim, bella Matilde?
Se de longe me vês corres esquiva,
Só por naõ attenderes compassiva
A hum Pastor humilde:
Escuta, escuta ingrata, as minhas queixas:
Bem vês a sem-razaõ, com que me deixas.

Em toda esta campina, fresca estancia,
A qual banhaõ do Tejo as patrias aguas,
Naõ haverá Pastor com tantas magoas,
Nem que ame com mais ancia;
E tu causa do mal, que estou sentindo,
Ha tres dias de mim que andas fugindo.

O lobo no redil com mortandade
Faz estrago fatal, perda crescida,
Porque apenas voraz deixa com vida
Do gado nem metade;
E o Pastor, que isto vê quando amanhece,
Amofina-se, chora, e se entristece.

Mas oh! que pouca perda a minha fora
Se metade do gado me morrêra!
Eu perdêra hum rebanho, e mais perdêra
Se víra esta trahidora;
Se Matilde já vira, como d'antes
Ouvir-me, e responder ditos amantes.

Porém já naõ me attende, nem responde
A cruel desleal, que se me occulta,
Dizei-me adonde está, ó rócha inculta,
Dizei, dizei-me adonde?
Mas ai que eu já deliro! agora cria
Que póde responder-me a penedia.

Vagando correrei, irei ao Povo,
Á selva, ao bosque, ao campo, e ao outeiro
Naõ fique pedra, rama, nem rigueiro,
Que naõ busque de novo;
Hei de vêr se a encontro, ou quem me diga
Donde achar poderei esta inimiga.

Se acaso cá de longe a vêlla chego,
Por mais que ella na fuga me resista,
Logo irei, porque a naõ perca de vista
Correndo sem socego;
Tanto forcejarei nesta carreira,
Inda que a vida exale de canceira.

Porém se eu de repente logo désse
Com esta desleal sem que me víra;
E podêra fazer, com que me ouvíra
Sem que fugir podesse;
Expressões taõ sentidas lhe formára,
Que as entranhas ferozes lhe abrandára.

ECLO-

ECLOGA VII.

MARINO, E CHROMIS.

BRILHANDO no Horizonte
Vinha a luz matutina;
A neve cristalina
Alvejava de longe lá no monte;
Quando já porque o vento
Amainava de todo o sopro lento;
Para a praia remando
No batel vinha Chromis forcejando.
Á terra já chegava,
E a véla recolhendo;
Do seu batel descendo
N'hum curvo tronco o atou, que alli estava;
Entrou na area enxuta,
E huns gemidos tristissimos escuta:
De magoa entaõ ferido,
Applicou socegado o terno ouvido.

Dalli d'entre huns penedos,
Que estaõ fóra das aguas,
Percebe as tristes magoas,
Que logo de amor vio serem segredos.
Os passos encaminha
Para a parte, que a voz ouvido tinha,
E que he Marino achando
Logo a pár delle assim lhe vai fallando.

CHROMIS.

Ah! Marino, Marino, aqui tu posto
No meio desta dura penedia!
Aqui sem alegria,
Em lagrimas banhado o triste rosto!
Vem cá, Pescador, vem, que caso he este?
Naõ sabes que as tristezas mais consomem,
Derrotaõ mais a hum homem,
Que a huma embarcaçaõ o vento agreste?
A bonança naõ tem melhor valia
Para bem navegar o meu saveiro,
Como hum pobre barqueiro
Necessita viver com alegria.
Tu bem sabes, que eu fui já da companha
Do teu mesmo batel; sou teu amigo,
Alivia comigo,
Dize a causa, que tens a dôr tamanha.

Po-

Porém, senaõ me engano, nessas dôres
De que vejo, Marino, lamentar-te,
Creio tem grande parte,
Da ingrata Panopea os desfavores.

MARINO.

Prouvéra a Deos, amigo, fosse engano
Essa tua acertada conjectura;
Que fora menos dura
Outra perda qualquer, ou qualquer damno.
Viste tu, Pescador, n'huma tormenta
Sobre as ondas hum barco navegando,
Mas logo soçobrando
Ir a pique, se o leme lhe rebenta?
Assim ando, meu Chromis, já sem rumo
Vagando nestas praias descontente;
E cá internamente
Me desgosto, me afflijo, e me consumo.
Nunca foi mais amada Galatéa,
Com mais ancia, mais fé, ou mais extremo,
Do torpe Polifemo,
Que de mim adorada Panopéa.
Se ao longo do Tejo hum companheiro
Lançar na agua a fateixa precisava,
Ou lá do Sul portava,
Para o Nórte a nadar vinha ligeiro;

Entaõ essa cruel me apparecia
Gritando cá por mim mesmo da praia,
E eu antes que saia
Muitas vezes de lá lhe respondia.
Outras vezes tambem mergulhos dando,
Em cada maõ trazia hum vivo peixe;
E sem que o nado deixe
Lhos vinha logo dar inda pulando.
Alli me assegurava mil certezas
Chegando de excessivo a criminar-me;
Dizendo para amar-me
Bastava já de obrar tantas finezas.
Outras vezes na Aldêa a procurava,
E para offerecer-lhe sempre tinha
O barbo, ou a tainha,
Que sempre agradecida me acceitava.
Mas depois que pesquei huma lampréa,
(Começou nesse dia o meu agouro)
Vim dar-lha, e por desdouro,
Naõ achei como d'antes Panopêa.
Foi de entaõ para cá a pouco, e pouco
Fugindo de tratar meu peito amante;
Até que naufragante
De todo me deixou afflicto, e louco.

Co-

Como contra a maré por mais cuidado,
Com que os homens do mar os remos forçaõ;
Mas por mais que se esforçaõ
Nunca chegaõ ao porto desejado;
Assim, depois que a falsa já naõ vejo,
Por mais que em vaõ trabalho,e que me canço,
Naõ posso ter descanço;
Que naõ póde alcançalla o meu desejo.
Bem podéra a meu mal fazer presagio
A penas de amor vi farta a vontade;
Porque á serenidade
Muita vez sobrevém triste naufragio.
Porém vivia entaõ com tanto gosto,
Confiando na fé dessa trahidora,
Quanto sentindo agora
Consumir-se-me a vida com desgosto.

CHROMIS.

Ah! naõ queiras, Marino, dessa sórte
Os dias consumir da amada vida;
Que em magoa taõ crescida
Será por tuas mãos buscar a mórte.
Viste tu huma noite, que os fulgores
Da trevoada a todos causa espanto,
Mas no outro dia tanto
Nos alegra do Sol os resplendores?

As-

Assim posso tambem assegurar-te,
Que has de vêr em bonança a tua queixa;
Correr o tempo deixa,
Que ha de vir Panopéa inda a buscar-te.
Naõ sabes, da mulher he natureza,
Se n'hum homem amor grande conhece,
Que vã se ensoberbece,
E o mesmo que deseja entaõ despresa?
Despresada porém, qualquer que seja,
Perversa condiçaõ! juiso vário!
Entaõ pelo contrario,
O que mais se lhe affasta mais deseja?
Teme em fim que a perder-te o pesar deite;
Que inda que eu de conselhos necessito,
Talvez que este meu dito,
Quando menos cuidares, te aproveite.
Quando assim te naõ busque, se quizeres
Ninfas ha nesse Tejo, que tem fama;
E se essa te naõ ama.
Pouco perdes, ou nada, se a perderes.

MARINO.

He a tua razaõ de tal valia,
Que os cuidados de amor já naõ tolero;
E já sómente quero,
Como d'antes, cuidar na pescaria.

CHRO-

CHROMIS.

Pois se acaso te agrada vem comigo,
Porque eu vi derrotado o teu sáveiro;
Serás meu companheiro,
O meu ganho será igual comtigo.
Assim aconselhado
O Pescador Marino,
Cobrando novo tino,
Foi a Chromis seguindo consolado:
Despresa o bom conselho
O tenaz, seja moço, ou seja velho;
A quem discorrer sabe
Hum conselho prudente muito cabe.

ECLOGA VIII.

SALICIO, E AGRARIO.

HUMA noite, que a pórta já fechada
Tinha Agrario da rustica pousada,
Com o seu costumado desafogo
Quebrando a secca lenha para o fogo,
Em

Em que no pobre lár, para o sustento
Cosia o necessario mantimento;
Quando o Pastor Salicio, Pastor moço,
Cheio de huma ternura, e alvoroço,
Nascida esta paixaõ, porque excellente
Tinha visto na tarde antecedente,
Huma Ninfa gentil, desconhecida,
Por quem perder quizera a doce vida,
Com acerto buscava o velho Agrario;
Porque naõ desejava temerario,
Com alguma loucura arrebatar-se,
Sem com elle primeiro aconselhar-se;
Pois que bem conhecia deste velho,
Que era próvido o seu conselho,
Cuja certeza tinha elle alcançado
De outras vezes o ter aconselhado.
Era Salicio moço, mas louvavel,
O genio tinha docil, e domavel;
E reprimindo o ardor, que em poucos annos
Costuma occasionar perversos damnos,
Naõ julgava maior conveniencia,
Que pelas mãos reger-se da prudencia:
Assim pois resoluto á pórta chega
Do velho respeitavel, que naõ nega
Dai-lhe gostosa entrada, quando ouvia
Que Salicio de fóra lhe dizia.

SA-

SALICIO.

Abre-me a porta, Agrario: o teu Salicio
Eu sou, que venho aqui necessitado
De teus sábios conselhos; beneficio,
Com que muito me tens aproveitado.

AGRARIO.

Naõ só a pórta, amigo, mas os braços
Abertos tenho prompto a receber-te;
Dá-me os teus, que me saõ gostosos laços:
Mal sabes quanto estimo sempre vêr-te.
Porém tu por aqui, tendo a taes horas
Das minhas direcções necessidade?
Certamente que alguma das Pastoras
Te traz fóra de ti; isto he verdade.

SALICIO.

Tu pareces que tens conhecimento
Das internas paixões, que amor reparte;
De amor procede todo o sentimento,
Que agora aqui me traz a incommodar-te.

AGRARIO.

Naõ me incommodas, naõ, antes gostoso
Desejo te utilises do que valho:
Inda, em caso que fosse trabalhoso,
Por servir-te gostára do trabalho.

Eu te louvo, Pastor, que nada faças,
Que as primeiras paixões te persuadirem;
Toda a hora nascendo estaõ desgraças
Dos homens as paixões naõ reprimirem.
Naõ fallo das paixões só amorosas,
De que nascem no mundo mil fracasos;
Precisas sempre saõ lições virtuosas
Para bem proceder em quaesquer casos.

SALICIO.

Venero os teus dictames; eu me enlevo
Na sua segurança, e o mal adoço;
Naõ digo que os estimo quanto devo,
Porém sei que os abraço quanto posso.

AGRARIO.

Desejo pôr-te longe de mofinas,
Livrar-te de máos passos, e travessos;
Porque tem muito mais do que imaginas
O caminho da vida mil tropeços.
Porém vamos ao caso succedido,
Que agora te perturba novamente;
Naõ te demores mais, Pastor querido,
Que estou já por ouvir-te impaciente.

SALICIO.

Esta tarde, já quando se escondia
Por de traz da alta serra o Sol brilhante,
A beber para o rio eu conduzia
O meu farto rebanho vigilante;

E por vir fatigado, e com seccura,
Como a fonte em caminho me ficava,
Por ir satisfazer-me de agua pura
Os passos para a fonte encaminhava.
Neste tempo da parte lá da Aldéa
Huma Pastora ví desconhecida,
Que vinha juntamente com Altéa
Pela estrada, que á fonte vai seguida.
Seguro na cintura delicada
Altéa hum novo cantaro trazia;
Movendo os leves passos engraçada,
Como tu a tens visto cada dia.
Mas chegados que fomos já mais perto
Ví a nova Pastora taõ perfeita,
Que por bella naõ posso encarecer-to;
Assim Ceres nos dê boa colheita.
Mais puro do que a neve era o seu rosto,
A face rubicunda, os olhos pretos:
Tinha o lindo cabello em tranças posto,
Que era tudo hum enleio dos affectos.
Trazia com alinho toda airosa
A saia, que era azul, naõ muito curta;
Seu justo jubaõzinho côr de rosa,
E hum cajado na maõ de páo de murta.

Tu bem sabes que Altéa he das melhores,
E julgada por muitos a mais bella;
He encanto da vista dos Pastores;
Mas naõ tinha que ver á vista della.
Chegamos todos tres á fresca fonte,
E depois da primeira cortezia,
Pasmado emmudeci, vendo-a defronte,
Em quanto á bica a outra o pote enchia.
Como aquelle Pastor, que em noite escura
Buscando a rez perdida, e desejada,
Lá depois de embrenhado na espessura
Naõ acha a rez, que busca, nem a estrada,
Assim cá dentro em mim achei o enredo,
Sem buscar tal encontro, e deste passo
Naõ sabia sahir que mudo, e quedo
Nem tive de fallar desembaraço.
Altéa disse entaõ com desaffogo:
Daliana gentil bebe, se queres,
E vamo-nos daqui; que este Serrano
Se envergonha diante das mulheres.
Daliana entaõ soube se chamava
A bella encantadora, que primeiro
Do que fosse beber vi que encostava
O bem feito cajado a hum salgueiro.

Succedeo por acaso que bolîra
O vento com mais força, e de repente
O leve cajadinho lhe cahíra
Sobre a relva, que estava florecente.
Fui prompto levantallo com despejo,
E depois de cortez o haver beijado,
Á dona o entreguei, que logo hum beijo
Adonde eu mesmo o dei, deo no cajado.
E olhando para Altéa ambas sorrindo,
Por modo que zombavaõ deste passo,
O caminho da Aldêa vaõ seguindo,
E eu immovel fiquei hum grande espaço;
Até que me lembraste, amigo Agrario,
E no peito sentí mais desaffogo,
Conhecí os effeitos de amor vário;
Porém sempre confuso me fui logo.
Ajuntei o meu gado, que já tinha
Espalhado-se algum; porque eu faltava,
A beber o levei como convinha,
E depois ao curral, que perto estava.
Mas, ah meu bom Agrario! que do enleio,
Em que amor me metteo, naõ sei tirar-me;
Se do gado cuidei, foi com receio
Da certa correcçaõ, que havias dar-me.

Mas

Mas apenas, amigo, que a cancella
Apressado fechei, sem mais aninho
Por vir em ti buscar sábia cautella,
Mais tempo naõ gastei, que o do caminho.
Isto he que me sucede, exposto tenho
O motivo do enredo, em que labóro:
A seguir teu conselho, amigo, venho,
O teu sábio conselho, amigo, imploro.

AGRARIO.

Oh quanto he de louvar, q̃ hum moço venha
Os dictames buscar dos homens velhos!
A quantos mais crescidos naõ despenha
O desprezo, que fazem dos conselhos?
Prouvéra a Deos, Pastor, que toda a gente,
A quem falta a precisa madureza,
Procurasse hum varaõ justo, e prudente,
Que as acções lhe regesse com pureza!
Attento estive ouvindo a causa urgente,
Que da tua paixaõ me tens exposto;
Porém vê que só sabe ser prudente
Quem sabe reprimir o proprio gosto.
Daliana gentil, por quem suspiras
Conheço muito bem, tudo te exponho;
E inda que melhor fôra nunca a víras,
Já que a viste suppõe que foi hum sonho.

He

He filha de hum Irmaõ da mãi de Altéa,
De quem Laura, e Natercia foraõ Tias;
Hoje soube chegou á nossa Aldêa
Á prima visitar por alguns dias.
O pai della chamado foi Sileno,
Que astuto rapaz era na verdade;
Desta terra se foi sendo pequeno,
E casou muito bem lá na Cidade.
Aquella filha teve taõ perfeita,
Quanto foi por formosa desgraçada;
Pois com torpe marido, e mal acceita
Na Cidade vivendo está casada.

SALICIO.

Ó Ceos! e consentís que inda eu respire
Este alento vital! Pastor amado,
Deixa que eu a morrer já me retire
Na minha confusaõ amortalhado.
Em alheas prisões, mal empregada,
A belleza melhor, que se tem visto!
A sórte nisto andou desordenada,
Em mim quero vingar a pena disto.

AGRARIO.

Tem maõ, Pastor errado; por ventura
Tu cuidas que com esse desatino
Poderás, impelido da loucura,
Emmendar as desordens do destino?

So-

Socega por hum pouco, e verás logo
Mitigado o frenetico delirio;
Eu te quero mostrar com desaffogo
A louca sem-razaõ do teu martyrio.
Naõ te fora peior, se em livre estado
A Pastora gentil por quem padeces,
Teu amor della viras desprezado
Por mais, e mais serviços que fizesses?
As finezas, que faz a cada instante,
Tu naõ sabes, Eulino por Silvoza?
Porém quanto o Pastor he mais amante,
Mais se mostra a Serrana rigorosa.
Naõ te fora peior se livre aquella,
Que hoje captiva está, se te inclinára,
E depois de amorosa conhecella,
Lá por outro Pastor te desprezára?
Aquelle pobre Anfrizo, que soffrido
Naõ terá por Silvana? huma Pastora
Taõ bella quanto sabes; e tem sido
Das mais vís falsidades aggressora.

SALICIO.

Parece tens razaõ; porém naõ posso
Cá do peito arrancar este tormento;
E se quero deixallo mais engrósso
Os laços, com que estou no pensamento.

AGRARIO.

Meu amado Pastor, nas cabeçadas,
Que vemos dar aos outros, reparemos;
E de exemplo nos sirvaõ taes pancadas,
Porque as nossas cabeças naõ quebremos.

SALICIO.

Porém que hei de fazer, amigo Agrario?
De Amor em fogo todo estou ardendo;
He incendio este meu extraordinario,
Quando quero apagallo mais o accendo.
Eu venho os teus dictames supplicar-te,
Por elles acertar sempre desejo;
Porém posso tambem assegurar-te,
Que naõ sabes o enleio, em que me vejo.

AGRARIO.

Livrar-te-has desse enleio taõ sómente
Fugindo de encontrar essa Pastora;
O pensamento della pondo ausente,
Que nunca nella o ter melhor te fora.
Suppõe que tal mulher naõ ha no mundo,
Que esse encontro passado naõ tiveste;
Porque assim o fazendo cá me fundo
Naõ terás mais paixaõ, que te moleste.

Ella tem de Hymenêo a ligadura,
Que bem sabes he nó irremissivel;
E bem sabes he mais do que loucura
Hum homem pretender hum impossivel.

SALICIO.

He casada, bem sei; mas se eu podesse
Pela força de amor, com algum meio...
Talvez, que ella amorosa entaõ quizesse...
Porém naõ sei que digo, isto he enleio!

AGRARIO.

Naõ discorras, Pastor, com tal idéa;
Porque a fé conjugal nunca se offende;
Abomina huma cousa, que he taõ feia,
E de taes pensamentos te defende.

SALICIO.

Conheço me aconselhas a verdade:
Vejo a grande loucura, em que estou posto;
E já contra os impulsos da vontade
Por seguir a razaõ despréso o gosto.

AGRARIO.

Hora pois, isto he tarde, na palhossa
Esta noite ficar pódes comigo;
Vê, que o medonho escuro lá se engrossa,
Ceemos, e durmamos neste abrigo.

Naõ

Naõ tens necessidade de ir agora ;
Que lá tens no curral seguro o gado :
E á manhã tu verás de todo fóra
A paixaõ , que te tinha allucinado.

SALICIO.

Naõ posso resistir aos teus favores :
Eu fechei do curral bem a cancella ,
E por causa dos lobos roubadores
Lá ficáraõ dous cães de sentinella.

ECLOGA IX.

ALMENO.

Huma tarde , que o vento descomposto
Soprava lá da parte do Nordeste ,
No mez oitavo do anno , o mez de Agosto :
Quando Almeno por huma encosta agreste
Para o valle o rebanho conduzia ,
Buscando melhor pasto , que lhe preste.
A huma balsa chegou , que alli havia ,
E encostando-se em hum duro penedo ,
Já isento de amor assim dizia :

Que bello abrigo achei; este balsedo
Do vento desabrido me repára,
Que ramalhando vem pelo arvoredo.
Em todo este arredor naõ ha seára,
A que possa offender meu pobre gado;
Inda que todo o dia aqui pastára.
Aqui descançarei, porque acertado
Naõ he que hum homem ponha a doce vida
Entregue ás sem razões de hum vil cuidado.
Sem socego o discurso andar em lida,
Consome huma pessoa lentamente,
Thé que acaba de todo consumida.
Bem haja o bom Agrario, que prudente
Taes conselhos me deo, que vivo agora
Sem ter de amor paixaõ, que me apouquente.
He certo que mais hora, menos hora,
Mais dia, menos dia, mez, ou anno
Amor o peito abrasa, adonde móra.
Os que bem naõ conhecem este engano,
Sem receio lhe daõ gostosa entrada;
Mas lá choraõ no fim o desengano.
Elle he muito ardiloso, naõ faz nada,
Que naõ pareça grato, e deleitoso
Áquelle, donde quer fazer morada.

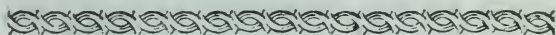
Mas

Mas depois que se apanha poderoso
No peito, donde fez seu aposento,
Logo mostra o vil genio rigoroso.
Porque o fogo ardentissimo, e violento
Vai no peito lançando, e vaõ subindo
Logo as chammas subtís ao pensamento.
Outras vezes as settas impellindo
No peito donde está, com desafogo
O triste coraçaõ lhe vai ferindo.
Naõ vale contra amor manha, nem rôgo,
Esforço, ou valentia resistente,
Que vence com ardís, com ferro, e fogo.
He o braço de amor muito potente,
E naõ ha meio algum de resistir-lhe,
Senaõ delle fugir, fugir sómente.
O cauteloso Agrario, que fugir-lhe
Soube sempre, he que assim me aconselhava,
E as lições com proveito eu sube ouvir-lhe.
Mil exemplos alheios me apontava,
Que a elle tinhaõ sido proveitosos,
E por isso de amor sempre zombava.
Com alguns pensamentos amorosos
Eu andava inquieto, louco, e vário;
Porém sempre os julgava deleitosos.

Mas

Mas assim que o Pastor discreto Agrario
Da condiçaõ de amor me deo noticia,
Naõ quiz com amor ser temerario.
 Conheço já de amor bem a malicia,
Por isso contra amor armo cautélas,
Que he viver sem amor huma delicia.
 Quando vejo as Serranas gentís, bellas,
Sim lhe fallo, porém acautelado,
Nunca demoro muito os olhos nellas.
 Eu sei já muito bem que apadrinhado
Se vale o astuto amor destas Madrinhas,
Para se introduzir bem disfarsado.
 Conjecturas naõ saõ, nem cousas minhas;
Agrario me ensinou, que isto se passa,
E que saõ as mais bellas mais danninhas.
 Que he sempre enganadora a sua graça,
Que as promessas saõ vãs da formosura;
E que saõ dos Pastores a desgraça.
 Por isso cuido só da semeadura,
Pastorar cuidadoso o meu rebanho;
E os cuidados de amor julgo loucura.
 Naõ acho maior bem, nem bem tamanho,
Como viver hum homem sem mais lida,
Que esta lida do campo, onde tem ganho.

Mas

Mas agora, que o abrigo me convida
Dormirei sem paixaõ, que me atormente;
Que o descanço tambem sustenta a vida.
E nunca deve o homem, que he prudente
Sem juiso reger-se, e como hum tonto
Despresar o que lhe he conveniente.
Pois já que o sitio he bom, está o ponto
Que chegue o subtil sono com descanço;
O rebanho andar só naõ tem desconto,
Que a relva aqui he boa, o gado he manço.

POEMA JOCO-SERIO.

CANTO UNICO.

CANTANDO espalharei entre os Leitores
Do Lavrador Anfrizo a trabalheira,
A quem ampara a Deosa dos amores,
Contra os ardís do Deos da borracheira:
Para que eu faça rir estes Senhores
Inspira-me tu, Muza galhofeira,
Hum som joco-sonante, e hum desvarío,
Qual meu canto requer. Eu principio.

En-

Enfurecido Bacco, de que hum anno,
Em que o seu licôr sacro tanto abunda,
Possa haver cá no Mundo ventre humano,
Que do santo licôr se naõ infunda;
Ou sagaz contra Anfrizo, já tyranno
Por lhe ser licôr tal cousa injucunda,
Do Ceo á terra vem, mais que danninho,
Mettido n'huma nuvem côr de vinho.

Cá no Mundo parou sobre huma terra,
A qual eu nunca vi em mapa exposta;
Onde intenta espalhar astuto guerra,
Contra Anfrizo, dispondo-a de maõ posta;
Lá no buxo de alguns por dentro berra
O çumo socro-santo, que elle gosta:
E tanto que deo fé da sua gente
Alegre á casa vai adonde os sente.

Em cima do fogaõ toma aposento,
Para ser mais bem visto, e bem ouvido;
Logo todos o attendem; n'hum momento
Cessa todo o rumor, todo o alarido:
Como lá quando Enéas do alto assento
Narrava o que lhe manda a bella Dido;
Assim todos se calaõ, e applicados
Os rostos se lhes vem como pasmados.

Eu

Eu sou, expunha Bacco, o Deos risonho,
Amigo de que os ventres se refaçaõ;
Naõ approvo nenhum genio bisonho,
Que gosta que galhofas senaõ façaõ;
Vós que pelo gargallo estais, eu ponho
Sobre vós huns taes dons, que delles nasçaõ
Huns furores com graça taõ distinta,
Que huns com outros marreis, e outro o sinta.

Apenas isto disse: de improviso
Desapparece o Deos, e os circunstantes
Sem tino, sem acordo, e sem juizo
De furor ficaõ cheios delirantes;
De remetter com géstos, mas com riso,
Huns com outros se abraçaõ já lutantes;
Mas a força maior de seus furores
He chamar huns a outros marradores.

Eraõ estes huns pobres pegureiros
Do lavrador Anfriso, que prudente
Escutando-lhe os seus altos berreiros,
Socegallos foi logo incontinente:
E inda que de Bacco prisioneiros,
Com ridiculos géstos, de repente,
Mal que Anfrizo conhecem, se rendêraõ,
E prostrados por terra adormecêraõ.

Mas

Mas achava-se alli taõ indigente
Hum leve executor de Astrea Santa,
Que da mesma, a que serve negligente,
As Leis Sacras naõ sabe, e a tudo espanta;
Eu para retratallo, reverente
A Astréa liberdade peço tanta;
E beijando-lhe a maõ, sem desacato
Farei melhor que Apéles o retrato.

Os hirsutos cabellos denegridos
Lhe adornaõ do composto o mais supremo;
A côr pálida, os olhos retorcidos,
Mais que o olho fatal de Polifemo;
Os membros desiguaes, e entorpecidos,
Cada braço mais longo do que hum remo;
Carrancudo o semblante, e pouco falla,
O genio quer levar tudo á escalla.

Delle Bacco se vale embravecido
Para o seu vil intento começado;
A Sumâno implorando, que valído
De Erinnis, esta o deixe allucinado.
Distante, pois, do caso succedido,
Alta noite, já tudo apaziguado;
Vai aquelle incivil entre furores,
E prende o Capataz dos bebedores.

Apol-

Apollo, que isto soube, diligente
Os cavallos fustiga arrebatado;
E de hum salto apparece refulgente
Lá no patrio Horisonte sublimado:
Naõ consente o Deos Louro, naõ consente
Por mais tempo no escuro amortalhado
Hum caso o mais infando; e sem ter medo
Nesse dia sahio muito mais cedo.

Levantava-se Anfrizo do conchego,
Onde dorme, onde engorda, onde descança;
Pois naõ he duvidoso que o socego
Nutre mais, que o manjar, a quem se cança.
Quando vem hum Pastor de choro cégo,
E noticia lhe dá, que sem mudança
O seu bom Maioral, por maõ injusta
Em custodia se vê, sem causa justa.

Víra Anfrizo de róda, e pensativo
Por hum pouco ficou suspenso, e mudo;
Sem que possa lembrar-lhe hum meio activo
De livrar da prisaõ ao pobre rudo:
Até que lhe occorreo, mysterio altivo!
Huma Deosa invocar, que póde tudo;
Era Venus gentil, que lhe occorria,
A quem cheio de affecto assim dizia.

Cytherea gentil, Deosa formosa;
Tu que as iras quebrantas do Deos Marte,
Soffrendo por lhe seres carinhosa
Do zeloso Vulcano o enredar-te;
Tu que és de hum filho a Mãi, que poderosa
Para a todos vencer lhe ensinas arte;
Tu ramo florecente de Saturno,
Fizeste com que Enéas venceo Turno.

Tu por terras, e mares lá ignótos
Amparavas os miseros Troianos;
Tu nas Indias por climas taõ remótos
Protegias os fórtes Lusitanos:
Faze agora tambem, que sejaõ rotos
Estes laços injustos, deshumanos;
Faze agora, que eu vença, e que eu desfaça
Daquelle pobre prezo a vil desgraça.

Apenas isto disse, lhe apparece
A bellissima Deosa dos amores;
De Anfrizo todo o peito se enternece,
Mal que vê de Erycina os resplendores:
Ella entaõ se sorrio; porque conhece
As internas paixões destes ardores:
Mas como Divindade naõ se aballa,
Antes chêa de affecto assim lhe falla.

Vai

Vai á terra de Abidis, vai contente;
Que eu tudo prometto de ajudar-te;
E se fosse preciso aqui presente
Traria em teu soccorro ao mesmo Marte;
Mas eu te guiarei a quem prudente
A justiça rectissimo reparte;
Hum Ministro acharás em teu conforto,
Que direito bem sabe, e naõ he torto.
Encobrio-se-lhe a Deosa, e mais ligeiro
Que se acaso no Pégaso voára:
Anfrizo parte logo lisonjeiro,
E a Deosa occulta o guia, cousa rara!
Ao ministro sciente, o caso inteiro
De facto lhe propoz, como passára;
Elle recto justiça logo applica;
O prezo manda em paz, e em paz se fica.
Mas o gordo Liéo, todo indignado,
Contra Anfrizo dispõe novos rigores;
Contra Anfrizo, por ter tranquillisado
De seu fórte licor os vís furores:
Maquína por hum modo naõ pensado
Poderes, que lhe sejaõ vingadores;
E logo turbulento, assim exclama,
Assim brada, assim grita, e assim chama.

Vós ó Pléades minhas, e vós Noto,
Soccorrei-me, dizia o Deos mesquinho,
Contra aquelle mortal, pouco devoto,
Que se oppõe aos effeitos do meu vinho;
Venha do vendavál rápido móto,
E tanta agua lhe dê pelo focinho,
Que eu me alegre de o vêr, e elle com magoa
Açoutado do vento, e farto de agua.
Assim aconteceo, pois rebellados
Esses dous elementos nesse dia;
Contra Anfrizo se oppõe arrebatados,
Que nem mal resistir, nem bem podia:
Junto á noite dos membros já cançados
De agua tanta abundancia lhe cahia;
Que olhando para si, em tal miseria
Arethuza lhe lembra, e o fim de Egeria.
Quando logo de hum frio desabrido
Se sente o pobre Anfrizo trespassado;
Que parece lhe deixa por crescido,
Nas matrizes o sangue congelado:
Mas logo de hum calor mais desmedido
Sente os languidos membros fatigado;
Rematando-se em fim taes agonias
Com sesões, que lhe daõ todos os dias.

Nes-

Neste aperto infeliz o terno Anfrizo
Exclama pela sua valedora,
Venus bella, e lhe diz: Vê que he preciso
Mais do que nunca foi valer-me agora;
Vem, ó Deosa amorosa, de improviso,
Vem, ó Pafia gentil, já sem demora,
Vem valer-me, ai de mim! de alguma sórte,
Antes que Atropos triste o fio córte.

Esculapio, que he Deos da Medicina
Convoca em meu favor, ó Mãi do affecto;
Pede ao filho de Apollo, pede fina,
Que hum remedio me applique o mais selecto:
Eu prometto, gentil Venus Divina,
A penas melhorar, grato prometto,
Hum templo te erigir mais admiravel,
Que o que fez Tizifónio taõ notavel.

Apparece-lhe em fim Idalia bella,
Taõ affavel, taõ meiga, e taõ galante,
Que nenhum dos mortaes chegou a vêlla,
Como entaõ quiz mostrar-se a Anfrizo amãte:
Competir naõ podia alguem com ella
Na belleza, no garbo, e no semblante;
No peito claramente se lhe vira
Dar pulinhos Amor, quando respira.

Com

Com sigo traz Mercurio diligente,
Que ao mandado dos Deoses se confórma;
E por elle de Anfrizo o mal que sente
Para o Deos Esculapio logo informa;
Como o Filho de Maia he eloquente
Naõ precisa da queixa fazer norma,
Sobre as asas dos pés parte ligeiro
O Deos, que he dos mais Deoses messageiro.

Porém naõ muito tempo era passado
No qual Venus, e Anfrizo praticava,
Quando logo o Deos Medico apressado
Á Deosa obedecendo alli chegava:
Por sua propria maõ traz preparado
O próvido remedio, que lhe dava;
Anfrizo o recebeo com tal denguice.
Como cousa da Deosa da meiguice.

Mas o grande Esculapio, que sabia
Da mézinha a virtude, que lhe déra,
Como o enfermo a tomou, se despedia,
Porque vê necessario alli naõ era:
Por lisonjeiro a Venus desse dia
Para sempre favor lhe promettêra,
Na face a Deosa beija, e reverente
Parte logo Esculapio incontinente.

Eu

Eu me vou, disse entaõ a Sálamina,
Vou mandar que te venhaõ lisonjeiras
Mil dons communicar logo Eufrozina,
Com as duas Irmãs, e companheiras;
Conhece, Anfrizo meu, que sou benigna,
Que sempre me acharás quando me queiras;
Nos Pastores tambem, com doce effeito,
De paz Iris serei por seu respeito.

Julgando neste caso o meigo Anfrizo,
Que a tanto beneficio, a tanto agrado,
Da sua gratidaõ era preciso
Expressões tributar-lhe de obrigado;
Neste tempo se esconde de improviso,
A bella protectora; e elle pasmado,
Por hum pouco ficou; mas de repente
Torna a si, cobra alento, e diz contente.

Vai, ó Deosa gentil, que eu bem conheço,
Que naõ só de meus males tens piedade,
Mas que sabes o quanto te agradeço
Soccorrer-me com tua Divindade:
Agora finalmente o que te peço,
Por mercê, por amor, por caridade,
Que me livres propicia de outra aguada,
Do Deos bebado, e gente atravessada.

EPICEDIO.

DAQUELLA amada Irmã, q̃ eu mais queria,
A maõ secca da Parca macilenta,
Cortou com tyrannia
O fio, com que a vida se sustenta;
Motivando a meu peito compassivo
A penosa saudade, com que vivo.
Oh! quem podéra agora levantando,
Sem embargos da dôr, a voz robusta,
Com gosto ir publicando
Os dons santos daquella vida justa!
Mas soffocada a voz em magoa tanta
Como presa me fica na garganta.
Oh! rigorosa pena inextinguivel!
Inconsolavel dôr! dôr incessante!
Como será possivel
Com acerto fallar, se delirante
O juiso me falta, a voz me treme;
O coraçaõ me estalla, o peito geme?

Ai

Ai Irmã desejada, Irmã querida!
Eu de pura saudade perco o alento;
Se bem da tua vida
Julgar posso subiste ao ethereo assento,
Naõ me póde o que he só moral certeza
As paixões impedir da natureza.
Naõ fui merecedor, naõ era eu digno
Da companhia amavel lograr tua;
O Deos, o Deos benigno
Para si te chamou, porque eras sua;
Parece que já antes de nascida
Para a gloria por Deos foste escolhida.
De teu rosto sereno o lindo gesto
Sempre, sempre mostrou desde menina,
Taõ grave, como honesto,
Que toda, mais que humana, eras divina;
Sobre os dotes gentís da natureza
A virtude te dava mais belleza:
De prudencia adornada, meiga, e pura
Em tudo que dizias acertavas;
A toda a creatura,
Naõ sei que agrado tinhas, agradavas;
Eu naõ sei, eu naõ sei como decente,
Levavas a attençaõ de toda a gente.

No tempo da cruel enfermidade,
Com santa paciencia conformada,
A dôr, e a anciadade
Por Christo padecias consolada;
E porque tudo a Christo offerecias
Mais dôres desejavas, e agonias.

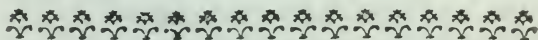
Contrita na molestia recebeste
Duas vezes Jesus Sacramentado;
Até que a alma déste
Nos braços de Jesus Crucificado:
Naõ eras cá do Mundo, eras do Ceo:
Bemdito seja Deos, que te escolheo.

Oh! que assim estarás já gloriosa,
Já no coro das Virgens descançando;
Como estarás formosa
De gloria cheia, a Deos louvores dando!
Como a Virgem das Virgens te viria
Receber toda cheia de alegria.

O Pai, que cá te amou, e ha pouco fora,
Talvez que ao Ceo subindo a Deos rogasse,
Como te amou, que agora
Do valle de miserias te levasse:
Porque de amor o vinculo he taõ fórte,
Como o poder fortissimo da mórte.

Tu

Tu agora tambem , que lá subiste
Para o Reino Celeste alegremente ,
Se cá do Mundo triste
Lembrança pódes ter , ou se consente ;
Roga a Deos que depóis da final hora
Vá minha alma lá ser habitadora.

E se acaso a dôr minha , o meu tormento
Lá souberes na Pátria da alegria ,
Desculpa o sentimento ,
Com que choro por tua companhia ;
Pois só saõ esta magoa , esta saudade ,
Producções da melhor fraternidade.

EPISTOLAS

I.

RECEBO, grande amigo,os vossos versos,
Por sublimes dos meus todos diversos ;
Eu vejo , eu nelle vejo na verdade
A quanto obriga a força da amisade ;
Porque bem claramente reconheço ,
Que taõ altos louvores naõ mereço :

Sou

Sou hum rude Pastor, e entre os Pastores
Apenas cantar posso os seus àmores;
Outras vezes louvar a formosura
Da Serrana, que tem melhor figura;
E isto tudo por modo taõ rasteiro,
Que aplauso naõ mereço verdadeiro.
 Vós porém, como a Aguia remontado
Junto a Apóllo sois delle illuminado;
Vós sois aquelle, o qual Sábio, e Prudente
Vossa lyra affinando intelligente,
Com voz harmoniosa, e levantada,
Que por mim nunca póde ser louvada,
Fazeis com que a mentira se escureça,
E que a pura verdade resplandeça;
Misturando por modo delicioso,
A agradavel doçura, e o proveitoso.
 Agora articulais queixas decentes
Daquelles, que por genio maldizentes,
Contra os patricios seus, que amar deviaõ
Da satyra mordaz a espada afiaõ;
Criticando por modo desusado
O mesmo que he por elles praticado.
 Eu, amigo Aguiar, como naõ posso
O meu canto igualar ao canto vosso,
E agora me propondes esta empreza,
Bem distante da minha singeleza;

Di-

Direi que obrigado a obedecer-vos.
O que bem me parece responder-vos,
  Pelos bons sempre foi a pátria amada,
Diga-o a antiga Roma celebrada:
O General Camillo desterrado
A veio soccorrer de amor forçado:
Mucio Scévola, em quanto a maõ queimava,
No peito o amor da patria o abrasava:
Marco Attilio depois de prisioneiro
Para os patricios foi bom conselheiro;
Despresando o morrer sem liberdade
Por á Pátria causar utilidade:
O que fez pela Pátria Viriato,
Porque vós o sabeis o naõ relato;
Até que por trahiçaõ aborrecida
Este bom Lusitano acaba a vida:
Outros muitos varões sempre amoraveis
Fizeraõ pela Pátria acções notaveis.
Logo se os bons á pátria amor tiveraõ,
Daquelles que direi, que a vituperaõ?
Mas como vós dizeis, que elles criticaõ
Essas mesmas acções, em que claudicaõ;
Fazendo reflexaõ nesta figura,
Só reputo os seus ditos por loucura.
  Julgo a satyra boa, e por doutrina
Se a corrigir os vicios se destina;

Po-

Porém ha de ser feita de tal sórte,
Que em geral taõ sómente os vicios córte.
A pessoa ferir determinada
Entaõ nunca será dos bons louvada:
O satyrico córte o vicio todo,
Ferir sujeito algum, por nenhum modo;
Que o punir a pessoa viciosa
Pertence a outra maõ mais poderosa.
Vós a Pátria illustrai com vossos versos;
Assumptos escolhei bons, e diversos,
E entre os sábios Pastores habitante,
Cantai ao som da lyra altisonante;
Imitando aos Poetas, que cantáraõ
Os versos de louvor, que a Pátria honráraõ;
Que eu distante da minha, nesta Aldêa
Entre alguns Pegureiros sem idéa,
Pastorando aqui vou meu pobre gado
O que he principalmente o meu cuidado.
Aqui eu canto só com singeleza
Aquillo, que me dicta a natureza;
Naõ espero louvor, nem o apeteço,
Porque sei muito bem que o naõ mereço;
A vós desejo sim cantar louvores,
Que em vós meritos ha mais superiores;
Porém já que naõ sei bem applaudir-vos,
Quanto posso desejo bem servir-vos.

EPIS-

EPISTOLA II.

Amigo Vigier, eu já naõ posso
Sopportar por mais tempo o rigor vosso;
Pois tendo-vos escrito algumas vezes,
Letras vossas naõ vejo ha muitos mezes;
E he notavel rigor assim tratares
O vosso muito amigo Valadares.
Já que em prosa naõ posso commover-vos,
Em verso determino de escrever-vos;
Porque os versos virtude tem forçosa
De attrahir, muito mais que tem a prosa;
Mas os meus por mal feitos, e perversos,
Naõ teráõ a virtude dos mais versos;
E por isso outro acordo me persuade
Apellar para a força da amizade.
Quando eu lá nessa Corte residia,
He certo vos buscava cada dia;
Outras vezes tambem vós por honrar-me
Me daveis o prazer de procurar-me;
Em quanto fui Cadete em Olivença,
Mal vinha para a Corte com licença,
Muitos dias tambem da mesma sórte

Naõ buscava outra rua, que a do Nórte;
Nas casas que fazeis nobre aposento
Ás vezes na janella, outras de assento
Me dizieis entaõ vossos pezares,
E eu a vós meus cruéis particulares;
Porque assim mutuamente relatados
Parece que ficavaõ suavisados.
Já depois que o Major, meu Pai querido,
Foi da vida presente fallecido,
E me poz nesta Aldêa o duro fado
Sem mais arrimo algum que hum vil cajado;
Quando me leva a vil necessidade,
Sem fructo, ás dependencias da Cidade,
Deixei já de seguir o mesmo norte,
E vós de me tratares desta sórte?
Depois que o Coronel Pai vosso illustre
Desta vida subio ao melhor lustre,
Naõ me tendes mil vezes relatado
Que sempre vos seguio iniquo o Fado?
Pois se iguaes contra nós saõ seus furores,
Sabei que a semelhança causa amores.
Verdade he quanto deixo repetido,
E certo que por vós he bem sabido;
Mas esta repetencia agora deixa
Melhor justificar a minha queixa:

Pois

Pois onde de amor ha razões forçosas
Saõ as ingratidões mais rigorosas ;
E faltando-me ha tanto o vosso trato ,
Culpar-vos com razaõ posso de ingrato.
Se acaso vós mudando de ventura
Presente vos naõ he minha figura ,
Porque he proprio no mundo aos venturosos
A lembrança apartar dos desditosos ,
Estimarei que seja este o motivo ,
Por que na vossa idéa já naõ vivo ;
Mas naõ posso julgar para o queixume ,
Que seguís o commum deste costume ;
Talvez , talvez que só naõ me escreveres
Será por occupado o tempo teres.
Mas se a triste molestia vos assalta
Sendo causa penosa desta falta ,
Cá irei aprestando o sentimento ,
Porque me ha de abrazar este tormento.
Hora dai , dai-me já vossas noticias ,
Que estimarei que sejaõ de delicias ;
Mas se de qualquer sórte vos venero
Dai-m'as boas , ou más, que sempre as quero;
Se boas , para ter esse bom gosto ,
Se más , para sentir vosso desgosto.

EPIS-

EPISTOLA III.

EM quanto o duro fado naõ consente,
Que eu chegue a vossos pés, e reverente
Pondo em terra o joelho, e a maõ nevada
Vós me deis a beijar, formosa amada;
Ouví, meu lindo bem, deste meu peito
O que as féras saudades me tem feito.
Mal que sem vós me viraõ nesta terra,
Contra mim publicáraõ viva guerra;
Ellas mesmo, as saudades, ordenadas
Em fatal esquadraõ, todas armadas
Me pozeraõ batalha, e pela frente
Me estaõ fogo a fazer continuamente.
Para vós quiz fugir, pois naõ podia
Resistir a taõ fórte bataria;
Mas a minha desgraça, que aliada
Com as mesmas saudades de emboscada,
Mal as cóstas voltava, logo logo
De outra parte me sahe fazendo fogo;
E sem ter resistencia neste aperto
Para a fuga naõ acho hum passo aberto:

He taõ fórte o poder, e eu sem conforto,
Que naõ sei como já me naõ tem morto.
Hora o que hei de fazer neste conflicto
Mais que auxilio pedir-vos triste, e afflicto?
Esta carta he a minha embaixadora,
Consultai lá com ella, e sem demora;
Pois sem vossa alliança por vós morro,
Dai-me vossas noticias por soccorro;
Eu com ellas, meu bem, mais alentado
Brigarei como já desesperado;
A ferro frio entaõ irei potente
A desgraça cortando rijamente,
E para vós marchando, bella amada,
As saudades porei em retirada;
Offertando-vos logo ahi devoto
Este peito, assim mesmo todo roto;
E por fim triunfador desta conquista
Lá terei bom quartel á vossa vista.

ROMANCES

I.

JOCO-SERIO.

Eu quero dictar agora,
Dem-me os discretos licença,
Em duas regras geraes
Para a Poesia as regras.
 Saõ sómente os dous preceitos,
Que quem ser Poeta intenta,
Estude em cantar amores,
E cuide em chorar pobreza.
 Andaõ estas circunstancias
Á Poesia taõ annexas,
Que naõ ha Poeta ingrato,
Nem algum, que rico seja.
 E sem outros predicados
Mais do que amor, e miseria,
Póde em muito pouco tempo,
Qualquer homem ser Poeta.

Se-

Seja sempre encarecido,
Quando louvar gentilezas;
E por isto aos Castelhanos
Por exemplares eleja.
Os Comicos Calderon,
Salazar, Montalvan lêa,
Moreto, com outros muitos,
Juntos com Lópe de Vêga.
Nas obras de Garcilaço
Verá, que com louca idéa
Para ouvir cantar-lhe amores
Fez escutar as ovelhas.
Latinos, e Portuguezes,
Tambem louvaõ Nynfas bellas;
Que na bocca desta gente
Naõ ha nunca moças fêas.
O nosso immortal Camões
Cantou de várias bellezas;
O Latino desterrado
Deo arte de pretendellas.
Tambem o doce Bernardes,
O Sá, o Lobo, Ferreira,
Horacio, e Virgilio todos
De amores trazem Poemas.

Os

Os nossos contemporaneos
Todos daõ na mesma teima,
Quita, Melizeu, e Costa,
E o Pina tambem na mesma.
O meu estimavel Mattos,
Quando em amores se emprega;
Qual Cisne espirando canta
Com voz sonorosa, e meiga.
Pois quem quizer este officio
Sua moça logo eleja;
Louve-a sempre de formosa,
Que eu lhe affirmo que ella o creia.
Mas se fôr taõ desgraçado,
Que nenhuma bem lhe queria;
Fingida, qual Dom Quixote,
Procure outra Dulcinéa.
Pois para amores cantar
He preciso moça tenha;
E das duas regras ditas
Esta he a regra primeira.
A segunda agora vamos
Com exemplos fazer certa;
Porque naõ cuidem que eu dou
As regras com incerteza.

O mesmo Camões, que foi
O Rei das cadentes véas;
Viveo pobre, e desgraçado
Como elle mesmo se queixa.
O terno jucundo Mattos,
Que diz com elle conversa;
Na patria terra precisa
Viver na cabana alhêa.
De outros muitos tenho ouvido,
Que a Parca fórte os colhêra;
Huns cobertos de piolhos,
Outros cheios de carépa.
Instituto tem de pobres
Feito pela natureza;
E se alguns o naõ publicaõ,
Ou he basofia, ou modestia.
Da mesma chusma, que exponho
Naõ me consta que a oppulencia,
Fosse lá entre abundancias,
Cousa de maior grandeza.
Quando os leio, vejo em todos,
Tratando várias materias,
Que elles se queixaõ do fado,
Da sórte, e fortuna adversa.

Pois he certo se tivessem
Bem dinheiro na aljibeira ,
Que a fortuna , a sórte , o fado
Lhes fariaõ fraca guerra.
Disto pois capacitado ,
Seguindo os meus dous systemas ,
Na Poesia fazer póde
Qualquer trovista proezas.
E se tiver seus tostões ,
Ou suas quatro moedas ,
Naõ se desgoste ; porque isso
Naõ constitue riqueza.
Mas se por escrupuloso
Julgar nisto offende a regra ;
Dê-me as louras , deixarei
De Poeta a vida negra.
Hora lá me lembra agora ,
(Tenho bem tardonha idéa)
O Pinto mais desasado
E de vida pirangueira.
Foi guerra crúa da sogra
Com desbocada largueza ;
Mas pobre alegre do Pindo
O louco pedinchaõ era.

Ago-

Agora por conclusaõ
Desta taõ comprida arenga,
Confirmar quero comigo
A prova das minhas regras.
Pois se acaso eu posso entrar
No número dos Poetas,
Que sou amoroso, e pobre
Nas minhas obras se lêa.

ROMANCE II.

HUM amor, que logo entrou
Confusaõ todo ao principio,
Parece que era forçoso
Vir a parar n'hum martyrio.
Naquella serra escabrosa,
Naquelle aspero caminho;
Alli perdendo a veréda
Nos vimos de amor perdidos.
Alli parece que amor
Nos mesclava o desabrido;
Pois do trabalho a igualdade
Nos fez iguaes no carinho.

Alli o vento soprando,
Alli os ares bramindo,
Quanto o pavor se augmentava,
Amor crescia mais fino.
Neste dia todo espanto,
Confusões, e precipicios,
Peregrinando montanhas,
Foi nosso amor peregrino.
Mas parece que este acaso
Já força foi do Destino,
Que vos amasse entre assombros,
Se assombros me vaõ seguindo.
He possivel, deshumana?
Dizei, ingrata, que he isto?
Póde mais, que aquelle affecto,
Outro fantastico indicio?
Se me naõ credes, cruel,
As finezas, que repito,
Vêde que indicios me dais,
Que em vossa fé ha delirios.
Por hum martyrio me veres,
Huma flôr, hum desperdicio;
Logo julgais de outra dama
Isto he prenda, ou foi capricho.

Naõ fizemos mutuamente
Lá entre nós sacrificio,
De corações, peitos, almas,
Fé, potencias, e sentidos?
Naõ sois meu perfeito amor?
Dizei? Pois naõ he delirio
Julgar, que hum amor perfeito
Desprézo por hum martyrio?
Naõ queirais precipitar-me,
Naõ queirais, meu bem querido,
Os meus suspiros naõ crendo,
Dar-me causa a mais suspiros.
Acreditai desta fé
As desculpas; mas que digo!
De que posso desculpar-me
Se vos naõ tenho offendido?
Acreditai, só vos peço,
Que daquelle amor antigo,
Já mais meu peito fiel
Contra as leis ha delinquido.
Acreditai, porque assim
Dando á minha pena alivios,
Entre amores abrazado
Serei Fenix renascido.

ROMANCE III.

SENTADO sobre hum penedo
Junto ao Téjo caudaloso,
Tristissimamente afflicto
Suspirava o Pastor Floro,
A corrente o mesmo Téjo
Suspendia pesaroso,
Como quem se condoia
De pasmo, e tristeza absorto.
Até huns frescos salgueiros
Naquelle sitio dispostos,
Os verdes ramos debruçaõ
De compaixaõ lastimosos.
Oh prodigio nunca visto!
Mas que muito que hum desgosto
Suspender as aguas faça,
Obrigue a mover os troncos?
As cabras, que n'outro tempo
Foraõ seu cuidado todo;
Pelos montes desgarradas
As traz á furia dos lobos.

Dous

Dous cabritinhos malhados
Em que fazia mais gosto,
Hum de gafeira morreo,
E naõ apparece o outro.
Cheio de tristeza sempre
Até foge dos mais moços,
Hum Pastor, que era a alegria
Destes visinhos contornos.
Mas como a tyranna Alberta
He causa deste destroço,
Por mais que em gemidos grite
Nada valerá seu choro.
He Alberta a mais galante
Pastora dos campos nossos;
Mas a mais cruel, que víraõ
Ainda os humanos olhos.
Por ella rompendo os ares
Geme o Pastor sem consolo;
Mas para ser desgraçado
Basta-lhe ser extremoso.

ROMANCE IV.

Doce Filena adorada,
Naõ sei que branda violencia,
Apenas vos ví, abrio
Neste triste peito brecha.
  O coraçaõ traspassado
Sentí de taõ gratas séttas,
Penetrando-me agudas,
Sentia as feridas meigas.
  Rendido mais, que dos golpes,
Amada Filena bella,
Eu fiquei da suavidade,
Com que a ferida foi feita?
  He possivel! disse entaõ
Vendo esta doce experiencia,
Que menos vença o rigor,
E mais a brandura vença?
  Porém como o rigor tem
Hum naõ sei que, que molesta;
Tem hum encanto a brandura,
Com que os affectos violenta.

Oh! ditoso seja o dia
Em que vos vi! mas naõ seja;
Pois vendo meu peito roto,
Vos fazéis a meu mal céga.
Infeliz pois seja a hora,
Que avistei vossa belleza;
Incentivo do desejo,
Quando o desejo atormenta.
Mas seja a hora ditosa
Que vos ví, se o peito em essa
De amor ferido rendi,
E vos rendi por offerta.
Bem sei, Filena, parece
Tributar-vos indecencia
Hum peito humilde rasgado,
Que vós despresais soberba.
Mas se da victima o baixo
Naõ he á Deidade offensa,
Attendei só á vontade,
Que este rendido protesta.
Reparai que o rendimento
Á perfeiçaõ taõ suprema,
He hum tributo, que fora
Naõ tributar-lho offendella.

In-

Inda a taõ bella naõ seres
Eu attento me rendêra,
A prendas taõ atractivas
Quanto saõ as vossas prendas,
Da natureza hum prodigio
Sois de graças taõ perfeita,
Que sois sem industria da arte
Milagre da natureza.
Naõ despreseis pois trahidora
Hum peito sem resistencia:
Que amor ferio com brandura,
E por vós rendido pena.
Mas ai! ó Filena ingrata,
Quanto, quanto me atormenta
Ter tanto amor, e naõ ter
Este amor correspondencia!
Deixai, deixai os rigores,
Tyranna, porque eu quizera,
Vêr huma vez desunidos
O rigor da gentileza.
Vede, vede compassiva
Por esta ferida aberta,
Meu coraçaõ cá do peito,
Que a desfalecer começa.

RO-

ROMANCE V.

Cuidareis talvez, Senhora,
Que eu nesta terra assistindo
Entre alegrias, e festas
De vós esquecido vivo.
Pois enganais-vos, se assim
Formais errado juiso;
Porque hum martyrio no peito
Naõ póde ser esquecido.
Com justa razaõ, meu bem,
Sois de meu peito o martyrio,
Porque, depois que vos amo,
Sempre em tormentos me sinto.
Naõ fallo dos vís enredos,
Que entre nós se tem mettido;
Pois fora desnecessario
O que sabeis repetillo.
Só depois da infeliz hora,
Que á pressa nos despedimos,
He que eu desejo soubesseis
O quanto por vós me affiijo.

Por-

Porque a tyranna saudade,
Que n'alma me está ferindo,
Nem me consente que dê
Com desaffogo hum suspiro.
Quanto desejo apressar-me
Por ir vêr o meu bem lindo,
Com mais estorvos me vejo
Ser da Fortuna impecilho.
Mas para melhor expor-vos
Da minha ancia o excessivo,
Para aquelle tempo espero,
Doce tempo appetecido.
Entaõ espero tambem,
Se naõ me engana o Destino,
Que quem meu martyrio he hoje
Seja entaõ meu doce alivio.
E tambem espero entaõ
Que vejais que por vós vivo,
Qual Salamandra no fogo
Em amor todo incendido.
E agora bem amado
O Romance finaliso;
Pois naõ quero, quando o leres,
Vos enfade por comprido.

RO-

ROMANCE VI.

GRAÇAS a amor : já chegou
Hum dia, que a vil desgraça,
Contra o seu costume antigo,
Vi que de mim se affastava.
Já chegou a feliz hora,
Que a minha Nerina amada,
Toda cheia de ternura,
Quiz deixar de ser tyranna,
Entre meiga, e vergonhosa,
Entre carinhosa, e grata
Moveo os olhos formosos,
Para mim menos irada.
Entaõ cheio de respeito
Á minha bella adorada;
Peguei-lhe na maõ com mimo,
E ella deixou beijalla.
Deste favor concebi
Cá por dentro gloria tanta,
Que naõ morrí de alegria
Só por mais tempo adoralla.

Naõ

Naõ sei, eu naõ sei dizer
O que sinto dentro d'alma,
Depois que de mim se allonga
A desdita descórada.
Eu algum tempo queria
Morrer por Nerina ingrata,
Hoje por Nerina meiga
Quero viver de adoralla.
Por fineza taõ distincta
Eu lhe darei vida, e alma,
O coraçaõ, e inda he pouco
Para bem remuneralla.
Mas ai! quanto temo, e tremo,
Que maquine a deshumana,
Que em cima de mim raivosa
Salte outra vez a desgraça.
He nos peitos femininos
Taõ natural a inconstancia,
Quanto ella dantes vivia
A ser cruel costumada.
Mas eu hei de lhe dizer
Quando tornar a encontralla;
Que já que huma vez foi meiga,
Que naõ torne a ser tyranna.

Porque hum bem, que se deseja,
Custa se se naõ alcança;
Mas conseguillo, e depois
Tornar a perdello, mata.
E se quizer que esta vida
Com magoas senaõ desfaça,
Póde dar-lhe gloria tanta
Quanto possa conservalla.
Mas quem quer firmes
Glorias mundanas,
Ha de achar sempre
Firmes taes glorias só em ter mudança.

Adverte-se que todos os Motes, que se seguem saõ alheios, e só as Glosas saõ feitas pelo Author.

MOTES.

I.

ABRE meu peito constante
Verás nelle o teu retrato;
Que he todo meu por amante,
E todo teu por ingrato.

GLO-

GLOSA.

Que te amei posso affirmar
Com fé tanta, e verdadeira,
Que inda que o teu rigor queira
Já mais o póde negar:
Dei-te em meu peito lugar;
O teu me foi inconstante,
No coraçaõ por amante
Teu retrato quiz fazer;
E se ainda o queres vêr
Abre meu peito constante.

Rasga meu peito leal,
Que o naõ julgarei rigor,
Verás a cópia melhor
Desse ínfame original;
Verás a belleza igual
De teu rosto a teu vil trato,
E verás que sempre grato
Meu amor te foi perfeito;
Pois se romperes meu peito
Verás nelle o teu retrato.

Da memoria naõ fiei,
Cruel, tua imagem bella;
Para no peito trazella
No coraçaõ a estampei;

Por

Por tua sempre a tratei,
Com affecto relevante;
E se inda agora inconstante
Tem toda a veneraçaõ;
He que está n'hum coraçaõ,
Que he todo meu por amante.
Eu bem sei que o teu rigor
Este trato desattende,
Mas amar a quem offende
He maior timbre do amor:
E se te faz dissabor,
Por meu, este amante trato;
Deixa amor só no retrato
A semelhança de teu;
Seja por amado meu,
E todo teu por ingrato.

MOTE II.

NESTE monte solitario,
Onde a desgraça me tem;
Chamo, ninguem me responde:
Olho, naõ vejo ninguem.

GLOSA.

Aqui me vou consumindo,
Aqui me consumo ardendo,
Aqui ardo padecendo,
Aqui padeço sentindo,
Aqui me estou affligindo,
Aqui de afflicto estou vário;
Aqui o bem me he contrario,
Aqui o mal me persegue,
Aqui nada bom me segue
Neste monte sólitario.

Aqui em magoa fatal
Desconheço como vivo,
Pois vejo que o bem esquivo
Se naõ oppõe a meu mal:
Neste desamparo tal,
Como se naõ vê ninguem,
Aqui alheio do bem,
Supposto que o bem desejo,
Neste desterro me vejo,
Onde a desgraça me tem.

Aqui como vagamundo
Pasmado pelo monte ando;
Como louco vacillando
No desconcerto do Mundo:

Aqui

Aqui triste me confundo
Vendo que o bem se me esconde;
E se considero donde
Me vi, e me vejo afflicto.
Delirante brado, grito,
Chamo, ninguem me responde.
E dahi, como assombrado
Palpitando o coraçaõ,
Á testa erigindo a maõ
Me fico hum pouco encostado:
Entaõ como perturbado
Do assombro, que assim me tem,
Levanto os olhos além
Do monte, no qual resido;
E assim como espavorido
Olho, naõ vejo ninguem.

MOTE III.

NAÕ me culpem de adorar,
A quem meritos naõ tem;
Que o amor qnando se emprega
Nunca faz reparo em quem.

GLOSA.

Ter naõ póde amor perfeito
Quem a meritos attende,
Pois o que a estes se rende
Mostra naõ ama o sujeito:
E se amor tem por effeito
Os que se amaõ igualar,
Alguem, que nescio, julgar
Corina menos que eu sou;
Como amor nos igualou
Naõ me culpem de adorar.

Porque em dous, que amantes saõ,
Obra amor com tal violencia,
Que parece hum faz na essencia
Sendo dous por distinçaõ:
E se ao meu coraçaõ
Uni o de hum doce bem;
Para que he dizer ninguem,
Offendendo amor, que adoro,
Que amo, que quero, e namoro
A quem meritos naõ tem.

Sigo a minha inclinaçaõ,
He lei de amor, obrigou-me;
Pois como he Rei, e mandou-me
Rendi logo o coraçaõ:

Bem

Bem sei que alguns, sem razaõ,
A lei de amor chamaõ céga:
Porém aquelle, que chega
Ser vassallo deste Rei,
Naõ reconhece mais lei,
Que o amor quando se emprega.

Nem eu sei que possa vir
Lei com mais docilidade;
Pois o que pede a vontade
He que amor manda seguir:
Nem me culpe quem me vir
A Corina querer bem,
Porque se outra lei naõ vem,
Nem decreto mais bem posto,
Como a lei de amor he gosto
Nunca faz reparo em quem.

MOTE IV.

VOSSOS olhos marotinhos
Os meus mettem tanto a bulha,
Andando sempre a matar-me,
Peço que ninguem me acuda.

GLO-

GLOSA.

Cançado já das verduras
De amor, as julguei doudices,
Porém essas marotices
Puxaõ por novas loucuras:
Eu farei mil travessuras
Por esses olhos danninhos;
Obrarei tantos carinhos,
Hora serio, hora brincando;
Quanto me estaõ incitando
Vossos olhos marotinhos

Naõ sei se diga que saõ
Travessos; porque elles tem
Hum tal geito, com que vem
Muito a geito da affeiçaõ:
Por isso alma, e coraçaõ,
Com potencia de patrulha,
Tudo em amante barulha
Os busca sem fingimentos;
Inda que elles turbulentos
Os meus mettem tanto a bulha.

Porém perguntára agora
A vossos olhos trahidores,
Para que saõ matadores
A quem na vida os adora?

To-

Todo o tempo, toda a hora
Por elles vejo acabar-me;
E isto faz admi ar-me,
Por elles vêr-me a morrer,
E de adorallos viver,
Andando sempre a matar-me.
Ha carinho mais esquivo,
Ou travessura mais grata?
Que viva pelo que mata,
E morra pelo que vivo?
Mas se alguem por compassivo
Sentir minha sórte aguda;
Entenda que me naõ muda
Nada desta extravagancia,
E por isso com instancia
Peço que ninguem me acuda.

MOTE V.

SE te eu naõ tivera amado
No mais superior sentido,
Nunca tu agora foras
De minhas penas motivo.

GLO-

GLOSA.

Se he paixaõ d'alma o amor,
E do amor nasce o penar,
Aquelle, que mais amar
Terá tormento maior.
Amei-te, e vi o rigor
Do tormento em mim gerado;
Porém eu fui o culpado,
Que te amei; pois naõ sentira
O mal, que a mim se conspíra,
Se te eu naõ tivera amado.

Com aquelle acatamento,
Que caber em mim podia,
Te idolatrei cada dia,
Te adorei cada momento:
Elevei o pensamento
Com affecto o mais subido;
Foi esse amor taõ crescido,
Com que a ti me affeiçoei,
Que por extremo te amei
No mais superior sentido.

Deste amor a perfeiçaõ
Bem me paga o peito teu;
Ah falsa! a culpa tive eu,
Que em ti puz tanta affeiçaõ:

En-

Entreguei-te o coração,
Lucrei só penas trahidoras;
Porém se eu todas as horas
De amor naõ fora o progresso;
Tambem do rigor o excesso
Nunca tu agora foras.

Eu fui, eu fui quem leal
Te adorou com tanto empenho;
Mas és mulher, já convenho
Que a má paga he natural.
Eu fui, eu fui por meu mal
Quem te amou taõ excessivo;
Por isso a teu peito esquivo,
Culpar naõ tenho de que,
Eu te amei, meu amor he
De minhas penas motivo.

MOTE VI.

M*AIOR que a gloria da dita*
He a magoa de perdella;
Porque nunca chega o gosto
Donde o sentimento chega.

GLO-

GLOSA.

Depois de cahir em graça,
Descahir nos desfavores,
Entre as desgraças maiores
Esta he a maior desgraça:
Passa a gloria, mas naõ passa
Della acabar a desdita;
Porque a magoa, que infinita
Resulta de hum bem perder,
Em todo o tempo ha de ser
Maior que a gloria da dita.

Naõ ha glória superior
Á posse de hum bem amado;
Porque hum desejo alcançado
He das ditas a maior:
Porém se perdida fôr
Desse bem a posse bella,
Sentirá o peito aquella
Magoa atroz, cruel desdita;
Pois maior, que a maior dita
He a mágoa de perdella.

Depois de alcançado hum bem,
Por natureza mesquinha
A desgraça se encaminha,
Até que depressa vem:

Mas

Mas a Fortuna, que tem
Natural a este opposto;
Depois que chega o desgosto
De perder a prenda amada,
Fica a mágoa eternisada;
Porque nunca chega o gosto.
O bem depois de perdido
He que melhor se conhece:
O mal só quando apparece
He por maior conhecido:
Da posse do bem querido
O mesmo prazer nos céga;
Mas o mal, como naõ néga
Que o vejamos com desgosto,
Por isso naõ chega o gosto
Donde o sentimento chega.

MOTE VII.

EU hei de morrer de firme,
E viver n'huma esperança,
Ser leal, a quem adoro,
Sem ter nenhuma mudança.

GLO-

GLOSA.

Que lhe fez meu peito grato,
Tyranno, para matar-me?
Se sabe que com deixar-me
Me deixa sem vida, ingrato:
Se intenta com esse trato
A vida só concluir-me,
Saiba, cruel, que fugir-me
Será apressar-me a mórte;
Mas sempre em amallo fórte
Eu hei de morrer de firme.

Cuida, que sempre ha de ser
O feminil inconstante?
Hei de morrer de constante,
A pezar de ser mulher:
Viva ingrato a meu querer,
Que eu morrerei sem mudança;
E se da mórte a esquivança
Me dér algum intervallo;
Hei de nesse tempo amallo,
E viver n'huma esperança.

Se por timbre de trahidor
Deseja a vida acabar-me,
Cruel, se quer só matar-me
Mate, mas seja de amor:

Mas

Mas se a seu duro rigor
Nada abranda o quanto chóro;
Mate de trahidor lhe imploro,
Já que me obriga amor féro,
Sendo-me falso quem quero,
Ser leal a quem adoro.

Continue o rigor fórte
Se a matar-me está dispsto:
Porque eu morrendo a seu gosto,
Que mais venturosa sórte?
Mas talvez, que a minha mórte
Lá lhe horrorise a lembrança,
Quando com perseverança
Me vir o seu peito isento,
Até ao ultimo alento
Sem ter nenhuma mudança.

MOTE VIII.

LEMBRA-ME o tempo passado,
Estranho o que agora vejo,
Naõ digo nada a ninguem,
Comigo proprio pelejo.

GLO-

GLOSA.

Se no principio do gosto
Se finalisa a desdita,
Tambem no fim de huma dita
Se principia o desgosto:
Diga-o eu; pois já deposto
Todo o bem, me traz o fado
De cuidado em mais cuidado,
Sentimento em sentimento;
Em fim, e por mais tormento
Lembra-me o tempo passado.

Veja que mal mais vehemente
Se poderia forjar-me,
Que hum bem perdido lembrar-me
Entre tanto mal presente?
Eu logrei antigamente
Quanto pedia o desejo;
Mas para mal taõ sobejo
Me passou o fado esquivo,
Que confuso, e pensativo
Estranho o que agora vejo.

Em desgostos sempre trato,
Aborrece-me o recreio,
E já de mim mesmo alheio,
Ando a modo de insensato:

De

De mim misero desato
Tudo que póde ser bom,
Até, como alivio tem
A pena em communicalla,
Eu só por naõ alivialla
Naõ digo nada a ninguem.

Quando a recordar me ponho
O que logrei algum dia,
Perturbada a fantazia,
Tudo me parece sonho:
Horrivel, triste, medonho,
Desfigurado me vejo;
Sempre em delirios forcejo,
Melancolico lamento,
E dentro no pensamento
Comigo proprio pelejo.

MOTE IX.

QUEM se ausenta do seu bem
Em nada póde ter gloria;
Pois de verdugo lhe serve
A sua mesma memoria.

GLO-

GLOSA.

A glória de mais agrado,
Que hum amante peito sente,
He viver continuamente
Á vista do bem amado;
Mas se á força o duro fado
Que tyranno poder tem,
Pozer em distancia a quem
Á vista do bem vivia
Irá morrer de agonia
Quem se ausenta do seu bem.

Eu bem sei que huma alma amante
Que o seu doce bem estima,
Mais donde ama, que onde anima
Vive quando está distante:
Porém he razaõ constante,
Que se á força da memoria
Passa huma alma transitoria
Para o bem, que está querendo,
Quem sem alma vai vivendo
Em nada póde ter gloria;

A força da fantazia,
Que as imagens faz presentes,
Entre os amantes ausentes
Serve de mais tyrannia;

Se

Pois quem triste se desvia
No peito a mágoa lhe serve;
E por mais que o bem conserve
Retratado na memoria;
Naõ lhe servirá de gloria,
Pois de verdugo lhe serve.

Gloria a hum saudoso déra
Da fantazia o poder,
Se em essencia alli trazer
O bem distante podéra;
Mas, se toda esta quimera
He huma illusaõ notoria,
Aquelle amante, que gloria
Fôr buscar no pensamento,
Verá dar-lhe mais tormento
A sua mesma memoria.

MOTE X.

VENHA cá: para que fez
Tanta fineza fingida?
Para agora me deixar,
Depois de me vêr rendida.

GLOSA.

Minha amada, venha cá,
Venha cá, doce inimiga;
Para quem reserva, diga,
Carinhos, que me fez já?
Era céga, quando lá
Me vio a primeira vez?
Pois se entaõ meiga, e cortez
De mim fez gostoso apreço,
Se via que a naõ mereço,
Venha cá, para que fez?

Imagina que achará
Outro amor, como eu fiel?
Pois engana-se, cruel,
Algum dia o saberá:
Eu lhe affirmo que será
A hum tyranno rendida;
E talvez por offendida
Desse, a quem render o peito;
Tenha dó de me ter feito
Tanta fineza fingida.

Se foi só por lograçaõ,
Que disse bem me queria;
Parece que naõ devia
Carinhos fazer-me entaõ:

Mas

Mas já vejo que a razaõ
De assim meiga me tratar
Foi só para me mostrar
O bem, que me isenta agora;
Tudo fez por ser trahidora,
Para agora me deixar.

Mas eu já desisto em fim
De queixar-me, ingrata bella;
Attenda a minha alma, que ella
Lhe falla dentro de mim.
Arminda, meu serafim,
Que he isto, prenda querida?
Se me vê taõ affligida
Dentro de hum peito fiel,
Porque me trata cruel,
Depois de me vêr rendida.

MOTE XI.

VE, amor, quanto me deves
Neste empenho de querer;
Porque perdendo-me a mim,
Só a ti naõ sei perder.

GLOSA.

Se de meu peito, alma, e vida
Foste doce roubadora,
Porque me negas trahidora
Divida taõ conhecida?
Mas se por ser taõ crescida
Pagalla te naõ attréves,
Naõ pagues, inda que léves
De ingrata o nome; porém
Repara ao menos, meu bem,
Vê, amor, quanto me deves.

Naõ só vida me levaste,
Alma, e peito, ingrata, vê;
Mas os sentidos, a fé,
As potencias me roubaste:
Tudo, que em mim livre achaste,
Tens senhora, em teu poder;
E se agora a escurecer
Tanta divida te applicas;
Olha que sempre me ficas
Neste empenho de querer.

N'este furto, por te amar
Consentí, e com rigor
A mim perdí todo o amor,
Só por em ti o empregar:

Vê

Vê pois, se quando roubar
Eu te deixei tudo assim,
Se extremo fiz; mas em fim
Naõ julgo de extremo acçaõ
Perder a tudo, senaõ
Porque perdendo-me a mim.

De amor por ti sou perdido:
Tu despresando este amor,
Ha mais cruel desamor,
Mais atroz, mais desabrido,
Deixa pois, meu bem querido
Esse feroz proceder:
Renda-te ingrata saber,
Que só em amar-te estudo:
Pois perdendo o amor a tudo
Só a ti naõ sei perder.

MOTE XII.

OH que venturoso dia,
Meu bem, que te chego a vêr!
Fuja, fuja o desprazer,
Que vejo a minha alegria.

GLO-

GLOSA.

Bem vinda sejas, meu bem,
Minha amada toda linda,
Mas da tua boa vinda
Dá-me a mim o parabem:
A tua ausencia me tem
Dado a maior agonia:
Mas hoje que de alegria
Os braços te venho dar;
Dá-me os teus; fuja o pezar;
Oh que venturoso dia!

Dize-me, sentias lá
As ancias, que eu cá sentia?
Agora tens alegria,
Como eu tenho, em vêr-te cá?
Eu naõ me atrevia já
Tantas saudades soffrer;
Se mais tardas, mais viver
Naõ podia desditoso.
Mas hoje sou venturoso;
Meu bem, que te chego a vêr.

Resta que da ausencia effeito
Venhas hoje desleal;
Se tal succede, hum punhal
Hei de cravar no meu peito:

Mor-

Morrerei por teu respeito,
E gostoso hei de morrer;
Mas quando assim succeder,
O que de ti naõ infiro;
Como á tua vista espiro
Fuja, fuja o desprazer.

Eu duvido o que a demóra
Terá em teu peito obrado;
Tira-me deste cuidado,
Responde, gentil Pastora.
Dize se em teu peito mora
Aquelle amor de algum dia:
Porém se a ausencia desvia
Ás vezes de amor o acerto;
Tambem se vieste he certo
Que vejo a minha alegria.

MOTE XIII.

ARDO em chammas amorosas
Sacrificios taõ mal pagos;
Porque quem causa os incendios
Naõ remedea os estragos.

GLO-

GLOSA.

Daquelle divino rosto,
A quem amante me inclino,
Quer ingrato o meu destino,
Que em distancia viva posto:
Causa da ausencia o desgosto
As magoas mais rigorosas:
Eu o sinto, pois saudosas
Taes ancias tenho no peito,
Que cá por dentro desfeito
Ardo em chammas amorosas.
Quando esta belleza amei,
Para sentir seus rigores,
Meu peito cheio de amores
Logo lhe sacrifiquei;
Mas della me queixarei,
Que gosta dos meus estragos;
Pois desprezando os affagos
Desta minha adoraçaõ;
Os meus sacrificios saõ
Sacrificios taõ mal pagos.
Se lá de mim se lembrára
Esta ingrata formosura,
Talvez de amor a ternura
O coraçaõ lhe abrazára:

Se

Se ella em meu peito estimára
De amor os doces compendios,
Talvez que com vilipendios
Me naõ tratára; porque
Bem sabe me abraso, e he
Porque quem causa os incendios.

Nem se quer neste retiro
A cruel, que me consome,
Quer que nomeie o seu nome
Quando por ella snspiro:
Naõ sei como naõ deliro,
Vendo extremos taõ mal pagos;
Pois quando meigos affagos
Amante lhe vou render;
Ella, só porque naõ quer,
Naõ remedea os estragos.

AO MESMO

GLOSA.

AMAR Nynfas ardilosas!
Em postas quero ser frito,
Se por alguma eu afflito
Ardo em chamas amorosas;

Que

Que importa, que carinhosas
Ellas digaõ mil affagos;
Dos sacrificios estragos
Saõ para os amantes seus,
E eu naõ quero vêr os meus
Sacrificios taõ mal pagos.

Por mais que amantes compendios
Manifestem, lá no peito
Naõ faz este fogo effeito
Porque quem causa os incendios;
Vozes saõ os seus dispendios,
Que saõ nada, e querem pagos;
Por isso naõ quero affagos,
Que nada saõ; e de gente,
Que atiçando o fogo ardente
Naõ remedea os estragos.

MOTE XIV.

OS duros grilhões de amor
Arrasto com tal vaidade,
Que aborreço aquelle tempo,
Em que tive liberdade.

GLO-

GLOSA.

De Marcia o bello rigor
Me cativa de tal sórte,
Que por ella arrasto fórte
Os duros grilhões de amor:
Se outros mais pesados for
Tecendo amor com maldade,
Eu por ella na verdade
Os soffrerei taõ vaidoso,
Como estes, que já gostoso
Arrasto com tal vaidade.

Triste foi, foi contratempo
O tempo, que a naõ amei;
Hoje, amando-a, clamarei
Que aborreço aquelle tempo:
Taõ amavel passatempo
Lógro nesta sociedade,
Que cheio de tal vaidade,
Todo em amor empregado,
Choro o tempo mal passado,
Em que tive liberdade.

MOTE XV.

PERMITA o Ceo por castigo,
Já que me pagas taõ mal,
Que aquelle que mais adoras
Te seja o menos leal.

GLOSA.

Que os homens sejaõ comtigo
Mais do que féras tyrannos,
Já que me traças enganos,
Permita o Ceo por castigo.
Seja-te mais inimigo
Esse, a quem és mais leal;
Pois se com rigor fatal,
Porque te amo, és contra mim,
Praza a Deos te pague assim,
Já que me pagas taõ mal.
He bem certo naõ ignoras
Quanto amor te consagrei;
Pois sempre mais te adorei,
Que aquelle, a quem mais adoras:

Mas,

Mas, já que assim com trahidoras
Entranhas me és desleal,
Para que sintas meu mal
Gritarei, aos Ceos rogando,
Que esse, que estás adorando
Te seja menos leal.

MOTE XVI.

SE este amor, em que me inflammo,
Podesse ter mais augmento,
A pesar do meu tormento,
Mais te amára do que te amo.

GLOSA.

Das lagrimas, que derramo
Naõ sei qual he a razaõ;
Se he a tua ingratidaõ,
Se este amor, em que me inflammo?
Sei que igual ao muito que amo
He o teu rigor violento,
E julgo que em crescimento
Inda fora o teu rigor,
Se acaso meu grande amor
Podesse ter mais augmento.

Dou

Dou suspiros cento a cento,
Porque és ingrata, e te adoro;
E com gosto por ti choro
A pezar do meu tormento:
He o teu rigor cruento;
Porém gostoso lhe chamo;
Pois taõ ardente me inflammo
Neste affectivo querer,
Que se podesse crescer
Mais te amára do que te amo.

MOTE XVII.

ALEM da eternidade
Ha de durar este amor.

GLOSA.

Dentro n'alma vos fechei,
Por ser o peito mortal,
Logo se a alma he immortal
Este amor eternisei:
Tanto assim conglutinei
A vossa, e minha vontade,
Que de uniaõ a unidade

He

Passou, e se ser podéra,
Nosso amor inda excedêra
Alem da eternidade.
He taõ fórte a sympathia
Deste amor, que n'alma está,
Que a vossa me anima já,
A minha a vós; que alegria!
Em nós gosto, ou agonia,
He a mesma gloria, ou dôr;
E se do infinito for
Possivel passar alguem,
Do infinito ainda além
Ha de durar este amor,

MOTE XVIII.

CONTAI sempre isenta aos damnos
Annos bons, felices dias.

GLOSA.

Senhora, da natureza
Sois hum milagre perfeito;
Pois só ordinario effeito
Naõ póde ser tal belleza:

Crès-

Cresce em vós a gentileza
Pelo compasso dos annos ;
E se vinte sem enganos
Agora feliz contais ,
Todos os que desejais
Contai sempre isenta aos damnos.
Inda que da flôr da idade
Lograis agora o vigor ,
Sempre em toda a idade flôr
Brilhareis com propriedade :
Bem sei tudo na verdade
Gastaõ do tempo as porfias ;
Mas se vós em alegrias
Ides o tempo gastando ,
Brilhareis sempre cantando
Annos bons , felices dias.

MOTE XIX.

SE ha serafins cá na terra ,
He Lorinda hum serafim.

GLO-

GLOSA.

A belleza peregrina,
Que no meu bèm resplandece,
Cousa humana naõ parece,
Parece cousa divina:
Em si toda esta menina
Dons celestiaes encerra;
E se vêlla só desterra
Toda a tristeza de mim,
Digo que he hum serafim,
Se ha serafins cá na terra.

Eu naõ diviso entre as flôres
Huma, que iguale com ella;
Nem nos Astros huma estrella
Linda, como os meus amores;
Entre as bellezas melhores
Naõ acho nenhuma assim:
Nisto discorrendo, em fim,
Com justa razaõ me fundo,
Que se ha serafins no mundo,
He Lorinda hum serafim.

MOTE XX.

MORRO por viver comtigo.

GLOSA.

Cruel, como naõ ponderas,
Que por ti vivo morrendo,
Por isso isenta vivendo,
Matas com tantas quimeras:
Porém se amante attendêras
De meu peito ao doce abrigo,
Talvez por viver comigo
Tu morrerias constante,
Assim como eu por amante
Morro por viver comtigo.

MOTE XXI.

QUEM amas quero adorar.

GLOSA.

Depois que o odio conheço,
Em que contra mim te inflammas,
Por naõ amar quem naõ amas
A mim proprio me aborreço;
E como naõ desconheço,
Que a ti mesma te has de amar;

Eu

Eu para amante mostrar,
Que em tudo teu gosto estimo,
Quem naõ amas desestimo;
Quem amas quero adorar.

MOTE XXII.

A DOR, *que sentis no peito.*

GLOSA.

Entre os excessos da dôr,
E os extremos de adorar,
Só sabe fino penar
Quem mais fino amante for;
Da pena he fórte o rigor,
Quanto o amor he perfeito;
Logo se firme conceito
De meu puro amor fazeis,
Como sinto sabereis
A dor, que sentis no peito.

MOTE XXIII.

NAÕ porfie, que naõ vence.

GLOSA.

Para que obra tanto excesso,
Para que saõ taes agrados,
Se isso me dá mais enfados,
Se delles naõ faço apreço?
Em fim, sabe o que lhe peço,
Que a outro Numen incense;
Pórque tudo o que pertence
A sacrificios, que obrar,
Se eu os hei de despresar,
Naõ porfie; que naõ vence.

MOTE XXIV.

SOU firme; mas receoso.

GLOSA.

Quem receoso naõ for
Naõ póde constante ser,
Pois quem naõ teme perder
O bem, naõ lhe tem amor.
Confesso que he desprimor
Sem motivo ser zeloso;
Mas eu que só amoroso,
O meu receio he perder-vos;
Porque sou fino em querer-vos,
Sou firme, mas receoso.

MOTE XXV.

ACABOU-SE, já lá vai.

GLOSA.

Tirce, depois que alcancei
Que o meu amor vos enfada,
Por vos naõ vêr desgostada
No peito o amor soffoquei;
Callando vos amarei
Sempre firme; e se algum ai

Tris-

Triste me ouvires, deixai,
Naõ vos cause dissabor,
Suppondo que aquelle amor
Acabou-se, já lá vai.

MOTE XXVI.

QUAL das duas he melhor.

GLOSA.

De Anna a belleza excellente
Os corações roubaria;
Pois os olhos de Maria,
Os olhos levaõ á gente:
Irmãs saõ, e se irmãmente
Ambas tem gentil primor,
Quando o agradavel rigor
De huma, e outra chego a vêr,
Naõ me attrevo a resolver
Qual das duas he melhor.

MO-

AO MESMO.

GLOSA.

TEM Maria, sem defeito,
Olhos bons, rosto tambem;
Mas Anna naõ sei que tem
No bello rosto pefeito?
Ella a quem a vê, no peito
Faz movimentos de amor;
Porém seja como for
Eu, por nenhuma aggravar,
Nunca posso declarar
Qual das duas he melhor.

MOTE XXVII.

CUPIDO as séttas quebrou.

GLO-

GLOSA.

Vendo os Deoses huma vez
De Nerina o bello rosto,
Cada qual delles por gosto
Seu rendimento lhe fez:
Jupiter depoz-lhe aos pés
Raios, que Brontes forjou;
A lyra Apollo arrojou;
Postrou Neptuno o tridente,
Marte a espada; e reverente
Cupido as séttas quebrou.

AO MESMO.

GLOSA.

Em applauso de Nerina
Cantando as furias estaõ,
Que até louvores lhe daõ
No reino de Proserpína:
Do Deos de amor a ferina
Condiçaõ ella domou,
E como o que naufragou
Leva ao Templo o mastro roto;
Para offertar-lhe devoto
Cupido as séttas quebrou.

MO-

AO MESMO.

GLOSA.

VENDO Venus lhe excedia
Nerina na gentileza,
E Cupido vendo-a illeza
Das séttas, que despedia;
Com a Mãi o filho hum dia
Meios de a render buscou;
Mas como naõ resultou
Desta conferencia nada,
Venus suspirou irada,
Cupido as séttas quebrou.

AO MESMO.

GLOSA.

COM outras Nynfas brincando
A gentil Nerina andava;
Cupido, que occulto estava,
Séttas lhe hia disparando:

Via-o Nerina, e gritando
Que quebre as séttas mandou;
Elle os joelhos dobrou,
E com profunda humildade
Tremeo, e contra vontade
Cupido as séttas quebrou.

MOTE XXVIII.

Resto da minha paixaõ.

GLOSA.

Arrancar-te do vil peito
Com a propria maõ quizera
Esse coraçaõ de féra,
A quem o meu foi sujeito:
Sem fé, sem lei, sem respeito,
Sem amor, e com trahiçaõ
Tu me deixas; mas na maõ
Estás dessa, que em rigor
Vingará tudo, que fôr,
Resto de minha paixaõ.

A O M E S M O.

G L O S A.

SE algum tempo enfurecida
Contra ti falso, trahidor,
Quiz por impulsos da dôr
Tirar-te essa infame vida;
Hoje mais bem advertida
Desta louca indignaçaõ,
Conhecendo que a trahiçaõ
Só infama ao delinquente,
Nem já conservo sómente
Resto da minha paixaõ.

A O M E S M O.

G L O S A.

ALGUM dia arrebatada
Contra hum vil, que me deixou,
No meu peito se gerou
Huma paixaõ desesp'rada:

Ex-

Exclamei ao Ceo irada
Vingasse aquella trahiçaõ;
Mas agora, que a razaõ
Tem o meu ardor sereno,
Naõ conservo o mais pequeno
Resto da minha paixaõ.

AO MESMO.

GLOSA.

Graças a Deos! já cheguei
A vêr-me isenta de amor;
A troco do teu rigor
O meu socego comprei:
Se mil pragas te roguei,
Hoje cahí na razaõ;
Porque a interna confusaõ,
Que a culpa ao culpado dá,
Tu terás, naõ tendo eu já
Resto da minha paixaõ.

MO-

MOTE XXIX.

DEIXA-ME, cruel saudade.

GLOSA.

Deixa, deixa pensamento,
Deixa já de atormentar-me;
Naõ queiras mais renovar-me
A causa do meu tormento:
Sinto neste apartamento
A maior rigoridade;
Pois se a dura atrocidade
Da memoria augmenta a queixa,
Deixa-me lembrança, deixa,
Deixa-me, cruel saudade.

MOTE XXX.

MAIS sublime se remonta.

GLOSA.

Até a Roza Princeza
Murcha o tempo gastador,
Que he pensaõ de toda a flôr
Caducar por natureza;
Mas de Marcia a gentileza,
Que hum lustro, e hum anno conta,
De taõ illustre vergonta
Nasceo flôr, que bella sendo,
Quanto em annos vai crescendo,
Mais sublime se remonta.

MOTE XXXI.

PARA mim, que vivo só.

GLOSA.

Dize-me, fado trahidor,
Sempre contra mim irado,
Dize, para quem guardado
Tens de Lorinda o penhor?
Faze, faze que o Amor
Nos enlace, e aperte o nó;

Ho-

Hora tem, tem de mim dó,
Naõ o dês a mais ninguem:
Concede-me aquelle bem
Para mim, que vivo só.

MOTE XXXII.

HE, naõ he, passou, existe.

GLOSA.

Ser, e naõ ser juntamente
Natural naõ póde ser;
Pois que causa póde haver,
Que passe sendo existente?
Logo se naturalmente
O ser ao naõ ser resiste,
Se passar o que persiste
Cousa incompativel he;
Que cousa póde ser, que
He, naõ he, passou, existe?

MO-

MOTE XXXIII.

DEPOIS *que se foi Beliza.*

GLOSA.

Por naõ vêr contentamento
Os olhos trago no chaõ,
Com angustia o coraçaõ,
Sem socego o pensamento.
Nesta alma o maior tormento
A vida me tyrannisa,
Pois tanto me martyrisa
Desta ausencia a pena fórte,
Que ando hum retrato da mórte
Depois que se foi Beliza.

MOTE XXXIV.

COM *mais disfarce o engano.*

GLO-

GLOSA.

Tyranna já vos naõ peço
Que meigueices me façais ;
Pois naõ devo pedir mais
Do que o pouco que mereço :
O vosso gosto appeteço ,
Inda que seja em meu damno ;
Mas se o vosso gosto oufano
Só enganar-me deseja ,
Enganai-me , porém seja
Com mais disfarce o engano.

MOTE XXXV.

QUAL de nós falla verdade ?

GLOSA.

He tua doce expressaõ
Nascida do entendimento ;
A minha sem fingimento
Só nasce do coraçaõ :
Tu com engenhosa maõ
Enfreias a falsidade

U Eu

Eu só com fidelidade
Escrevo o que ensina amor:
Vê agora, sem rigor,
Qual de nós falla verdade?

MOTE XXXVI.

BEIJAR-TE-HEI a cruel maõ.

GLOSA.

Quanto foste desejada,
Beliza, bem vinda sejas;
E se descanço desejas
No meu peito faze entrada;
Vive nelle reclinada
Sobre hum meigo coraçaõ;
Mas se tu vens com tençaõ
De entregar a outro o teu,
Arranca-me antes o meu,
Beijar-te-hei a cruel maõ.

MOTE XXXVII.

NESTA angustia sem igual.

GLOSA.

Huma febre abrasadora,
Que no pulso se naõ sente,
Sinto cá internamente
Na minha alma, que te adora:
Naõ espero ter melhora,
Nem que me mate este mal;
Pois minha desgraça he tal,
Que me naõ deixa morrer;
Só para infeliz viver
Nesta angustia sem igual.

AO MESMO.

GLOSA.

INDA que opposta a meus gostos
A minha tyranna bella,

Tantos gostos tenha ella,
Quanto me dá de desgostos:
Mande contra mim dispostos
Sempre os rigores do mal;
Que eu lhe rogarei leal,
Que do bem taes mimos veja,
Quanto vêr-me a mim deseja
Nesta angustia sem igual.

MOTE XXXVIII.

CRUEL *depois de rendida.*

GLOSA.

Arminda, quando em teus braços
Tu me apertsaste comtigo,
Quem dissera que comigo
Affrouxarias taes laços!
O coraçaõ em pedaços
Se me parte, eu perco a vida;
Naõ sei, Arminda querida,
Naõ sei como tens valor,
Para contra mim te pôr
Cruel depois de rendida.

MO-

MOTE XXXIX.

JULGAREI que me morreo.

GLOSA.

Vaí-se o meu bem, que desgosto!
Quem podéra acompanhallo!
Porém para que? Deixallo,
Já que se vai por seu gosto;
Com extremo tinha posto
Nelle todo o affecto meu,
Porém como o rigor seu
Pouco présa o meu carinho,
Seja embora o seu caminho,
Julgarei que me morreo.

MOTE XL.

SÓ eu, só tu, mais ninguem.

GLO-

GLOSA.

Com tal graça despedio
O Deos Cupido huma sétta,
Que elevou do amor á méta
Dous corações, que ferio:
Taõ efficaz nos unio
Ó Nize, em querer-nos bem,
Que julgo feito naõ tem
Tiro com melhor acerto;
Pois amor sem desconcerto,
Só eu, só tu, mais ninguem.

AO MESMO.

GLOSA.

Só tu, cruel, taes rigores,
Executar poderias,
Só eu entre tyrannias
Podéra render-te amores;
Odio, e amor oppositores
Em nós o seu auge tem;
Eu firme em querer-te bem;
Em ter-me odio tu constante;

Op-

Opposiçaõ semelhante,
Só eu, só tu, mais ninguem.

MOTE XLI.

He mórte sendo immortal.

GLOSA.

Amor, que vista naõ tem,
Quando mais que hum lince vendo,
He hum naõ sei que, que entendo
Naõ sabe entender ninguem:
He mal querido por bem,
Sendo bem que trata mal;
He em fim por modo tal
Amor contrario de sórte;
Que he vida, que custa a mórte,
He mórte sendo immortal.

MOTE XLII.

Tenho o peito entumecido.

GLO-

GLOSA.

De que me procedêraõ
Estas grossuras no peito?
Certamente isto he effeito
Dos pulos do coraçaõ:
He fórte palpitaçaõ,
E eu sem tomar sentido!
Mas que ha de ser, se affligido
Nem já reparo em meu mal?
Féra cousa! pois que tal?
Tenho o peito entumecido.

MOTE XLIII.

Os pés lhe quero beijar.

GLOSA.

Parece que naõ convinha,
A quem he taõ desgraçado,
Ter este pobre afilhado
Huma taõ rica Madrinha:
Mas se hoje a fortuna minha
Assim me quiz elevar,

Ago-

Agora para mostrar
Quanto a Madrinha venero,
Naõ só beijar-lhe a maõ quero,
Os pés lhe quero beijar.

MOTE XLIV.

A MIM mesmo hei de matar.

GLOSA.

Dêo Beliza em ter agora
Dos olhos de Marcia zelos;
Mas eu para mais naõ vellos
Hei d'os meus arrancar fóra:
Vá-se a minha vista embora,
E fique ella sem pezar;
Mas se inda assim me fallar
Nos olhos de Marcia bella,
Por melhor satisfazella
A mim mesmo hei de matar.

MOTE XLV.

Muito fêa he Ignacia.

GLOSA.

De quem versos faz a vêa
Pende a louvar rostos bellos,
Porém eu hei de fazellos
A huma cára bem fêa:
Hei de seguir esta idéa
Hoje com toda a efficacia;
Perdoa-me a minha audacia,
Se acaso nisto te offendo;
Mas a dizer o que entendo
Muito fêa he Ignacia.

MOTE XLVI.

O bom fim da eternidade.

GLOSA.

Nunca em minhas cousas já
Achei principio ruim;
Mas cousa minha bom fim
Inda a primeira terá:
A causa disto será
Talvez a minha maldade;
Ás vezes tenho vontade
De pôr-me a chorar por isto;
Mas espero em Jesu Christo
O bom fim da eternidade.

MOTE XLVII.

DISCRETA, sisuda, e linda.

GLOSA.

Deixei Filena, porque era
Como Laura bandoleira,
Matilde por lisonjeira,
Cloris por naõ ser sincéra:
Até, oh quem tal disséra!
Já me esquecí de Lorinda,

Só

Só amor conservo ainda
Á minha Nerina amada,
Porque he meiga, engraçada,
Discreta, sisuda, e linda.

MOTE XLVIII.

PENDE para a minha parte.

GLOSA.

Se de todos, que amor tem
Os affectos se ajuntáraõ,
Igual amor naõ formáraõ
Como te tenho, meu bem:
Se isto queres vêr, ninguem
Como tu póde ter arte;
N'huma balança reparte
Contra todos o amor meu;
E verás que o fiel seu
Pende para a minha parte.

MOTE XLIX.

HUM martyrio no meu peito.

GLOSA.

Amor para me prendar
Huma flôr dar-me queria;
Mas seus discursos fazia
Sobre qual me havia dar:
Eu estava a suspirar
Que fosse hum amor perfeito;
Mas Beliza, a quem respeito
Tem o mesmo Deos de amor,
Por elle me mandou pôr
Hum martyrio no meu peito.

MOTE L.

SÉTTAS no meu coraçaõ.

GLOSA.

Amor, que mal te fiz eu
Para assim me assetteares?
Eu venero os teus altares,
Tu és o Idolo meu:
Mas Beliza he quem te deo
Essa trahidora liçaõ,
Ella te mette na maõ
A farpa, o arco prepara,
Ella o encurva, e dispara
Séttas em meu coraçaõ.

MOTE LI.

NAÕ me dês esses remoques.

GLOSA.

Se louvei a perfeiçaõ
Dessa Pastora excellente,
Eu o fiz sincéramente,
Foi sem segunda tençaõ:
Tu por meu castigo entaõ
Sempre estás com esses toques;

Ho-

Hora peço-te que o troques
Em pena mais moderada ;
Dá-me antes muita pancada,
Naõ me dês esses remoques.

MOTE LII.

FORTUNA, sempre és mulher.

GLOSA.

Fortuna, por que cautela
Quando me vens a maõ dar,
Apenas lhe vou pegar
Outra vez fóges com ella ?
Tomára, Fortuna bella,
Vêr o fim, que isto ha de ter :
Comigo te vens metter,
E logo fóges de mim ;
És bem vária ? Mas em fim
Fortuna sempre és mulher.

CANSONETA.

FOI-SE Dorinda;
Naõ sei que faço,
Que naõ desfaço
O coraçaõ!
Mais que a mim mesmo
Meu peito a adora,
E foi-se embora
Sem compaixaõ.
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Desconsolado
Neste retiro
Triste suspiro,
Mas sempre em vaõ.
Sem vèr Dorinda,
Eu desespero,
E outra naõ quero
Consolaçaõ.

Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Vem, vem tyranna,
Vem dar-me os braços;
Pois nesses laços
Quero prisaõ.
Porém que digo,
Se ouvir naõ póde?
Ai! quem me acóde
Nesta afflicçaõ.
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Se ella viera,
Por certo tinha
Nesta alma minha
Habitaçaõ.
Mas demorada
Vive contente,
E eu morro ausente
Sem remissaõ.
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.

LETRA.

Chorando mágoas
Neste retiro
Sempre suspiro
Pelo meu bem.
Ditosos olhos
Daquellas gentes,
Que lá presentes
Seu rosto vem.
Mas dos meus tristes
Neste desvio,
O sangue em fio
Correndo vem.
Este meu pranto
Já de magoado,
Despedaçado
Penhascos tem.
Fogem de ouvir-me
Os passarinhos,
Nos patrios ninhos
Naõ se detem.
Com meu lamento
Suspendo as aguas,
Padeço magoas
Como ninguem.

Cançado ás vezes,
Já de affligido,
Adormecido
Fico tambem.
Entaõ em sonhos
Logro favores
Dos meus amores,
Sem ter desdem.
Mas pouco tempo,
Mal que adormeço;
Logo estremeço;
Foge este bem.
Palpando o busco
Por todo o leito,
Só acho o effeito,
Que o engano tem.
Entaõ crescendo
Novos pezares,
Rompendo os ares
Soluços vem.
Comigo mesmo
Taes cousas fallo,
Que agora callo,
Naõ ouça alguem.

ENDEXAS

I.

Só por dar inveja
A todas as flôres,
Meus lindos amores
Quero retratar.
 Soltas liberdades
Nos finos cabellos,
Por serem taõ bellos
Se vaõ enlaçar.
 Dos seus lindos olhos,
Em meiga conquista,
Basta pouca vista
Para assim triunfar.
 E das sobrancelhas
Amor, a seu geito,
Dous arcos tem feito
Para me atirar.

Nas

Nas formosas faces
Esse Deos vendado,
Lá vai namorado
Mil beijinhos dar.
Muito mais me agrada
A côr do seu rosto,
Do que ella faz gosto
De a mim agradar.
E na doce bocca
As tres graças vejo
Entre gosto, e pejo
Sorrisos formar.
Todas as feições
Do seu lindo rosto
Fazem hum composto,
Que sabe encantar.
A bella garganta
He donde tem preza
Tanta gentileza,
Que eu sei adorar.
No mimoso peito
Sempre está mettido
O meigo Cupido
Contente a brincar.

E as vezes que a aperta
Mais pela cintura ,
Sempre he com brandura
Para naõ quebrar.
A maõ tem bemfeita ,
Tem o braço airoso ,
E só valeroso
Para me matar.
O pé pequenino
Com tal garbo lança ,
Que me mata , e cança
Para me escapar.
Se pintar naõ posso
O mais que naõ vejo ;
Bem julga o desejo
Que he bem singular.
Fez-lhe a naturêza
Proporçóes de modo ,
Que o seu bello todo
Naõ tem exemplar.
Tem mais discriçaõ ,
Que a Deosa Minerva ;
Porém tem reserva
Para me apurar.

Este Idolo bello
He a quem no peito,
Tenho hum altar feito
Para o collocar.
Mas ella diz que antes
Quer ser desprezada,
Do que venerada
Neste impuro altar.
Naõ sei que haver possa
Maior tyrannia,
Nem mais agonia
Para me acabar.
Bem pódem por bella
Invejalla as flôres;
Porém seus rigores
Ninguem invejar.

ENDEXAS II.

Choremos meus olhos
A nossa desgraça;
Já que de Beliza
Perdemos a graça.

Ou-

Ouçaõ meus clamores
Os valles, os montes,
As aves, as féras,
Os rios, e as fontes.
Pois vendo que tenho
Tal graça perdida,
Teraõ magoa os brutos,
E as cousas sem vida.
E Beliza tendo
Tanta discriçaõ,
Me poz neste estado
Sem ter compaixaõ.
Ah cruel Beliza!
Exemplo de ingratas;
Dize, dize agora,
Porque me maltratas.
O querer-te he culpa,
He crime adorar-te?
O servir-te offensa,
Ou injúria amar-te?
Pois se disto aggravos
Naõ pódes arguir-me,
Responde, tyranna,
Para que he punir-me?

Que farias tu
A quem te offendêra,
Quando assim castigas
A quem te venera?
Teu genio teimoso,
Perdoa que o diga,
He que só revolve
Toda esta fadiga.
Tu he que reprovas
Quanto amor ordena,
As culpas saõ tuas,
E eu pago a pena.
Porém se os impulsos
Nascidos de amor
Sómente motivaõ
O teu desamor,
Deixa-me servir-te,
Ainda que estalle;
Sem que huma vez mais
Em amor te falle.
E qual muda rez
Vai ao sacrificio,
Tal andarei sempre
Em este exercicio.

Nem frio, nem calma,
Nem chuva, nem vento
Seraõ impedidos
Para o meu intento.
Antes extremoso
Naõ farei desvio
Do vento, da chuva,
Da calma, e do frio.
E se inda assim posso
Causar-te desgosto;
Tira-me esta vida,
Faze-me este gosto.
Mas se alguma sétta
A meu peito atiras,
Vê lá como apontas,
Olha naõ te firas.
Pois como te trago
Cá dentro no peito,
Por isso te advirto,
Que o rompas com geito.

ENDEXAS III.

ASSUMPTOS profanos
Ficai-vos embora;
Que mais dignamente
Cantarei agora.

Meus

Meus humildes versos
Meus tristes clamores,
A vós hoje envio
Mãi dos peccadores.
Vós do Padre Eterno
Sois filha estimada;
Mãi de Christo, e Virgem
Sempre immaculada.
Do Espirito Esposa
Sois com gloria quanta,
Da Trindade Templo,
E tres vezes santa.
Oh! que altos mysterios
Conhecemos nós,
Sem os comprehendermos,
Se encerraõ em vós!
Do mundo Patrona
Reinais no Ceo justo;
Sois dos Anjos gloria,
Dos demonios susto.
O Omnipotente
Vos deo tal poder;
Quanto cá os homens
Naõ sabem dizer.

Mas

Mas delle em soccorro
Tanto nosso usais,
Quanto eu necessito
Que me soccorrais.
Neste triste Mundo
Vivendo, naõ sei
Em taõ triste vida
Como acabarei.
As cousas, que mesmas
Domesticas saõ,
Contra mim revestem
Feroz condiçaõ.
Naõ tenho nos homens
Cá na terra abrigo,
Vós bem sabeis tudo
Melhor, que eu o digo.
Mil vezes me lembro,
Será isto assim,
Pelos meus peccados
Serem contra mim
Mas esta lembrança,
Qual luz fuzilada,
Assim que apparece
Já fica apagada.

Se protestos faço
De mais naõ peccar,
De Adaõ fragil filho
Os torno a quebrar.
Porém vós, que isenta
Da culpa de Adaõ,
Sois auxilio certo
De todo o Christaõ;
Pedi a Jesus,
Que me fira o peito;
Com dôr dos aggravos,
Que lhe tenho feito.
E mal que o perdaõ,
Por vós deferir-me;
Pedi-lhe que em outros
Naõ deixe cahir-me
Pois eu só por mim,
Sem este favor,
Farei como d'antes,
E farei peior.
Porque a massa humana
Desta natureza,
He por nossas culpas
Cheia de fraqueza.

Porém vós que cheia
Sois de graça fórte,
Sêde em meu soccorro
Sempre até á mórte.
Para que huma vida,
Por vós veja em mim,
Digna de ir louvar-vos
Na gloria sem fim.
Mas em quanto andar
No val de agonia,
Dai-me o necessario
Para cada dia.
Naõ peço riquezas,
Que em vãos exercicios
Soberba em mim brotem;
Mãi de enormes vicios;
Mas tambem livrai-me
Da triste indigencia;
Mãi dos vergonhosos
Furto, e fraudulencia
Aquillo sómente,
Que sabeis careço;
Pelo amor de Deos
Sómente vos peço.

F I M.

INDICE.

SONETOS.

ADEOS Muzas, adeos, oh quanto, quanto. 100
Adeos, Nize formosa, adeos amada. 43
Adorada Beliza; oh quem me dera. 51
Adormecendo Amor hum certo dia. 63
A flauta já quebrei por descontente. 56
Amado, amado bem, Tirce querida. 33
A Pastora, que eu amo he a mais bella. 38
Apenas rompe a Aurora no Horizonte. 60
Aquelle o rebanho he do Pastor Fido. 75
As aves, que voando pelos ares. 81
Assim como na doce Primavera. 92
Basta, Filena, já de impertinente. 20
Bem folgo, Alberto, achar-te aqui presente. 11
Como corre sereno este ribeiro! 14
Como queres, Enalia, que eu te queira. 76
Conhece-se o bem só quando perdido. 57
Conheço muito bem que o entendimento. 62
Cuidas talvez, Filena, que eu zeloso. 64
Cuidas talvez Pastor, que excepto Flora. 80
Cuidei que nunca mais de amor tyranno. 25
Debaixo desta faia recostado. 3
Deixe estar, minha Mãi, já falta pouco. 88
Despresando Fileno aborrecido. 31
Desse mal indicante, hum ai ardente. 41
Dizes, Floricio meu, que Gil repára. 82
Em materias de Amor a tyrannia. 93

Em

Em mulheres firmeza, oh que loucura. 15
Entre os rios maiores celebrado. 67
Esse bronze, que estava pendurado. 99
Eu ando vagamundo, páro, e corro. 8
Eu bem sei que sou pobre pegureiro. 48
Eu me quizera, Anarda, persuadir. 42
Eu naõ sei o que dentro de mim sinto. 24
Eu naõ sei que Pastor he este Braz. 44
Eu te prometto, Atincio, eu te prometto. 65
Eu vi huma Pastora taõ galante. 18
Eu vos quero, Lorinda, tanto, tanto. 96
Ha vida mais ditosa! toda a vida. 29
Ha vida mais penosa? toda a vida. 28
He possivel meu bem, naõ sei se o creia. 72
He questaõ entre muitos debatida. 95
Hia o Pastor Daluzo conduzindo. 79
Hum novo mar podéra ser formado. 54
Junto á linda Tircéa namorada. 45
Lá do sangue de Adonis salpicadas. 26
Lize, Lize, onde vás, attende, attende. 10
Maldito seja amor mil vezes mil. 21
Manda-me, Nize, á parte mais distante. 70
Minha amada gentil, fazer ditosa. 89
Na Cidade ficai alegremente. 68
Naõ entendas, Albano, que em belleza. 40
Naõ foi acaso, naõ, foi providencia. 98
Naõ sei, Frondelio amigo, certamente. 46
Naõ sei se aquella estrella, que domina. 36
Naõ triunfaria, naõ, naõ certamente. 23
Na Torre do rebanho, que distava. 77
Nem duros esquadrões bem fornecidos. 90
Nes-

Neste valle, onde vivo rodeado. 5
N'hum labyrinto tal vim encerrar-me. 55
Oh! como alegre o ar corre sereno! 13
Oh! quanto vale mais entre a innocencia. 59
Oh! que vistoso dia hoje amanhece! 19
Onde foste, cruel, onde aprender. 53
Ora que faço só neste deserto. 86
O tempo já chegou de eu conhecer. 37
Pelas margens do Téjo descuidado. 9
Por acaso se passa huma semana. 12
Qual do jardim a planta, que mimosa. 69
Qual relogio de Sol, que serventia. 87
Que despenhada cahe daquella fonte. 49
Que fazes, coraçaõ? Vou padecendo. 16
Que importa bem nascido, e bem criado. 50
Que mais queres de mim? Do campo as flôres. 52
Quem de Amphitrite o reino quer passar. 74
Quem diz que naõ he vil pobreza. 78
Quem me dissera a mim, quando luzido. 35
Quem o meu canto ouvir desaffinado. 1
Quem peitos feminís quizer tratar. 84
Quem será esta Ninfa rebuçada. 94
Querendo ao grande Albano dar louvores. 58
Respira coraçaõ, vive contente. 91
Sabe, ingrata Pastora, que o meu gado. 61
Se a choupana, onde durmo se queimára. 6
Se a Fortuna cruel me perseguira 65
Se á proporçaõ do Amor foi sempre a pena. 16
Se como amavel he, fosse amorosa. 17
Se eu soubesse cantar em doce lyra. 7
Se eu tivera noticia de huma gruta. 2

Se embutir-me quereis este affilhado. 71
Sem que tema perder a divindade. 47
Se Venus vosso garbo reflectira. 34
Sonoro passarinho, que cantando. 27
Suspende, ó fonte, já tua corrente. 32
Tanto excesso por mim, Filis, obrar. 30
Tenha maõ, uy, Senhora, vossê vem. 83
Tu laivosa lacaia presumida. 73
Vagando a vil tristeza descorria. 4
Vendo Amor, que Fileno rebatia. 39
Vivo ás mãos de huma ingrata, a quem adoro. 22
Vós homens, que zelosos, e imprudentes. 97

ODES.

Depois da infeliz hora. 115
Eu canto, eu canto agora. 101
Manda-me Amor, que cante. 111
Ouvi homens piedosos. 107
Pois naõ póde a cruel maledicencia. 104
Por cousa fabulosa. 120

ECLOGAS.

Brilhando no Horizonte. 193
Em hum valle sombrio. 126
Era o tempo no qual mais rutilante. 179
Fileno Pastor, que era. 153
Huma noite, que a porta já fechada, 199
Huma tarde, que o vento descomposto. 211
O Pastor Floriano impaciente. 189

Se

Se em verso humilde, e baixo ser cantado. 156
Triste o Pastor Anfrizo se abrasava. 165

POEMA JOCO-SERIO.

Cantando espalharei entre os leitores. 215

EPICEDIO.

Daquella amada Irmã, que eu mais queria. 226

EPISTOLAS.

Amigo Vigier, eu já naõ posso. 233
Em quanto o duro Fado naõ consente. 236
Recebo grande amigo os vossos versos. 229

ROMANCES.

Cuidareis talvez, Senhora. 251
Doce Filena adorada. 248
Eu quero dictar agora. 238
Graças a Amor, já chegou. 253
Hum amor, que logo entrou. 243
Sentado sobre hum penedo. 246

MOTES.

Abre meu peito constante. 255
Acabou-se, já lá vai. 293
A dôr, que sentis no peito. 291

Além da eternidade. 286
A mim mesmo hei de matar. 213
Ardo em chammas amorosas. 279
Beijar-te-hei a cruel maõ. 306
Com mais disfarce o engano. 304
Côntai sempre isenta aos damnos. 287
Cruel depois de rendida. 308
Cupido as séttas quebrou. 295
Deixa-me, cruel saudade. 301
Dêpois que se foi Beliza. 304
Discreta, sisuda, e linda. 315
Eu hei de morrer de firme. 267
Fortuna, sempre és mulher. 319
He mórte sendo immortal. 311
He, naõ he; passou, existe. 303
Hum martyrio no meu peito. 317
Julgarei que me morreo. 309
Lembra-me o tempo passado. 269
Maior que a gloria da dita. 265
Mais sublime se remonta. 301
Morro por viver comtigo. 289
Muito feia he Ignacia. 314
Naõ me culpem de adorar. 259
Naõ me dês esses remoques. 318
Naõ porfie, que naõ vence. 292
Nesta angustia sem igual. 307
Neste monte solitario. 257
O bom fim da Eternidade. 314
Oh! que venturoso dia! 277
Os duros grilhões de Amor. 282
Os pés lhe quero beijar. 312
Pa-

Para mim, que vivo só. 302
Permitta o Ceo. por castigo. 284
Qual das duas he melhor. 294
Qual de nós falla verdade. 305
Quem amas quero adorar. 290
Quem se ausenta do seu bem. 271
Resto da minha paixaõ. 298
Se este amor, em que me inflammo. 285
Se ha serafins cá na terra. 288
Séttas no meu coraçaõ. 317
Se te eu naõ tivera amado. 263
Só eu, só tu, mais ninguem. 309
Sou firme, mas receoso. 292
Tenho o peito entumecido. 311
Vê amor quanto me deves. 275
Venha cá, para que fez. 273
Vossos olhos marotinhos. 261

CANSONETA.

Foi-se Dorinda,
Naõ sei que faço. 320

LETRA.

Chorando magoas.
Neste retiro. 322

EN-

ENDEXAS.

Assumptos profanos,
Ficai-vos embora. 330
Choremos, meus olhos,
A nossa desgraça. 327
Só dar invéja
A todas as flóres. 324

Livros impressos por FRANCISCO ROLLAND, *Impressor-Livreiro em Lisboa.*

AVENTURAS de Telemaco com Notas, em 8.
Atlas Moderno com 24 Mappas, em 8. 1791.
Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano, em 8.
Belisario de Marmontel, em 8.
Cartas sobre as modas de Lisboa, em 8. 1789.
Dialogos dos Mórtos, em 8.
Desvaríos da Razaõ, em 8. 3 Vol.
Escolha das melhores Novellas, em 8. 6 Vol.
Escola fundamental de lêr, escrever, e contar, em 8.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Elementos da Civilidade com a Arte de agradar na Conversaçaõ, em 8.
Fabulas de Esopo com applicaçóes moraes, em 8. 1791.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8. 1788.
Historia Geral de Portugal por la Clede, em 8. 14 Vol.
Historia Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 14 Vol.
Historia Universal de Millot, em 8. 9 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux, em 8. 9 Vol.
Historia de Theodosio o Grande, em 8.
Historia de Carlos Magno, em 8. 2 Vol.
Imitaçaõ de Christo por Kempis, em 12. 1791.
Livro dos Meninos, augmentado com as Sentenças moraes de Milord Kint, em 8. 1791.
Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol.
Medicina Domestica de Buchan, em 8. 5 Vol.
Com brevidade publicarei os Tomos 6, 7, e 8.

Noi-

Noites de Young : Segunda Ediçaõ emendada pelo Traductor dos Seculos Christãos, em 8. 2 Vol. 1791.

Obras Escolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 3 Vol.

Obras Poeticas de Francisco de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.

. . . . . de Quita, em 8. 2 Vol.

Officio da Semana Santa, em 12. fig.

Paraiso Perdido, Poema de Milton, em 8. 2 Vol. 1789.

Panegyricos, e Discursos Evangelicos, em 8. 4 Vol.

Secretario Portuguez com 2 Supplementos, em 8.

Sciencia dos Costumes, Ethica Christã, em 8.

Syntaxe Latina explicada, em 8.

Tratado das Obrigações da Vida Christã por Thracy, em 8. 2 Vol.

Thesouro de Prégadores, em 8. 2 Vol.

Theatro Estrangeiro, em 8. 6 Num.

Vida de Christo na Eucharistia, em 8.

Vida de D. Joaõ de Castro, em 8. fig.